

GAUDIUM SCIENDI



**Número 17
DEZEMBRO 2019**

ISSN 2182-7605

Imagem da capa: *A Porta*

Ana Mandillo, 2012

SUMÁRIO



EDITORIAL

EDITORIAL	7
María Laura Bettencourt Pires	

ARTIGOS

PREDILECÇÃO PELA INFÂNCIA	15
María Helena da Guerra Pratas	
Nota biográfica	32
<i>Abstract/ Resumo</i>	32
LEONARDO'S TRANSDISCIPLINARY MODERNITY	35
María Alexandre Bettencourt Pires	
Notas biográficas	46
<i>Abstract/ Resumo</i>	46
THE BANALITY OF EVIL: CONTROVERSY AND COMPLEXITY OF A CONCEPT	49
Margarida Amaral	
Nota biográfica	64
<i>Abstract/ Resumo</i>	64
ABSOLUTE BEING THE DIVINE ACCORDING TO HESIOD AND PLATO	67
Américo Pereira	
Nota biográfica	74
<i>Abstract</i>	75

**PARA UMA LEITURA 'MIGUELISTA' DE OS FIDALGOS DA CASA
MOURISCA (1872), DE JÚLIO DINIS (1839-1871) 77**

Miguel Alarcão

Nota biográfica	94
Abstract/ Resumo	94

**COMEMORAÇÃO DE DUZENTOS ANOS DA PUBLICAÇÃO DE
IVANHOE 97**

Maria Laura Bettencourt Pires

Nota biográfica	113
Abstract/ Resumo	114

RECENSÕES CRÍTICAS

***A Relação Médico Doente: Um Contributo da Ordem dos Médicos* 120**

Autor: Vários

***O Anibaleitor* 121**

Autor: Rui Zink

INFORMAÇÕES SOBRE GAUDIUM SCIENDI

➤ Informações	125
➤ Normas para submissão de artigos	127
➤ Conselho Editorial	129
➤ Conselho Consultivo	131
➤ Conselho de Avaliação	133

ABOUT US

➤ About us	137
➤ Rules for publication	139
➤ Editorial Board	141
➤ Advisory Board	143
➤ Blind Peer Review	145

Nota: O Conselho Editorial da *Gaudium Sciendi* respeita a decisão pessoal dos autores de não escreverem segundo o projecto do chamado Novo Acordo Ortográfico.



"IS THERE A SANTA CLAUS?"



Virginia O'Hanlon

"Yes, Virginia, There is a Santa Claus"

Ao constatar que estava a escrever este texto introdutório quase na época natalícia, inspirada pelo célebre Editorial do conhecido jornal *The Sun*¹, da autoria de Francis Pharcellus Church, decidi intitulá-lo "Is There a Santa Claus?". O artigo de fundo de Church, que ficou famoso e era assim denominado, foi publicado em Setembro de 1897 e, desde então, é frequentemente citado e faz parte do "folclore" da tradição popular do Natal nos Estados Unidos, vindo a ser reproduzido em livros, filmes, *posters* e até selos.

¹ *The Sun* era um conhecido jornal de Nova Iorque, que foi fundado em 1833 e deixou de ser publicado em 1950.

No seu texto, o jornalista respondeu a uma "Carta ao Editor", que foi escrita por uma menina de oito anos, Virginia O'Hanlon, de que incluo uma fotografia, que lhe perguntava, se havia, de facto, um Pai Natal pois alguns dos seus amiguinhos lhe afirmavam que não havia "Santa Claus".

A resposta de Church merece ser citada por revelar bem toda a sua visão e sabedoria e por continuar a ter interesse para as crianças e até para alguns adultos, do nosso século:

"Virginia, Your little friends are wrong. They have been affected by the skepticism of a skeptical age. They do not believe except what they see. They think that nothing can be which is not comprehensible to their little minds. All minds, Virginia, whether they be men's or children's, are little. In this great universe of ours man is a mere insect, an ant, in his intellect, as compared with the boundless world about him, as measured by the intelligence capable of grasping the whole of truth and knowledge.

Yes, Virginia, there is a Santa Claus. He exists as certainly as love and generosity and devotion exist".

Francis Pharcellus Church



Relacionado com esta evocação das ideias de Church, podemos acrescentar a seu propósito que as tendências no nosso mundo, cada vez mais interligado a alta velocidade, nos levam a compreender que tanto a literatura - como a música, o cinema e os meios de comunicação digitais - nos permitem interpretar, de modo inesperado mas essencial, o universo em que vivemos. Tal como nos diz Roland Barthes, em *Leçon*², apercebemo-nos assim não apenas dos limites, mas também do poder, da literatura e da música, assim como da responsabilidade de fazer arte num ambiente cultural em perpétua mudança. Para atingir esse objectivo, e podermos ter um pensamento crítico, temos de estar em constante diálogo com um grande número de discursos teóricos e de movimentos intelectuais, tal como os que procuramos publicar na *Gaudium Sciendi*.

Os ensaios coligidos neste número da *Gaudium Sciendi*, devido à heterogeneidade de referências, à complexidade de pontos de vista e ao cruzamento de áreas científicas, demonstram bem que a nossa revista continua fiel ao seu espírito e objectivo.

Com efeito, ao ler este 17º tomo, verifica-se que, desde há oito anos, que os nossos ilustres colaboradores, com os seus artigos escritos numa expressão rica e plurissignificativa, têm continuado a contribuir para que a *Gaudium Sciendi* seja cada vez mais apreciada tanto a nível nacional como internacional.



Relativamente ao conteúdo deste volume, podemos dizer que a introdução que escrevemos para o Editorial está, de algum modo, relacionada com o artigo de Maria Helena da Guerra Pratas, intitulado "Predilecção pela Infância", no qual a autora – revelando todo o seu saber sobre Teologia - nos fala de uma reconfiguração do religioso e de abertura à santidade também das crianças. Neste incentivador estudo, realizado com

² Roland Barthes, *Leçon*, Editions du Seuil, 1989. Texto da Lição Inaugural da cadeira de "Semiologia Literária" que Barthes deu no Collège de France em 7 de Janeiro de 1977.

uma metodologia teológica, vemos como a infância é encarada nos vários textos da Sagrada Escritura assim como no Magistério recente da Igreja Católica.

Neste número, tivemos um presente de Natal que nos foi oferecido por Maria Alexandre Bettencourt Pires, que é doutorada em Anatomia e colaborou com um artigo intitulado "Leonardo's Transdisciplinary Modernity". Demonstrando todo o seu conhecimento sobre transdisciplinaridade, neste ensaio, a conhecida autora fala-nos de Leonardo da Vinci, que considera "o melhor exemplo de como evoluem a cultura e a sabedoria nos espíritos de quem estuda Anatomia".

Em "The Banality of Evil: Controversy and Complexity of a Concept" Margarida Amaral disserta sobre o controverso conceito de banalidade do Mal de Hannah Arendt e faz uma magistral análise do filme *Hannah Arendt* de Margarethe von Trotta. O objectivo da autora, que, aliás, atinge brilhantemente, é demonstrar que, embora seja inegável que há diferenças entre os dois conceitos, os podemos combinar de forma a chegarmos à conclusão que a banalidade pode levar ao mal radical.

Américo Pereira, no seu artigo intitulado "Absolute Being the Divine according to Hesiod and Plato" relata-nos, com o brilho habitual, como Hesíodo e Platão, assim como as narrativas de Homero, propõem o Bem como a positividade que cria o ser absoluto.

"Para uma leitura 'miguelista' de *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1872), de Júlio Dinis (1839-1871)" é o título do artigo do nosso estimado colaborador, Miguel Alarcão, que tão frequentemente enriquece o conteúdo da *Gaudium Sciendi*. No seu ensaio, o autor aborda alguns traços, sinais e vestígios do tempo de D. Miguel na representação romanesca de *Os Fidalgos da Casa Mourisca* de Júlio Dinis.

Com o objectivo de comprovar que a fama de *Sir Walter Scott* (1771-1832) se mantém desde há dois séculos e que o seu nome continua a ser conhecido em todo o mundo, Maria Laura Bettencourt Pires, escreveu o artigo intitulado "Comemoração de Duzentos Anos da Publicação de *Ivanhoe*", que encerra o volume.

Ao concluir este Editorial, quero agradecer a todos os leitores e colaboradores o seu interesse e apoio contínuo ao nosso trabalho assim como as questões epistemológicas e éticas sobre que sempre se debruçam e que analisam com metodologia científica e rigor.

Maria Laura Bettencourt Pires
Directora da Gaudium Sciendi

ARTIGOS



PREDILECÇÃO PELA INFÂNCIA



***Maria Helena da Guerra Pratas
Universidade Católica Portuguesa
Sociedade Científica***

Em 13 de Maio de 2017, o Papa Francisco canonizou em Fátima duas crianças, Jacinta e Francisco Marto, depositárias da Mensagem da Virgem, anteriormente beatificadas pelo Papa João Paulo II em Maio de 2000. Já o Papa Pio XII dissera: "Não deveis acreditar que a menoridade seja um obstáculo para o caminho rumo à perfeição até mesmo consumada, ou seja, a santidade"¹; alguns anos antes, o seu predecessor São Pio X exclamara: "Haverá santos entre as crianças"². No entanto, não foi fácil, ao longo do processo da sua beatificação, chegar à conclusão unânime de que duas crianças podiam ser santas, alcançar a santidade pelo exercício heróico das virtudes cristãs. O exemplo destas primeiras crianças de Fátima abriu de certo modo caminho a uma nova reconfiguração do religioso, de abertura à santidade também das crianças, nem sempre devidamente valorizadas nas dinâmicas pastorais.

¹ Cf. *Pontificium Opus a Sancta Infantia*, in http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cevang/p_missionary_works/infantia/documents/rc_ic_infantia_doc_2001_1025_boletin9p9_po.html. (consultado 16-VII-2019).

² *Ibidem*. Os textos dos Papas para os quais não se indiquem outras fontes foram consultados no site do Vaticano, <http://www.vatican.va>

João Paulo II, na *Homilia na Beatificação de Francisco e Jacinta Marto*, em 13 de Maio de 2000, quis explicitamente fundamentar a beatificação de duas crianças que não foram mártires nas palavras de Jesus no Evangelho:

"Eu Te bendigo, ó Pai, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos". 'Eu te bendigo, ó Pai, por todos os teus pequeninos, a começar pela Virgem Maria, tua humilde Serva, até aos pastorinhos Francisco e Jacinta. Que a mensagem das suas vidas permaneça sempre viva para iluminar o caminho da humanidade!"³

O objectivo deste ensaio foi o de estudar e aprofundar - seguindo a metodologia teológica - como é encarada a infância nos textos da *Sagrada Escritura*, da Tradição cristã e do Magistério recente da Igreja Católica romana, de modo compreendê-la melhor e o porquê desta predilecção pela infância manifestada nos Evangelhos e na escolha de crianças como destinatários das mensagens divinas.

I. Predilecção pela Infância: Raízes na *Sagrada Escritura*

A predilecção pela infância – e com ela, uma teologia da Infância - tem as suas raízes na *Sagrada Escritura*. Já no Antigo Testamento se fala da atitude de infância – pobreza, humildade e pequenez daqueles que esperam em Deus - como uma atitude de espírito oposta ao orgulho, que predispõe para receber os dons divinos. Encontram-se algumas alusões a uma atitude de infância, de abandono filial da alma em Deus no *Salmo 130*: "Senhor, o meu coração não se orgulha (...) aquieto e sossego a minha alma, como uma criança saciada no regaço de sua mãe; como uma criança saciada, assim está a minha alma" Ps 130 (131)⁴; o livro dos Provérbios diz: "Se alguém é pequenino, venha a mim" (Prov. 9, 4). Em diversos Salmos se manifesta a mesma atitude de confiança; por exemplo, nos Salmos 21, 11, 26, 10 e

³ S. João Paulo II, *Homilia na Beatificação de Francisco e Jacinta Marto*, Fátima, 13-V-2000.

⁴ Cf. Bento XVI, "Audiência", 10.VIII.2005, onde refere explicitamente o Salmo 130 como "a parábola ideal da verdadeira "infância" do espírito, que se abandona em Deus não de um modo cego e automático, mas sereno e responsável".

70, 5-6. Outros livros da *Sagrada Escritura* recolhem alusões a uma atitude de infância: o Siracide aconselha fazer-se pequeno para achar graça diante de Deus (Sir 3, 19-20); o Livro da Sabedoria afirma que aos pequenos é concedida misericórdia (Sab. 6, 6-7); o profeta Isaías compara Deus a uma mãe que não esquece o filho das suas entranhas (Is 49, 15) e o cuida com ternura: "acariciados sobre o seu regaço. Como uma mãe consola o seu filho, assim eu vos consolarei" (Is. 66, 12-13)⁵.

II. Uma Realidade Profundamente Evangélica

A necessidade imperiosa de tornar-se como crianças diante de Deus aparece sobretudo no Novo Testamento, como uma realidade profundamente evangélica: "Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele", afirmou Jesus Cristo (Mc. 10, 14-15; Lc 18,16). O próprio Mestre manifesta a sua predileção pelas crianças: "Deixai vir a Mim as criancinhas, não as afasteis, acrescentando, Pois, a quem é como elas pertence o Reino de Deus" (Mc 10, 14). E põe uma criança como modelo aos Apóstolos, depois destes terem discutido entre si sobre qual deles era o maior (Mc 9, 36). Mateus relata que, quando os discípulos lhe perguntaram:

"Quem é o maior no Reino dos Céus? Jesus, chamando uma criança, pô-la no meio deles e disse: Na verdade vos digo que, se não vos converterdes e vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus. Aquele, pois, que se fizer pequeno como esta criança, esse será o maior no Reino dos Céus" (Mt 18, 2-4).

Na mesma ocasião, o Mestre pronuncia palavras de advertência severas:

".... se alguém escandalizar um destes pequeninos que crêm em mim, seria preferível que lhe suspendessem em volta do pescoço uma mó de moinho, das movidas pelos jumentos, e o lançassem nas profundezas do mar." (Mt 18,6)

Jesus, que não ignora os caprichos das crianças, não se detém - como faria São Paulo – nas suas deficiências, mas propõe aos seus discípulos uma atitude espiritual

⁵ Cf. Berrouard, Marie François, De Sainte-Marie, François e Bernard, Charles André, *Enfance Spirituelle, Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique*, IV, (Paris: Beauchesne, 1960), pp. 682-687.

humilde, dócil, confiante e receptiva, indispensável para entrar no Reino, e para que lhes sejam revelados os mistérios de Deus (Mt. 11, 25-26, Lc 10, 21).

Não é fácil determinar exactamente em que consiste este tornar-se como criança. É claro, pelas palavras do Mestre, que se trata de uma conversão, de um estado interior que é necessário alcançar. Parece referir-se a uma atitude de filho pequeno que reconhece e ama a total dependência de seu Pai; uma atitude que nada tem a ver com infantilidade, ou com imaturidade humana, mas que exige, pelo contrário, uma maturidade espiritual profunda⁶. Mas, para nos aproximarmos do seu significado mais autêntico, nada melhor do que considerar o que nos dizem a Tradição e o Magistério da Igreja.

III. A Infância na Tradição Cristã

Os Padres da Igreja comentam de um modo muito variado este convite de Jesus a fazer-se como crianças para entrar no Reino, aludindo, não tanto a um modo de tratar a Deus - ou a um caminho contemplativo - mas preocupando-se mais em salientar as virtudes que se simbolizam nesta comparação.

A filiação divina e a humildade são dois elementos comuns na pregação dos Padres da Igreja e escritores eclesiásticos: São Clemente de Roma, Papa (séc. I-II), Orígenes (séc. II-III) e Santo Agostinho (séc. IV-V) vêm em Jesus um exemplo de humildade, atitude que consideram o fundamento da vida espiritual⁷.

No exemplo das crianças, de que Jesus fala nos Evangelhos, os Padres e escritores eclesiásticos destacam virtudes como a inocência, a pureza e a simplicidade. Clemente de Alexandria (séc. II-III) interpreta Mt 18, 1-4 falando dos

⁶ Cf. Berrouard, *Enfance Spirituelle*, pp. 688-692, p. 704. Cf. De Sainte-Marie e Bernard, *Enfance Spirituelle*, p. 712.

⁷ Cf. Rouet de Journel, Marie Joseph, Dutilleul, J., *Enchiridion Asceticum. Loci SS. Patrum et Scriptorum Ecclesiasticorum ad Ascesim Spectantes*, 4ª ed. (Barcelona: Herder, 1947), 596, Santo Agostinho, *Sermones* 69, 1,2: PL 88, 418: "*humilitas fundamentum perfectionis*".

cristãos como crianças, ou seja, como aqueles que reconhecem Deus como Pai, simples, pequenos, inocentes. Diz que Jesus exorta a que - imitando as crianças – se ponha toda a sua atenção no Pai, procurando unir-se a Ele ⁸. No Pastor de Hermas (s. II) os que se fazem como crianças são os que se afastam da malícia e se revestem da inocência⁹. Santo Ambrósio (séc. IV) fala dos que se fazem como crianças não porque sejam ignorantes, mas porque se fazem simples por virtude, voluntariamente¹⁰. Para São João Crisóstomo (séc. IV-V) as crianças são os que são sinceros e simples¹¹. São Jerónimo (séc. IV-V) ao comentar Mt 3,18 fala igualmente da inocência e da ausência de malícia¹².

Os Padres da Igreja e escritores eclesiásticos dos primeiros séculos estão longe ainda de procurar na infância uma forma de espiritualidade. São Leão Magno (séc. V) é o primeiro que estabelece explicitamente uma ligação entre a infância de Jesus e o espírito de infância espiritual ¹³. Apela à imitação da humildade que Cristo

⁸ Cf. Clemente de Alexandria, *Paedagogus* I, 5, 16-17: PG 8, 268d-269b.

⁹ Cf. Pastor de Hermas, Sim. 9, 29, 3: PG 2, 1008. Cf. Rouet De Journal e Dutilleul, *Enchiridion Asceticum*, 39: "sicut infantes, nequitiam non habentes (...) Beati igitur vos, quicumque malitiam a vobis removeritis, innocentiam vero indueritis; primi omnium vivetis Deo".

¹⁰ St^o Ambrósio, *Expositio evangelii secundum Lucam* 8, 57: ML 15, 1782c: "Cur autem pueros aptos regno dicit esse caelorum? (cf. Lc 18, 16) Fortasse quia malitiam nesciant, fraudare non noverint, referire non audeant, scrutari ignorent opes, honorem, ambitionem non appetant. Sed non ignorare ista virtus est, sed contemnere, nec continentiae laus, ubi infirmitatis integritas; non igitur pueritia, sed aemula puerilis simplicitatis bonitas designatur. Non enim virtus est non posse peccare, sed nolle, atque ita tenere perseverantiam voluntatis, ut voluntas infantiam, usus imitetur naturam".

¹¹ Cf. S. João Crisóstomo, *In Matthaeum* 38, 1: PG 57, 429

¹² Cf. S. Jerónimo, *In evangelium Matthaei comm.*, 3, 18, 3: PL 26, 128: "Non praecipitur apostolis, ut etatem habeant parvolorum, sed ut innocentiam, et quod illi per annos possident, hi possideant per industriam, ut malitia, non sapientia parvuli sint".

¹³ Cf. S. Leão, *Sermo* 37, 3: PL 54, 258c: Cf. Pourrat, Pierre, *Enfance*, 132: "La première origine de l' 'esprit d'enfance' se trouve historiquement dans l'attitude prise par Jésus à l'égard des petits enfants (...). La contemplation de Jésus Enfant est la seconde source – et la plus importante – d'où est sortie la spiritualité de l'esprit d'enfance".

¹³ Cf. S. Leão, *Sermo* 37, 3: PL 54, 258c: "Amat Christus infantiam, quam primum et animo suscepit et corpore. Amat Christus infantiam, humilitatis magistram, innocentiae regulam, mansuetudinis formam". Cf. Noye, Irénée, *Enfance de Jésus*, pp. 652-654. Cf. Rouet De Journal e Dutilleul, *Enchiridion Asceticum*, pp. 988-989.

manifesta ao tornar-se criança e refere que Cristo ama a infância, que é mestra de virtudes ¹⁴.

Em continuidade com São Leão Magno, São Máximo de Turim (séc. V) fala também da infância cristã ou da infância do cristão. Afirma que a criança que os Apóstolos devem tomar como modelo para se tornarem como crianças (cf. Mt 18,3) é o próprio Cristo, anunciado pelo profeta Isaías como um Menino (Is 9,5)¹⁵. Também São João Clímaco (séc. VI), indo ainda mais longe, se refere àqueles que são crianças em Cristo¹⁶.

O seguimento do cristão com respeito a Cristo é visto como imitação e devoção aos mistérios da vida de Jesus. Desenvolve-se o culto cheio de afecto à Humanidade do Senhor e, em particular, aos mistérios da Infância. O seguimento e imitação de Cristo - entendido como participação e realização dos seus mistérios na vida pessoal - é característico da Idade Média, como se manifesta, por exemplo, em São Bernardo (séc. XII) que difundiu muito a devoção à Infância de Jesus ¹⁷. No século XIII foi igualmente desenvolvido por São Francisco de Assis o espírito de infância e de simplicidade, unido à sua conhecida devoção ao Presépio ¹⁸, e

¹⁴ Cf. S. Leão, *Homilia 7: Corpus Christianorum*, series latina (CCL) 138, 200. Cf. Loarte, J.A., *El tesoro de los Padres. Selección de textos de los Santos Padres para el cristiano del tercer milenio* (Madrid: Rialp, 1998), 264: "para San León, el ciclo litúrgico tiene una importancia capital en la vida cristiana. La liturgia es como una prolongación de la vida salvífica de Cristo en la Iglesia, su Cuerpo Místico. Los cristianos, configurados con el Señor por medio de los sacramentos, deben imitar la vida de Jesucristo en el ciclo anual de las celebraciones".

¹⁵ Cf. S. Máximo de Turim, *Sermo 54*: CCL 23, p. 218.

¹⁶ Cf. S. João Clímaco, *Scala paradisi*: PG 88, 636d. Cf. Rouet De Journal e Dutilleul, *Enchiridion Asceticum*, 1094: "Omnes qui in Christo sunt infantes, ab iis ducant initium; et ex illis ipsis, qui infantes corpore sunt, exemplum capiant".

¹⁷ Cf. S. Bernardo, *Sermones*: PL 183, 87-152, 383-398. Cf. Leclercq, J., "Sequela Christi e imitazione", *Dizionario degli Istituti di Perfezione*, VIII (Roma, 1988), pp. 1307-1311.

¹⁸ Cf. Gennaro, C., *Infancia Espiritual*, 306; Noye, *Enfance de Jésus*, 659; Pourrat, *Enfance*, p. 134.

também por São Boaventura ¹⁹, por Santa Gertrudes e por Santo António ²⁰. Associada a esta devoção à infância de Cristo, desenvolve-se gradualmente a infância espiritual como doutrina.

Algumas das alusões doutriniais à infância espiritual encontramos-las em São Bernardo ao falar da necessidade da conversão interior ²¹, em São Francisco de Assis ao pregar e procurar viver o espírito de infância, chegando a personificá-lo, através do seu abandono filial à Providência divina ²² em São Boaventura ao procurar descobrir na infância de Cristo as atitudes necessárias a uma ascensão espiritual e ao insistir na humildade e na simplicidade como condições para entrar no Reino dos Céus ²³. Sem que haja ainda uma elaboração doutrinal da vida de infância, na Idade Média vai-se desenvolvendo um clima propício a esta ²⁴.

A devoção e ternura para com Jesus Menino convidam a uma atitude de infância espiritual, que se vai divulgando progressivamente por diversos países, e que atinge o seu maior esplendor no século XVII. Um dos seus promotores em França é o Cardeal Bérulle que admira em Jesus Menino a sua dependência extrema, o silêncio, o abaixamento de Deus, e considera a contemplação da infância de Jesus uma enorme fonte de graças para a alma, graças como a inocência, a indigência, a obediência e a docilidade, a pureza, etc. A contemplação do Menino Deus e das suas disposições, convida a torná-las próprias. Juntamente com Marguerite du Saint-Sacrement, do Carmelo de Beaune, toda esta

¹⁹ Cf. S. Boaventura, *Opera Omnia* (Paris: Vivès, 1868): *Lignum vitae*, XII, pp. 70-71, *Sermones*, pp. 31-52, p. 13, pp. 50-86, *De quinque festivitibus pueri Jesu*, XIV, pp. 139-150.

²⁰ Cf. Pourrat, *Enfance*, p. 133.

²¹ S. Bernardo, *Sermo*: PL 183, p. 365 ab; cf. Noye, *Enfance de Jésus*, pp. 658-659.

²² Cf. Pourrat, *Enfance*, p. 134.

²³ Cf. S. Boaventura, *De quinque festivitibus pueri Jesu*, p. 139-150; Cf. Gennaro, *Infancia Espiritual*, p. 306.

²⁴ Cf. Noye, *Enfance de Jésus*, pp. 659-682.

espiritualidade irá exercer uma influência decisiva no Carmelo francês e através dele, em Teresa de Lisieux²⁵.

Uma das linhas de força da espiritualidade medieval é a devoção à Humanidade de Cristo e a conformidade do cristão com os mistérios da vida de Cristo²⁶. Desenvolve-se o culto cheio de afecto à Humanidade do Senhor sobretudo na Idade Média, por exemplo, em São Bernardo (séc. XII)²⁷. No século XIII foi igualmente desenvolvido por São Francisco de Assis o espírito de infância e de simplicidade, unido à sua conhecida devoção ao Presépio e também por São Boaventura²⁸, por Santa Gertrudes e por Santo António²⁹.

Deste modo, desenvolve-se gradualmente a importância da atitude de infância espiritual como doutrina. Algumas das alusões doutrinárias à atitude de infância espiritual encontram-se em São Bernardo ao falar da necessidade da conversão interior³⁰, e em São Francisco de Assis ao pregar e procurar viver o espírito de infância, chegando a personificá-lo, através do seu abandono filial à Providência divina³¹; também São Boaventura insiste na humildade e na simplicidade como condições para entrar no Reino dos Céus³². Sem que haja ainda uma elaboração doutrinária da vida de infância, na Idade Média vai-se desenvolvendo um clima propício a esta³³.

²⁵ Sobre os Carmelos franceses e sobre Marguerite du Saint-Sacrement, o Carmelo de Beaune e Marie de Saint-Pierre em Tours, cf. Noye, *Enfance de Jésus*, pp. 667-681; Pourrat, *Enfance*, pp. 135-137.

²⁶ Cf. De Guibert, Joël, "Ascèse", *Dictionnaire de Spiritualité*, I, p. 978.

²⁷ Cf. S. Bernardo, *Sermones*: PL 183, pp. 87-152, pp. 383-398.

²⁸ Cf. S. Boaventura, *Opera Omnia*, (Paris: Vivès, 1868): *Lignum vitae*, XII, pp. 70-71, *Sermones* 31-52, 13, 50-86, *De quinque festivitibus pueri Jesu*, XIV, pp. 139-150.

²⁹ Cf. Pourrat, *Enfance*, p. 133.

³⁰ S. Bernardo, *Sermo*: PL 183, p. 365 ab; Cf. Noye, *Enfance de Jésus*, pp. 658-659.

³¹ Cf. Pourrat, *Enfance*, p. 134.

³² Cf. S. Boaventura, *De quinque festivitibus pueri Jesu*, pp. 139-150; Cf. Gennaro, *Infancia Espiritual*, p. 306.

³³ Cf. Noye, *Enfance de Jésus*, 659-682. A devoção e ternura para com Jesus Menino convida a uma atitude de infância espiritual, que se vai divulgando progressivamente por diversos países, e que atinge o seu maior esplendor no século XVII. Toda esta

Também no século XVII, em Itália, com Anna Moroni e outras doze companheiras, surgiu em Roma (1672) uma congregação cuja espiritualidade se fundava na contemplação de Jesus em Belém, para chegar, através dela, à semelhança com o Verbo Encarnado. O espírito de infância passa a ser visto como uma via de santificação, constituído tanto pela devoção a Jesus Menino, como pelo hábito de meditar nas qualidades das crianças como imagem das virtudes cristãs: humildade, pobreza, despojamento, abandono, pureza de coração, simplicidade interior, unidas à consciência da filiação divina que o Filho de Deus nos alcançou ³⁴.

A riqueza desta devoção e da "via de infância" espiritual aliada à contemplação de Jesus Menino e à filiação divina, parecem condensar-se no título de uma obra póstuma de Jean Blanlo, do século XVII: *L' enfance chrétienne qui est une participation de l'esprit et de la grâce du divin Enfant Jésus Verbe incarné*. O autor considera que este espírito de infância é uma consequência do Baptismo e põe em relevo as disposições interiores de dependência radical de Deus, de humildade e de docilidade ao Espírito Santo. Estas adquirem-se pela oração e pela meditação frequente e a adoração contínua do Deus que se fez homem e criança por nós. Esta contemplação levará a uma união afectiva ao Verbo Encarnado, com o desejo de O imitar e por Ele e n' Ele, agradecer ao Pai, pela virtude do Espírito Santo ³⁵.

Esta doutrina vai, pois, gradualmente, adquirindo maior consistência; tomará uma fisionomia definitiva, graças sobretudo a Santa Teresinha do Menino

espiritualidade irá exercer uma influência decisiva no Carmelo francês e em Teresa de Lisieux; cf. Pourrat, *Enfance*, pp. 135-137

³⁴ Cf. De Sainte-Marie e Bernard, *Enfance Spirituelle*, pp. 705-709. Cf. Pourrat, *Enfance*, pp. 134-135: "l'esprit d'enfance est une méthode de sanctification. Elle comporte deux éléments. D'abord la dévotion à l'Enfant Jésus (...). L'autre élément de la méthode est l'habitude d'envisager les qualités attribuées aux petits enfants comme les images des vertus chrétiennes".

³⁵ Blanlo, Jean, *L'enfance chrétienne qui est une participation de l'esprit et de la grâce du divin Enfant Jésus Verbe incarné* (Paris, 1665), p. 139. Cf. De Sainte-Marie e Bernard, *Enfance Spirituelle*, pp. 709-710.

Jesus (1873-1897), através da qual a expressão "infância espiritual" penetrará no Magistério Pontifício ³⁶.

Foi em contacto directo com a Sagrada Escritura e graças a uma iluminação especial do Espírito Santo, que Teresa de Lisieux descobriu um "caminhito" muito direito e muito curto ou como ela própria narra nos seus manuscritos autobiográficos:

"Uma espécie de ascensor para me elevar até Jesus, pois sou muito pequena para subir a difícil escada da perfeição. Então procurei nos livros santos uma indicação do ascensor, objecto do meu desejo, e li estas palavras proferidas pela boca da Sabedoria Eterna: 'Se alguém é pequenino, venha até mim' (Prov. 9, 4). E vim, convencida de que tinha encontrado o que procurava e para saber, ó meu Deus!, o que é que Vós faríeis ao pequenino que respondesse ao vosso apelo, continuei as investigações e eis o que encontrei: 'Como a mãe acalenta o filho, assim vos consolarei, vos trarei ao colo e vos embalarei sobre os joelhos' (Is 66, 13.12)" ³⁷

A sua vida de infância alimenta-se destas expressões bíblicas. Descreve este caminho da infância espiritual como o caminho da confiança e do abandono completo nos braços do Pai ³⁸. Teresa não entendia "infância" em sentido literal, mas por analogia com determinadas qualidades que se podem encontrar nos mais pequenos, pois, como ela própria dizia, necessitamos de imagens para compreender melhor as realidades invisíveis ³⁹.

³⁶ Cf. De Sainte-Marie e Bernard, *Enfance Spirituelle*, pp. 710-713; cf. Gennaro, *Infancia Espiritual*, p. 306.

³⁷ Santa Teresa do Menino Jesus, *Histoire d'une âme* (Lisieux, 1898); trad. port., *História de uma Alma. Manuscritos autobiográficos*, 13^a ed. (Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1997), Manuscrito C (3r); ID., *Oeuvres Complètes. Textes et Dernières Paroles* (Paris: Ed. Du Cerf, Desclée de Brouwer, 1992); trad. port., *Obras Completas. Textos e últimas Palavras* (Paço de Arcos: Carmelo, 1996).

³⁸ Cf. Santa Teresa do Menino Jesus, *Histoire d'une âme*, Manuscrit B (1r): "ce chemin c'est l'abandon du petit enfant qui s'endort sans crainte dans les bras de son Père".

³⁹ Cf. Santa Teresa do Menino Jesus, *Derniers Entretiens*, 21-26-V, 9: "Les Saints Innocents, dit-elle, ne sont pas des enfants au Ciel; ils ont seulement les charmes indéfinissables de l'enfance. On se les représente enfants, parce que nous avons besoin d'images pour comprendre les choses invisibles".

Que quer dizer este ser criança diante de Deus? Respondendo a esta mesma pergunta, Teresa esclarece:

"É reconhecer o seu nada, esperar tudo de Deus, como uma criança espera tudo do Pai; é não se inquietar com nada, não acumular bens (...). Fiquei por isso sempre pequenina, não tendo outra ocupação senão a de colher flores, as flores do amor e do sacrifício, e oferecê-las a Deus para Lhe dar gosto. Ser pequeno, é ainda não atribuir a si mesmo as virtudes que se praticam, julgando-se capaz de alguma coisa (...). Enfim, é não desanimar com as próprias faltas, pois as crianças caem muitas vezes, mas são demasiado pequenas para se magoarem muito" ⁴⁰ .

O reconhecimento da própria pequenez, a confiança no amor e na acção santificante de Deus até à audácia e a colaboração generosa à graça divina são os pontos básicos desta via de infância, tal como Teresa a apresenta. O abandono de criança que confia absolutamente no amor e na misericórdia de seu Pai Deus, traduzem-se depois na sua obra em múltiplas imagens e palavras, exemplos, conselhos e atitudes práticas nas coisas pequenas da vida quotidiana, o seu campo preferido de acção ⁴¹. Não foi para ela uma via fácil, nem isenta de sofrimentos, dúvidas e tentações. Mas também nos momentos de prova, considera-se um pequeno brinquedo de Jesus, a sua pequena bola, ou um pequeno grão de areia, uma pequenina ave. Estas expressões, ou outras que utiliza, como a de colher pequenas flores para oferecer a Jesus, embora com um certo sabor de romantismo, não invalidam nem escondem a sua fortaleza; ao espírito de infância alia-se uma

⁴⁰ Santa Teresa do Menino Jesus, *Œuvres Complètes, Derniers Entretiens*, 6-VIII, 8: "Je lui demandai le soir pendant Matines ce qu'elle entendait par "rester petite enfant devant le bon Dieu". Elle me répondit : C'est reconnaître son néant, attendre tout du bon Dieu, comme un petit enfant attend tout de son père ; c'est ne s'inquiéter de rien, ne point gagner de fortune. (...) je n'ai pas voulu grandir, me sentant incapable de gagner ma vie, la vie éternelle du Ciel. Je suis donc restée toujours petite, n'ayant d'autre occupation que celle de cueillir des fleurs, les fleurs de l'amour et du sacrifice, et de les offrir au bon Dieu pour son plaisir. Être petit, c'est encore ne point s'attribuer à soi-même les vertus qu'on pratique, se croyant capable de quelque chose, mais reconnaître que le bon Dieu pose ce trésor dans la main de son petit enfant pour qu'il s'en serve quand il en a besoin ; mais c'est toujours le trésor du bon Dieu. Enfin, c'est de ne point se décourager de ses fautes, car les enfants tombent souvent, mais ils sont trop petits pour se faire beaucoup de mal".

⁴¹ Cf. Gennaro, *Infancia Espiritual*, p. 307. Cf. De Meester, C., *Infancia Espiritual*, p. 906.

grande maturidade espiritual, própria dos santos. Independentemente das imagens que utiliza, a sua doutrina e os seus escritos traduzem um sentido profundo da filiação divina do cristão e um estado de íntima união da alma com Deus ⁴².

IV. A Infância no Magistério Recente

Foi sobretudo a partir de Teresa de Lisieux, que o termo "infância espiritual" apareceu no Magistério Pontifício. Bento XV, ao declarar a heroicidade das suas virtudes, pronunciou uma alocução sobre o caminho de Teresa, denominando-o "infância espiritual" e considerando-o como o segredo da sua santidade; salientou que pressupunha uma fé vivíssima em Deus, uma confiança absoluta na sua Providência e que era uma homenagem ao seu poder e misericórdia ⁴³. Pio XI, ao canonizá-la no dia 17 de Maio de 1925, não duvidou em afirmar que o Espírito lhe tinha manifestado as verdades que costuma ocultar aos sábios e inteligentes e revelar aos pequenos; comparou o seu caminho ao estado das crianças inocentes, puras, simples e sinceras. Esta inocência e pureza que as crianças possuem naturalmente, devem alcançá-la os cristãos pela virtude. Referindo-se à originalidade da sua doutrina, pô-la como exemplo de santidade para todos, acrescentando que o seu caminho, de infantil, não tinha senão o nome⁴⁴. João Paulo II, ao declará-la Doutora da Igreja universal, em 19 de Outubro de 1977, acrescentou algo que parece interessante salientar: que na existência de Teresa, Deus ofereceu ao mundo uma mensagem precisa, ao assinalar um caminho evangélico que todos podem percorrer, porque todos estão chamados à santidade. O seu "caminho de infância espiritual" pelo qual Teresa conseguiu transmitir a beleza da confiança e do abandono em Deus, da simplicidade da infância

⁴² Cf. De Sainte-Marie e Bernard, *Enfance Spirituelle*, p. 713: "Nos répugnances d'adultes devant les expressions et les attitudes des 'enfants spirituels' n'ont (...) pas raison d'être (...) celles-ci sont le signe de l'amour mystique et de l'union de l'âme avec Dieu".

⁴³ Cf. Bento XV, AAS 13 (1921), pp. 449-452.

⁴⁴ Cf. Pio XI, AAS 17 (1925), pp. 211-214. Pio XII refere-se a ela por ocasião da consagração da basílica de Lisieux, AAS 46 (1954), pp. 404-408. Paulo VI, no centenário do seu nascimento, propõe-na como modelo de oração e de esperança teologal; cf. AAS 65 (1973), pp. 12-15. Cf. "Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus glorifiée par la sainte Église. Actes officiels et discours pontificaux" (Lisieux 1932) pp. 9-20, pp. 71-74. Cf. La documentation catholique 44 (1947) pp. 1353-1356. Cf. De Sainte Marie e Bernard, *Enfance Spirituelle*, pp. 713-714.

evangélica, não é um caminho banal, mas uma via segura, que torna suave a exigência do Evangelho ⁴⁵.

João Paulo II chegou a falar de um "Evangelho da Criança", numa Carta que dedicou às crianças em 1994. Começando por referir o extraordinário afecto que Jesus manifestou por elas, recolhe depois as frases do Evangelho que proferiu sobre a importância de se tornar crianças (cf. Mt 18, 3; Mc 10, 15; Lc 18, 17; Jo 3, 3).

Explica um pouco o que significa este tornar-se como criança, essencial à salvação, – viver com simplicidade, bondade, pureza e abandono confiante -. Só os que assim vivem podem tornar-se, filhos de Deus, acrescenta. Apela à alegria por este "Evangelho da filiação divina"⁴⁶. As crianças são, assim, o símbolo eloquente e a esplêndida imagem daquelas condições morais e espirituais necessárias para entrar no Reino de Deus: simbolizam um leque de virtudes de relevância vital, entre as quais se contam a humildade, a simplicidade, a veracidade, a sinceridade, a transparência, a confiança absoluta em Deus e o abandono nas suas mãos⁴⁷.

Mas não são exclusivamente uma imagem de virtudes essenciais, como já afirmavam os Padres da Igreja. João Paulo II parece identificar a atitude interior de infância simultaneamente com uma íntima experiência da filiação divina⁴⁸ e de identificação com Jesus Cristo: "a criança aparece como imagem eloquente do discípulo que é chamado a seguir o divino Mestre com a docilidade de um menino".⁴⁹ Refere ainda que "Jesus amou as crianças como suas predilectas pela

⁴⁵ Cf. S. João Paulo II, "Declaração de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face como Doutora da Igreja universal" (19-X-1997), AAS 90 (1998) pp. 409-413.

⁴⁶ S. João Paulo II, *Carta do Papa às Crianças no Ano da Família*, 13-XII-1994 (Lisboa: Rei dos Livros 1994), p. 28.

⁴⁷ Cf. S. João Paulo II, *Exortação apostólica Christifideles Laici Sobre a Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo*, 30-XII-1988, p. 47.

⁴⁸ Cf. S. João Paulo II, "Homilia da Missa em Lisieux", 2-VI-1980, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, III, 1 (1980), p. 1659: "o sentido mais autêntico da infância espiritual é a experiência da filiação divina sob o impulso do Espírito Santo".

⁴⁹ S. João Paulo II, "Mensagem para a Quaresma de 2004", 8-XII-2003.

sua simplicidade e alegria de viver, a sua espontaneidade e a sua fé cheia de assombro"⁵⁰.

Por esse mesmo facto, também a comunidade deve acolher as crianças, com os braços e o coração abertos, como acolheria o próprio Cristo (cf. Mt 18, 5). "Tornar-se" pequenino e "acolher" os pequeninos são, deste modo, dois aspectos de um único ensinamento que o Senhor repropõe aos seus discípulos⁵¹.

O mesmo Papa, na homilia de uma Missa em Lisieux, referiu-se novamente à maravilhosa riqueza de dons espirituais, que ao longo da história da Igreja, correspondem às necessidades dos tempos e da humanidade. E sintetizou deste modo o carisma que lhe foi concedido, como um dom para toda a Igreja:

"Podemos dizer, com convicção, que o Espírito de Deus permitiu ao seu coração revelar directamente aos homens do nosso tempo, o mistério fundamental, a realidade do Evangelho: o facto de termos recebido realmente um espírito de filhos de adopção que nos faz clamar 'Abba', Pai (Rom 8, 15)"⁵².

A genuína experiência espiritual cristã coincide com as verdades reveladas. Na base desta experiência espiritual, encontra-se a experiência de ser filhos adoptivos do Pai, no Filho. Comenta que nesta via há qualquer coisa de único, próprio dela, mas há

"ao mesmo tempo, a renovação da verdade mais fundamental e mais universal. Que verdade da mensagem evangélica é, com efeito, mais fundamental e mais universal que esta: Deus é nosso Pai e nós somos seus filhos?"⁵³

⁵⁰S. João Paulo II, "Angelus", 18-XII-1994.

⁵¹ Cf. S. João Paulo II, "Mensagem para a Quaresma de 2004", 8-XII-2003.

⁵²S. João Paulo II, "Homilia da Missa em Lisieux", 1658-9. Cf. *La documentation catholique* 77 (1980), p. 611.

⁵³ *Ibidem*. A tradução é minha.

O mesmo Pontífice apela à alegria por este "Evangelho da filiação divina"⁵⁴. Dias mais tarde acrescentava: "Jesus amou as crianças como suas predilectas pela sua Simplicidade e Alegria de viver, a sua Espontaneidade e a sua Fé cheia de assombro"⁵⁵.

As crianças são o símbolo eloquente e a esplêndida imagem daquelas condições morais e espirituais necessárias para entrar no Reino de Deus: simbolizam um leque de virtudes de relevância vital, entre as quais se contam a humildade, a simplicidade, a veracidade, a sinceridade, a transparência, a confiança absoluta em Deus e o abandono nas suas mãos ⁵⁶. Mas não são exclusivamente uma imagem de virtudes essenciais; João Paulo II parece identificar a atitude interior de infância com uma íntima experiência da filiação divina. Salientou que "o sentido mais autêntico da infância espiritual é a experiência da filiação divina sob o impulso do Espírito Santo"⁵⁷.

Verificamos muitas destas características de que fala São João Paulo II: "simplicidade, alegria de viver, espontaneidade e fé cheia de assombro" na vida dos pastorinhos. Para além das características próprias de crianças normais, alegres e simples, que gostam de dedicar o máximo de tempo possível às suas brincadeiras, cantar e dançar, etc., encontramos também traços de piedade simples e de devoção à Humanidade de Cristo, como no caso da Jacinta que gostava de "fazer como Nosso Senhor"⁵⁸. Além da sua "fé cheia de assombro", observamos também a humildade e a sinceridade das crianças que se negam a responder aos interrogatórios dos curiosos, para não mentir.⁵⁹ Sobressai a sua sensibilidade e o

⁵⁴ S. João Paulo II, *Carta do Papa às Crianças*, p. 28.

⁵⁵ S. João Paulo II, "Angelus", 18-XII-1994.

⁵⁶ Cf. S. João Paulo II, *Exortação apostólica Christifideles Laici sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no Mundo*, 30-XII-1988 (Lisboa: Paulinas, 1988) p. 47.

⁵⁷ S. João Paulo II, "Homilia da Missa em Lisieux", 1659.

⁵⁸ Irmã Lúcia, *Memórias I*, pp. 43-44.

⁵⁹ Cf. Irmã Lúcia, *Memórias I*, p. 85.

seu amor a Jesus, assim como a sua simplicidade.⁶⁰ É notável a sua confiança inabalável em Nossa Senhora e na sua ajuda: "Vês?! Não devemos ter medo de nada! Aquela Senhora ajuda-nos sempre. É tão nossa amiga!"⁶¹.

São João Paulo II afirmou, sobre a predilecção pela infância que dá o título a este artigo:

"Assim como em Lourdes, também em Fátima a Virgem escolheu crianças, Francisco, Jacinta e Lúcia, como destinatários da sua mensagem. Elas acolheram-na de modo tão fiel, que merecem não só serem reconhecidas como testemunhas críveis das aparições, mas elas mesmas se tornam exemplo de vida evangélica. (...) com os dois pastorinhos de Fátima a Igreja proclamou Beatos dois juvenzinhos porque, embora não sejam mártires, demonstraram que viviam as virtudes cristãs em grau heróico, apesar da sua tenra idade. Heroísmo de crianças, mas verdadeiro heroísmo. A sua santidade não depende das aparições, mas da fidelidade e do empenho com que eles corresponderam ao dom singular recebido do Senhor e de Maria Santíssima. (...) Pela sua fidelidade a Deus, constituem um luminoso exemplo, para crianças e adultos, de como se deve conformar de modo simples e generoso à acção da graça divina que transforma"⁶².

No dia seguinte ao da canonização de Francisco e Jacinta Marto, também o Papa Francisco se pronunciou sobre a predilecção de Nossa Senhora pelos jovens pastorinhos, o exemplo de santidade que nos deixaram e ainda sobre a necessidade eclesial de cuidar das crianças:

"Em Fátima a Virgem escolheu o coração inocente e a simplicidade dos pequeninos, Francisco, Jacinta e Lúcia, como depositários da sua mensagem (...). Com a canonização de Francisco e Jacinta, eu quis propor à Igreja inteira o seu exemplo de adesão a Cristo e o seu testemunho evangélico, mas também desejei convidar toda a Igreja a cuidar das crianças"⁶³.

⁶⁰Cf. Irmã Lúcia, *Memórias* I, 48: "com aquela simplicidade que lhe era habitual: – Diz aos grilos e às rãs que se calem! Dói-me tanto a minha cabeça! Então, o Francisco perguntou-lhe: Não queres sofrer isto pelos pecadores?! A pobre criança, apertando a cabeça entre as mãozinhas, respondeu: sim, quero. Deixa-as cantar".

⁶¹ Irmã Lúcia, *Memórias*, I, p. 50.

⁶² S. João Paulo II, "Audiência geral", 17-V-2000.

⁶³ Papa Francisco, "Regina Coeli", 14-V-2017.

Estas "pequenas candeias" que Deus acendeu, há já mais de cem anos, com o fogo do Seu Espírito, brilham agora nos altares do mundo. Os mais jovens santos da história da Igreja, os Pastorinhos de Fátima, Francisco e Jacinta, a partir do altar do mundo, falam e interpelam a comunidade eclesial, com o seu luminoso fulgor⁶⁴.

NOTA BIOGRÁFICA

Maria Helena da Guerra Pratas é membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Foi a primeira mulher portuguesa doutorada em Teologia em Roma (1989), com o doutoramento reconhecido pela Universidade Católica Portuguesa. Fez o Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade de Roma Tre e é Licenciada em Filologia Germânica pela Universidade Clássica de Lisboa. Foi Investigadora Principal do Centro de Estudos e Investigação Aplicada, onde coordenou uma linha de investigação sobre Ética e Cidadania, durante diversos anos. Até 2017, foi Professora Coordenadora doutorada do Departamento de Educação do Instituto Superior de Educação e Ciências – ISEC, Lisboa, no qual trabalhou principalmente no âmbito da Formação de Professores e leccionou diversas unidades curriculares, designadamente, Correntes da Pedagogia contemporânea, Ética e Deontologia Profissional a diversos cursos, Metodologia da Educação Ética e Religiosa, Metodologia da Formação Pessoal e Social e Cultura Cristã, entre outras. Orientou diversas teses nestes âmbitos. Anteriormente leccionou Literatura Inglesa na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Tem vários livros e cerca de uma centena de artigos publicados e participou em diversos projectos de investigação de âmbito internacional. Actualmente dedica-se sobretudo à investigação e pertence à EUARE, *European Academy of Religion* e é a representante portuguesa da EFTRE, do *European Forum for Teachers of Religious Education*.

RESUMO

Em 13 de Maio de 2017 foram canonizadas em Fátima duas crianças, Jacinta Marto e Francisco Marto, depositárias da Mensagem da Virgem. No entanto, não foi fácil, ao longo do processo da sua beatificação, chegar à conclusão unânime de que duas crianças podiam ser santas, alcançar a santidade pelo exercício heróico das virtudes cristãs. O exemplo destas primeiras crianças de Fátima beatificadas abriu de certo modo caminho a uma nova reconfiguração do religioso, de abertura à santidade também das crianças, nem sempre devidamente valorizadas nas

⁶⁴ Cf. Coelho, Ângela de Fátima, "Sentinelas da Madrugada", *Voz da Fátima*, 13-VI-2017.

diversas dinâmicas pastorais. João Paulo II, na Homilia na Beatificação de Francisco e Jacinta, a 13 de Maio de 2000 quis explicitamente fundamentar a beatificação de duas crianças que não foram mártires nas palavras de Jesus no Evangelho: "Eu Te bendigo, ó Pai, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos". O mesmo Papa afirmou na Audiência Geral depois da beatificação: "Assim como em Lourdes, também em Fátima a Virgem escolheu crianças, Francisco, Jacinta e Lúcia, como destinatários da sua mensagem. Elas acolheram-na de modo tão fiel, que merecem não só serem reconhecidas como testemunhas críveis das aparições, mas elas mesmas se tornam exemplo de vida evangélica. (...) com os dois pastorinhos de Fátima a Igreja proclamou Beatos dois juvenzinhos porque, embora não sejam mártires, demonstraram que viviam as virtudes cristãs em grau heróico, apesar da sua tenra idade. Heroísmo de crianças, mas verdadeiro heroísmo" (Audiência, 17-V-2000). O objectivo deste estudo foi o de estudar e aprofundar como é encarada a infância nos vários textos da Sagrada Escritura, da Tradição cristã e do Magistério recente da Igreja Católica romana, com uma metodologia claramente teológica.

PALAVRAS CHAVE

Predilecção pela Infância, Francisco e Jacinta Marto, Sagrada Escritura, Tradição e Magistério da Igreja Católica Romana.

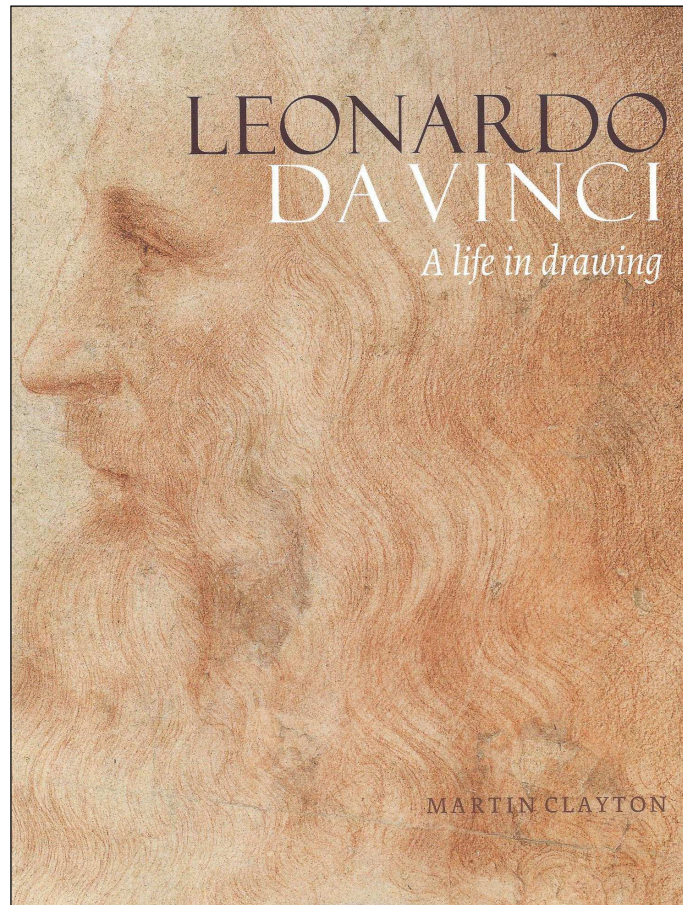
ABSTRACT

On May 13th 2017 were canonized in Fatima two children, Jacinta Marto and Francisco Marto, the message of the Virgin depository. However, it was not easy, during the process of beatification, to conclude that two kids could be holy, achieve Holiness by the heroic exercise of the Christian virtues. The example of these first children of Fatima beatification opened in a way a new religious turndown reconfiguration to holiness also of children, not always properly valued in the various pastoral dynamic. John Paul II, at the homily of their beatification, wanted explicitly to support the beatification of two children who were not martyrs in the words of Jesus in the Gospel: "Father, ... to you I offer praise; for what you have hidden from the learned and the clever you have revealed to the merest children" (Mt 11: 25) (...)". The same Pope stated at the general audience after beatification: "With the two shepherd children of Fatima, the Church has beatified two very young people because, although they were not martyrs, they showed that they lived the Christian virtues to a heroic degree despite their young age. The heroism of children, but true heroism" (Audience, May 17 2000). The aim of this communication was to study - using the theological method - how childhood is seen in the texts of Scripture, the Christian Tradition and the recent Magisterium of the Roman Catholic Church.

Keywords

Predilection for Childhood, Francisco and Jacinta Marto, Sacred Scripture, Christian Tradition and Magisterium of the Roman Catholic Church.

LEONARDO'S TRANSDISCIPLINARY MODERNITY



***MARIA ALEXANDRE BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA***

LEONARDO'S TRANSDISCIPLINARY MODERNITY¹

*'Occasionally heaven sends us someone
who is not only human but divine,
so that through his mind and the excellence
of his intellect we may reach to heaven'*
VASARI, *Lives of the Artists*. 1550²

By the end of the year when we paid homage, in celebration of the quincentenary of Leonardo da Vinci's death, as we look into so much that has been written or told on the utmost geniality of the first humanistic personality of the Renaissance, one cannot help realising how much more is still left to discover.

The Renaissance years flourished in Europe, from the 15th to the 16th centuries, bringing back to life the ancient Greek splendid interest for human knowledge and culture. Leonardo da Vinci, the central humanistic figure of this historical period, is certainly the best example of how human culture and knowledge evolves in the minds of those who study human Anatomy through dissection. We will never know if he dissected to further enhance his superiority in

¹ The author wishes to dedicate the present notes to Prof. J.A. Esperança Pina, beloved chairman, supervisor, and emeritus anatomist, who dedicated much of his post-jubilee career to write and lecture on the subject of Artistic Anatomy. His memorable speeches to the Lisbon Academy of Sciences on artistic anatomy in the Renaissance and throughout the Ages, impregnate the minds of his fortunate listeners with the fascinating desire to proceed studies in his field ...

² Quoted by Irma A. Richter, Oxford University Press, 1952

Art, or whether it was his early interest for the development of engineering, architecture and the artistic representation of human bodies, which led him to dissect. Leonardo's anatomical studies may have started in Florence, at the *Ospedale di Santa Maria Nuova*. He later proceeded to dissect at the *Ospedale del Broco*, unit of the Milan *Ospedale Maggiore*.³ Leonardo stated to have dissected more than 30 corpses. Later on, he was prosecuted by Pope Leo X, for dissecting and this may have led him to work in distressful solitude and to hide the best of his legacy to human culture.

Martin Kemp (2006) indicates that, although there are some 6000 surviving pages of Leonardo's works in papers, "It can be estimated that around four-fifths of his written and drawn output is lost."

According to Irma A. Richter (1952):

"It was not only the beauty of nature but also the spirit at work beneath the world of appearance that fascinated him. Combining an artist's sensitivity with a scientist's desire of knowledge, he analysed the objects of vision and the way in which vision functioned. [...] He used scientific methods of research in order to ascertain Nature's laws and introduce them in his own works. [...] He was not an abstract theorist [...] but a 'universal' genius of the Renaissance intent on artistic creation, he attempted to ground his natural

³ On the purpose of Leonardo's anatomical Works, Vasari (1550) stated, on the biographical notes entitled *Vita di Leonardo da Vinci. Pittore et Scultore Fiorentino*, that "Leonardo then applied himself, but with even greater care, to the study of human anatomy, working together with Messer Marc' Antonio della Torre, an excellent philosopher who was then lecturing in Pavia [...]" Furthermore, from the same book, on the purpose of Leonardo's Anatomical drawings, Vasari stated that he "created a book with red crayon drawings outlined in pen in which he sketched cadavers he had dissected with his own hand, depicting them with the greatest care. [...] Many of these papers on human anatomy are in the possession of Messer Francesco Melzi, a Milanese gentleman [...] And anyone who reads these writings will be amazed by how clearly this divine spirit discussed art, muscles, nerves, and veins, taking the greatest pains with every detail. There are also other writings by Leonardo in the possession of a Milanese painter, also written with the left hand from right to left, which treat painting and methods of drawing and using colour."

science on an acceptance of the philosophic system, inherited from Greek thought and medieval thought, which conceived of the universe as an organized cosmos corresponding to a work of art; and he profited thereby."

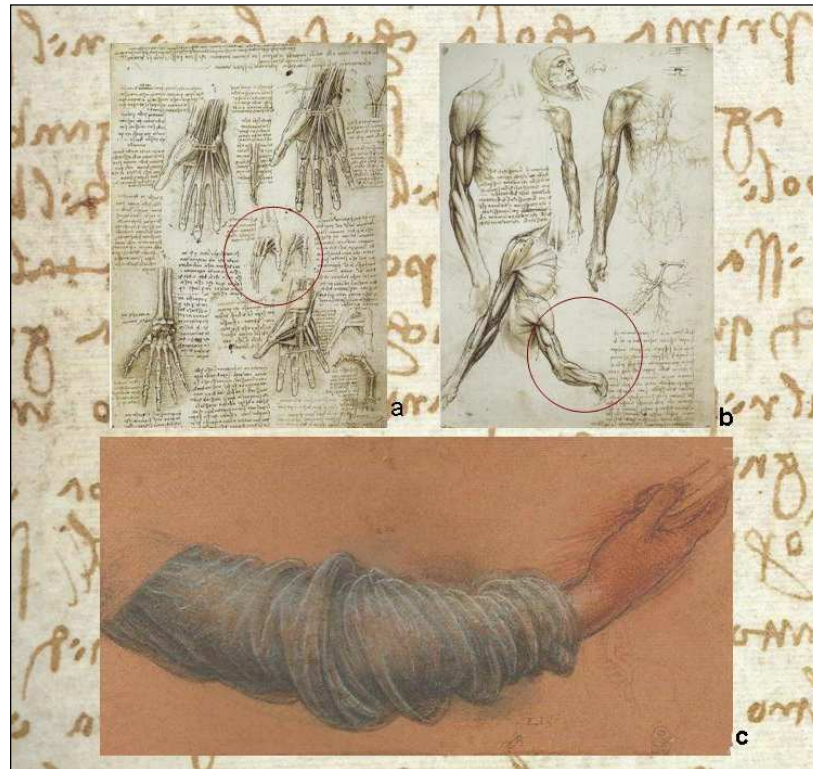
HRH Charles, the Prince of Wales stated, as Chairman of the Royal Collection Trust, on his "Foreword" to the volume in celebration of the 500th anniversary of the death of Leonardo [*in Clayton, 2019*]:

"Of Leonardo, perhaps more than any artist, it can truthfully be said that 'all human life is there': he used drawing to record, to explore and to think, and through this selection we can comprehend the many aspects of his boundless intelligence. From his studies of the human form - including his ground-breaking anatomical work - to his meditations on the beauty of Nature and finally to his haunted visions of the end of the world, every variety of experience is laid before us - and that is perhaps why Leonardo still speaks so strongly to us today."⁴

We feel most grateful for the opportunity to have visited the enlarged exhibition of Leonardo's 200 sketches, open to the wider public at Buckingham Palace, in August 2019, to mark the 500th anniversary of Leonardo's death (... or should we best say, 'in commemoration of Leonardo's everlasting modernity?'). On that occasion, we believe to have fulfilled the aim of Her Majesty The Queen of England, "that everyone who visits these exhibitions should be as inspired as [Prince Charles] has always been by Leonardo's brilliance". Indeed, that overwhelming "brilliance" of Leonardo's legacy inspired these present notes on

⁴ HRH The Prince of Wales. Foreword. In Clayton M. (2019) *Leonardo da Vinci. A Life in Drawings*. The Royal Collection Trust, London, 2019.

Leonardo's modernity that we write in singular gratitude for the occasion of still having access, 500 years later, to Leonardo's geniality and disturbing modernity.



a-*The bones, muscles and tendons of the hand,*, c.1510-11 - Black chalk, pen and ink, wash. RCIN 919009r [in Clayton M.(2019), pg.171.]
b-*The muscles of the arm, and the veins of the arm and trunk,*, c.1510-11 -Red chalk, pen and ink, wash.RCIN 919005r [in Clayton M.(2019), pg.166.]
c-*The drapery of the Madonna's arm,*, c.1510-15 - Red and black chalks, wash, pen and ink, on orange-red prepared paper. RCIN 919005r [in Clayton M.(2019), pg.200.]

The singular mark of Leonardo's unique and everlasting modernity derives from his multi- or trans-disciplinary approach to every subject with which he dealt.⁵ According to his own writings, "That mental discourse that originates in its

⁵ Bettencourt Pires M.A. (2017), *Interdisciplinarity, Multiculturalism, Anatomy and Art* [Public lecture and Master Class to the University of Pernambuco, Brazil]

first principles is termed science. Nothing can be found in nature that is not a part of science, like continuous quantity, that is to say geometry. [URB Ir-v] " ⁶

In fact, as Sara Tagliagamba reports, Leonardo spent much of his time to demonstrate the analogy between machineries and the human body, considering both as marvellous works of Nature, because the rigid laws of Nature apply not only to the mechanical instruments, as also to the movement of animals.⁷

Following the same line of thoughts, João Lobo Antunes wrote that:

"Leonardo is truly the precursor of scientific anatomical illustration, as he introduced multiple perspectives to his anatomical sketches, with transcutting, transparency, and superposition of planes. [...] Not much was added to Leonardo's anatomy, until anatomy was taught by radiographic images, computed tomography, or Magnetic Resonance Imaging." ⁸

Furthermore, Martin Kemp (2006) considers that:

"No one used paper as a laboratory for thinking, on Leonardo's kind of scale. No one covered the surface of pages with such impetuous cascade of observations, visualised thoughts, brainstorming alternatives, theories, polemics and debates, covering virtually every branch of knowledge about the visible world known in his time. [...] Leonardo is now the very image of '*uomo universale*'- the 'universal man' of the Renaissance, someone mastering a range of pursuits that would be unthinkable for a single individual today." ⁹

Nowadays, (much probably in the sequel of Leonardo's humanistic efforts to transcend and to dissolve some of the rigid boundaries between different fields of human culture), we should consider the necessity of smooth evolution in the transition from *MULTI-disciplinarity* to *CROSS-disciplinarity*, through *INTER-*

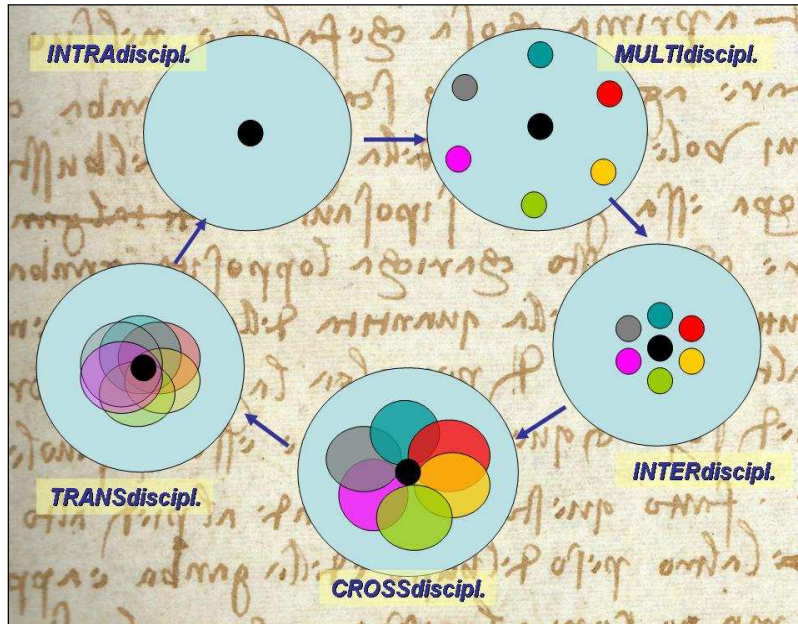
⁶ Vasari (1550), as quoted by Kemp M. (2006)

⁷ Tagliagamba S. (2010)

⁸ Lobo Antunes J. (2013) (My translation).

⁹ Kemp M. (2006).

disciplinarily, and towards *TRANS-disciplinarily*, as a goal to enhance and further improve every field of studies, involved.¹⁰ Such is one of the most precious lessons we should learn from the Great Leonardo.¹¹



Graphic representation of the cyclic path from Intradisciplinarity to Transdisciplinarity.

[Artwork. M.A. Bettencourt Pires, 2019, adapted from JENSENIUS (2012)¹⁰]

Nowadays, we tend to differentiate the terms “Intra-”; “Multi-”; “Inter-”; and “Cross-” to “Trans-disciplinary” works, in reference to the inevitable multidisciplinary evolution of modern knowledge and culture, and the innovation efforts that are in need, after a long period of overspecialized” knowledge acquisitions through “Intradisciplinary” works and research on different fields of human culture.

A.R. Jensenius, quoting from Marilyn Stember (1991), offers concise definitions to the several terms of “disciplinary” studies:

- “Intradisciplinary”: working within a single discipline;
- “Crossdisciplinary”: viewing one discipline from the perspective of another;
- “Multidisciplinary”: people from different disciplines working together, each drawing on their disciplinary knowledge;

¹⁰ Jensenius A.R. (2012)

¹¹ In fact, as I have previously referred, when looking for traces of the cultural interest for interdisciplinarity throughout history, it becomes clear that “those times when human anatomy and dissection were performed, are followed in the near future by great eras of scientific and also artistic flourishing. (Think of ancient Egypt, Greece, or the Renaissance times...) [Bettencourt Pires M.A., 2013; 2015; 2017]

As we learn from Marilyn Stember (1991) on her "Presidential address"¹²:

"What are now called disciplines and specialties are products of the nineteenth and twentieth centuries when the empirical disciplines one by one exerted their independence. Increasing specialization and segregation of disciplines affected all intellectual life. In recent decades, signs clearly indicate a move again toward unity, but not the medieval type where disciplines were related under a strict system of subordination. The contemporary view is that disciplines exist in an open-minded confederation and that knowledge can be understood and advanced through interdisciplinary work. [...]"

Although interdisciplinary research and educational programs were launched in limited ways after World War II, the interdisciplinary experience in universities is only a few decades old. Universities devised mechanisms to offset the risk of narrow specialization, joint course listings, joint faculty appointments, interdisciplinary thesis committees, research centers, special committees, and interdisciplinary majors. [...]"¹³

Our modern trend for the importance and necessity of transdisciplinary works may date back as early as the mid-twentieth century, when with his usual intelligent wit, Chesterton (1935) already referred to the scientific culture, to say: "[...] Only the modern, advanced, progressive scientific culture is reasonably incomplete. It is, as Stevenson said: '*a dingy ungentlemanly busyness*'. It leaves so much out of a man"¹⁴. Later on, Charles Percy Snow (1951) exposed on the need to transcend and dilute the frontier barriers between the "Two Cultures".¹⁵ This collection of innovative lectures, led John Brockman (1995) to publish an

¹² Stember M. (1991) "Presidential Address"

¹³ Wohl R.R. (1955) (as quoted by Stember M., 1991)

¹⁴ Chesterton G.K. (1935)

¹⁵ Snow C.P. (1959); lectures, later published in Book: Snow, Charles Percy (2001) [1959]. *The Two Cultures*, London: Cambridge University Press. [Quoted by Bettencourt Pires M.L.& Bettencourt Pires M.A. (2013)]

interesting sequel on the modern necessity for trans-disciplinarity, for the further development of modern culture.¹⁶

Nowadays, we have learnt the fundamental need for trans-disciplinarity in human culture, in most of its fields and lines of action, such as in higher education¹⁷; in scientific research¹⁸; in economics and finance¹⁹; or in medical current practice, or cancer research²⁰; or even for knowledge building²¹.

Indeed, the greatest lesson we should learn from the golden era of Humanism, lies on the profitable gaining of every single parameter of human culture, through multinational trans-disciplinary works. This means full integration, cooperative team work, but above all, open-mindedness, and inter-exchange, for a better developed cultural world.

Leonardo concealed the greatest part of his works from his contemporary public, but some 6000 pages survived, with the probable "visionary" expectation that, at least 500 years (half a millennium) later, a better developed public would learn to appreciate his legacy.

Although one cannot help feeling dazzled at the overwhelming "brilliance" of most of Leonardo's works, his greatest legacy relies in the everlasting power of trans-disciplinary works, through which every single side of culture gains with enhanced advancement.

¹⁶ BROCKMAN J. (1995) *The Third Culture*.

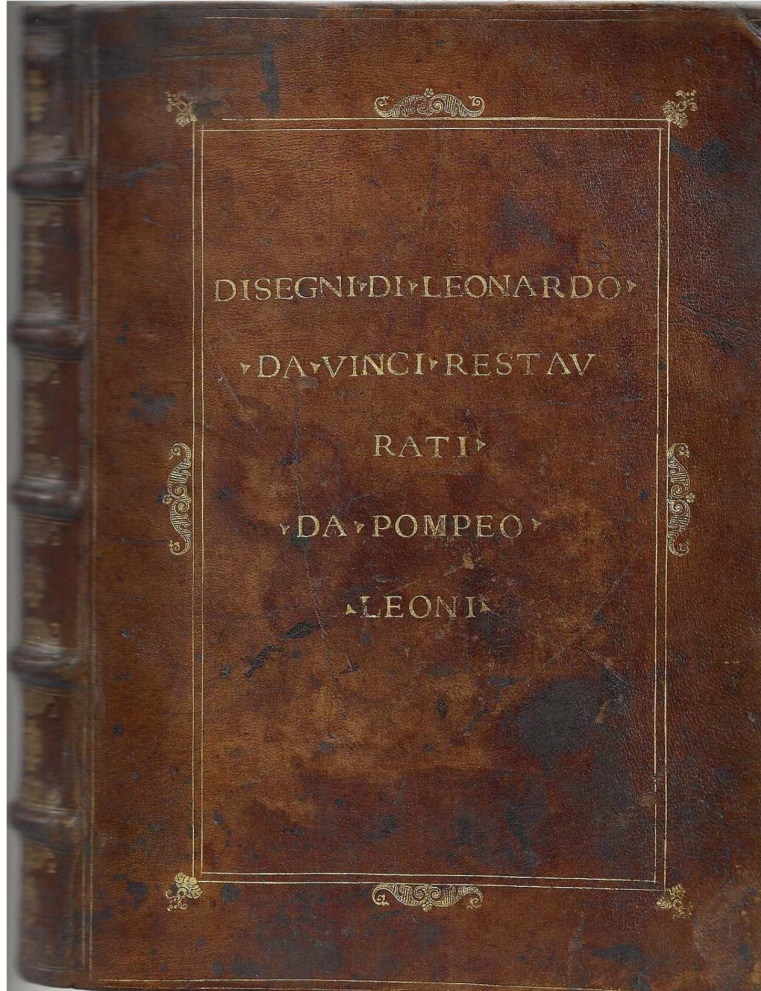
¹⁷ Borrego M.(2010); Tsitavets T.(2019)

¹⁸ Zhiya Zuo, Kang Zhao (2018)

¹⁹ Kozarevic E.(2017)

²⁰ JEssup R.(2007); Giust E.M. (2017); Ussi A.(2018); Choi B.(2006; 2007; 2008)

²¹ Visvanathan S. (2019)



The Leoni Binding. c.1590
Leather, gold tooling. 47.0x33.0x6.5 cm. RCIN 933320 [in Clayton M.(2019)]

ACKNOWLEDGEMENT:

The author wishes to express her gratitude to the many interesting contributors that were posted on the online discussion, that she started in 2017, on the *Research Gate* online platform, on the subject of "Multidisciplinarity":

https://www.researchgate.net/post/Whats_the_difference_between_Interdisciplinarity_and_Multidisciplinarity

BIBLIOGRAPHIC REFERENCES:

- BETTENCOURT PIRES M.A. (2015) "Os Esfolados. Anatomia, Dissecção e Modelos Anatômicos". *Archives of Anatomy*, 2015, 3(1): p. 33.
https://sociedadeanatomica.pt/wp-content/uploads/2019/02/archives_of_anatomy_3_2015.pdf
- BETTENCOURT PIRES M.A. (2017), *Interdisciplinarity, Multiculturalism, Anatomy and Art* [Public lecture and Master Class to the University of Pernambuco, Brazil, Petrolina, August 25th 2017]
https://www.researchgate.net/publication/319332280_Interdisciplinarity_Multiculturalism_Anatomy_and_Art
- BETTENCOURT PIRES M. L. & BETTENCOURT PIRES M. A. (2013). *As Humanidades e as Ciências: Dois Modos de Ver o Mundo*. Lisboa: Universidade Católica Editora. Pg.11.
- BORREGO M., NEWSWANDER L. K. "Definitions of Interdisciplinary Research: Toward Graduate-Level Interdisciplinary Learning Outcomes". *The Review of Higher Education*, 2010: 34(1): 61-84.
- BROCKMAN J. (1995) *The Third Culture: Beyond the Scientific Revolution*, Simon & Schuster.
- CHESTERTON G. K. (1935) *Avowals and Denials*. New York: Dodd, Mead and Co.
- CHOI B. C. K., PAK A. W. P. (2006) Multidisciplinarity, interdisciplinarity, and transdisciplinarity in health research, services, education and policy: 1. Definitions, objectives, and evidence of effectiveness. *Clin Invest Med* 2006; 29 (6): pp. 351-364.
- CHOI B. C. K., PAK A. W. P. (2006) Multidisciplinarity, interdisciplinarity, and transdisciplinarity in health research, services, education and policy: 2. Promotors, barriers, and strategies of enhancement. *Clin Invest Med* 2007; 30 (6): E224-E232.
- CHOI B. C. K., PAK A. W. P. (2006) Multidisciplinarity, interdisciplinarity, and transdisciplinarity in health research, services, education and policy: 2. Discipline, inter-discipline distance, and selection of discipline. *Clin Invest Med* 2008; 31 (1): E41-E48.
- CLAYTON M.(2019) *Leonardo da Vinci. A Life in Drawings*. The Royal Collection Trust, London.
- GIUSTI E. M., CASTELNUOVO G., MOLINARI E. Review Article. Differences in Multidisciplinary and Interdisciplinary. Treatment Programs for Fibromyalgia: A Mapping Review. *Hindawi Pain Research and Management* 2017, Article ID 7261468, 19 pages. <https://doi.org/10.1155/2017/7261468>
- JENSENIUS A. R. (2012) *Disciplinarity: intra, cross, multi, trans-Alexander Refsum Jensenius*.
<http://www.arj.no/2012/03/12/disciplinarity-2/>
- JESSUP R. L. "Interdisciplinary versus multidisciplinary care teams: do we understand the difference?" *Australian Health Review* 2007Aug;31 (3): 330-331.
- KEMP M. (2006) *Leonardo da Vinci. Experience, Experiments and Design*. Victoria and Albert Publications, London.
- KOZAREVIC E.; PERIĆ A. (2017) *The Concept of Transdisciplinarity in Economics and Finance*. Conference: The Fifth Scientific Conference with International Participation "Economy of Integration" (ICEI 2017) - The Role of Economic Thought in Modern Environment At: Tuzla, Bosnia and Herzegovina. t: <https://www.researchgate.net/publication/320517776>
- LOBO ANTUNES J.; VALENTE ALVES M. (2013) *Anatomia. Arte & Ciência*. Museu de Medicina, Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Althum.com.
- RICHTER I.A. (1952) *The Notebooks of Leonardo da Vinci*. Oxford World's Classics. Oxford University Press.
- SNOW, C. P. (2001) [1959]. *The Two Cultures*. London, Cambridge University Press.
- STEMBER M. "Presidential Address: Advancing the Social Sciences Through the Interdisciplinary Enterprise". *The Social Science Journal*, 1991; 28(1): 1-14.
- TAGLIALAGAMBA S. (2010) *Léonard et Anatomie*. CB Editions, Firenze.

TSITAVETS T. (2019) Interdisciplinarity and Transdisciplinarity in Teacher Education. In *EDU WORLD 2018 The 8th International Conference. The European Proceedings of Social & Behavioural Sciences EpsBS* <https://doi.org/10.15405/epsbs.2019.08.03.228>

USSI A. EcAde: Changing the way early cancer detection research is approached. *SciTech Europa Quarterly* 2018 Jun. issue 27. <https://www.scitecheuropa.eu/cancer-detection-research/86961/>

VASARI G. (1550) *Vita di Lionardo da Vinci. Pittore et Scultore Fiorentino*, in BONDANELLA J.C & BONDANELLA P. (1991) *The Lives of the Artists. Translated and with Notes by JULIA CONAWAY BONDANELLA and PETER BONDANELLA*. Oxford World's Classics. Oxford University Press.

VISVANATHAN S. (2017). *What Satya Nadella can teach us about need for multidisciplinary framework to broaden knowledge*. Daily O. <https://www.dailyo.in/date/2017-11-12>

WOHL R.R. (1955) Some Observations on the Social Organization of Interdisciplinary Social Science Research. *Social Forces*, 33: 374-383.

ZHIYA ZUO, KANG ZHAO. The more multidisciplinary the better? – The prevalence and interdisciplinarity of research collaborations in multidisciplinary institutions. *Journal of Informetrics*. 2018: 12:736-756.

BIONOTE

MARIA ALEXANDRE BETTENCOURT PIRES (MD, PhD) works currently as tenured Professor of Anatomy at the NOVA Medical School of the New University of Lisbon, where she started her career as anatomy lecturer, in 1993, proceeding to PhD degree in "Normal Human Morphology" in 2009. Apart from her academic works, she keeps parallel medical career as a specialist in Ergonomics and Occupational Medicine, since 2003. Her primary and secondary studies at the Lycée Français Charles Lepierre de Lisbonne strongly influenced the pendant for humanistic studies, also accompanied by her dear Mother's research and academic activities in this field.

At present, she counts 197 scientific research publications, including 56 journal articles; 9 books and book chapters; 82 scientific meeting and conference papers, many of which dedicated to research on the field of Anatomy, artistic anatomy and history of dissection. Apart from her works as member of the board of Editors of 5 indexed scientific publication, her insertion as an active member of the *PUBLONS*" online platform, reflects regular activity as peer reviewer for several international indexed scientific journals.

[https://www.researchgate.net/profile/Maria_Bettencourt_Pires];

ORCID # 0000-0001-7671-7049

ABSTRACT

When we look into History, in search for traces of the cultural interest for interdisciplinarity, it becomes clear that those times when human anatomy and dissection were performed, soon were followed by the greatest eras of scientific and artistic flourishing. Such was the case of ancient Egypt, Greece, or the Renaissance times. These thoughts inevitably crossed our minds, when visiting the enlarged exhibition of the Royal Collection of Leonardo da Vinci's 200 sketches, open to the wider public at the "Queen's Gallery" of Buckingham Palace, in August 2019, to mark the 500th anniversary of Leonardo's death. On that occasion, we believe to have fulfilled Queen Elizabeth's aim "that everyone who visits these exhibitions should be inspired by Leonardo's brilliance". We will never know if Leonardo dissected to further enhance his superiority in Art, or whether it was his early interest for the development of engineering, architecture, human anatomy and physiology, which led him to dissect. He worked alone and in secrecy, and he concealed the greatest part of his works from his contemporary public, but the smallest parcel of the overwhelming brilliance of his legacy that survived for half a millennium, has been waiting for a better developed public to learn and appreciate his efforts to dilute interdisciplinary frontier barriers, thus evolving to a better world of transdisciplinary culture, as the modern trend of the 21st century.

RESUMO

Ao analisar a História Universal, procurando vestígios do interesse humano pela interdisciplinaridade, fica bem patente o facto de que aquelas épocas em que se aperfeiçoaram estudos anatómicos por dissecação cadavérica humana, logo foram seguidas por grandes eras de florescimento científico e artístico, como no caso do Egipto Antigo, da Grécia Clássica, ou do Renascimento. Tais pensamentos impregnaram-nos o espírito, por ocasião da recente visita à Exposição da colectânea real britânica dos 200 desenhos de Leonardo da Vinci, na Galeria Real do Palácio de Buckingham em Londres, em celebração do 500^º aniversário da morte de Leonardo. Nessa ocasião, sentimos ter plenamente correspondido ao desejo expresso pela Rainha Isabel II de que "quem visitasse essa exposição se sentisse inspirado pelo brilhantíssimo fulgor da Obra de Leonardo". Não conseguiremos destrinçar se Leonardo dissecou corpos humanos no sentido de enaltecer a sublime superioridade artística, ou se, ao invés, teria sido a precocidade do seu interesse por engenharia, arquitectura, anatomia e fisiologia humana, que o levaram a querer dissecar e explorar o interior dos corpos. Trabalhou só, e em segredo, escondendo a maior parte dos trabalhos do seu público contemporâneo, mas a pequena parcela do brilhantíssimo fulgor do seu legado, que subsistiu após meio milénio, aguardou por um público culturalmente mais desenvolvido, mais capaz de aprender e apreciar os seus esforços de diluição de barreiras disciplinares, na evolução cultural para a "transdisciplinaridade" como marca cultural do limiar do século XXI.

***THE BANALITY OF EVIL:
CONTROVERSY AND COMPLEXITY OF A
CONCEPT***



***Margarida Amaral
Universidade Católica Portuguesa
Sociedade Científica***

The controversy raised by the concept of "banality of evil".

As portrayed in the film *Hannah Arendt* by Margarethe von Trotta, the author came to the concept of "banality of evil" after offering herself, as a reporter of the *New Yorker*, to cover Eichmann's trial in Jerusalem. The *New Yorker's* editor, William Shawn, then allowed Hannah Arendt, the author of the acclaimed book *The Origins of Totalitarianism*, to go to Jerusalem and attend this trial. Hannah Arendt's decision would certainly be related to the fact that Eichmann was responsible for sending the Jewish women still interned in the Gurs camp, among which Hannah Arendt had been, to concentration camps. Attending this man's trial would mean, for Hannah Arendt, to face her past and to recover from the malaise associated with intense and terrible memories.¹

Considering Eichmann's statements to the police and in the court itself, Hannah Arendt came upon a man who, contrarily to what she assumed, was not a monster or a demon, but a vulgar man who did not think. Faithful, as she always seemed to be, to her thoughts, Hannah Arendt stated in the articles written for the *New Yorker*, and later in the book inspired by them (*Eichmann in Jerusalem: a Report on the*

¹ Hannah Arendt recognized the personal dimension inherent in the importance of attending Eichmann's trial. In this regard, Elisabeth Young-Bruehl stated: "In writing to the Rockefeller Foundation, she explained her plans: "You will understand I think why I should cover this trial; I missed the Nuremberg Trials, I never saw these people in the flesh, and this is probably my only chance". Her letter to Vassar was uncharacteristically personal: "To attend this trial is somehow, I feel, an obligation I owe my past". For Arendt, the opportunity to go to Jerusalem and see Eichmann "in the flesh" turned out to be more than the fulfillment of an obligation; it was, she said in retrospect, a *cura posterior*". (Young-Bruehl 1982, p. 329).

Banality of Evil), that Eichmann, after all, was not a "monster", but a "clown". (Arendt 1994, p. 54) This idea, coupled with another one related to the "cooperation" of some Jews with the totalitarian movement, became unbearable for some friends of the author and for many others who, across the world, wrote accusatory letters.² After all, as far as Eichmann was concerned, it was easier to frame him in a demonic universe and, therefore, delimited from that of human beings. As Hannah Arendt mentioned, referring to the judges at Eichmann's trial:

"They knew, of course, that it would have been very comforting indeed to believe that Eichmann was a monster (...). The trouble with Eichmann was precisely that so many were like him, and that the many were neither perverted nor sadistic, that they were, and still are, terribly and terrifyingly normal". (Arendt 1994, p. 276)

In fact, these statements and similar ones were read as a defense of Eichmann, because the author removed him from a universe of monsters and placed him among men.

The event of the publication of the articles and the book gave rise to an impressive number of letters addressed to Hannah Arendt, accusing her of coldness or directing personal attacks on her. There are still some others, though much less numerous, praising her clairvoyance with regard to the totalitarian phenomenon.³

Margarethe von Trotta's film illustrates very well this aspect, as well as the whole dramatic scenario that involved the author considering the negative reactions to her writings. In addition, it should be noted that Hannah Arendt is portrayed in

² Hannah Arendt used the word "cooperation" to avoid the term "collaboration". The author justified this difference by stating, in a letter to Mr. de Freudiger, dated September 8, 1963: "Your objection to my usage of the word "cooperation" is, I feel, not entirely fair. I use it in order to avoid the word "collaborate", which indeed did not apply to Jews". ("Adolf Eichmann File 1938-1968", *Correspondence – Survivors of the Holocaust* A.-F. 1961-1966, Image 44, in Hannah Arendt Papers, Manuscript Division, Library of Congress, Washington, D.C.)

³ All this documentation is available at "Adolf Eichmann File 1938-1968", Hannah Arendt Papers, Manuscript Division, Library of Congress, Washington, D.C., through the link: <http://memory.loc.gov/ammem/arendhtml/mharendtFolderP03.html>

the film as she might have been: a determined woman with intellectual abilities far above the common issues that usually occupy ordinary men.

There are, however, some aspects of the concept of "banality of evil" that could arise in the film, without involving the spectator in theoretical complexities to which perhaps only reading allows true access.

One of these aspects is the origin of this concept. In a letter from Karl Jaspers addressed to Hannah Arendt, dated December 13, 1963, Jaspers wrote that Heinrich Blücher, the author's second husband, was the inspiration for the concept: "Alcopley told me that Heinrich suggested the phrase "the banality of evil" and is cursing himself for it now because you've had to take the heat for what he thought of". (Kohler, Saner 1993, p. 542) Blücher frequently appears in the film without, however, any mention to the fact that he could have suggested this idea, though not specifically on the Eichmann case.

Another aspect is the absence of Karl Jaspers, along with Martin Heidegger's cyclical presence in the plot. It is true that Heidegger had, as it is well known, an undisputed influence on the life and work of Hannah Arendt. Moreover, it is understandable that the romanticized dimension of the relationship between them is conducive to attracting the attention of spectators. However, Heidegger's importance in the period of Hannah Arendt's life depicted in the film, and in which she formulated the concept of "banality of evil", cannot be compared with that of his former teacher and always friend Karl Jaspers. Jaspers was not a Jew, but he was married to a Jewess and therefore was extremely sensitive to the suffering of this people. In addition, Jaspers discussed with Hannah Arendt the Eichmann case (as it can be witnessed through the letters exchanged between them) and even said about the concept of "banality of evil", in the letter mentioned above, that: "(...) it's a wonderful inspiration and right on the mark as the book's subtitle". (Kohler, Saner 1993, p. 542).

Finally, it is also worth mentioning that Hannah Arendt's relationship with her friend and colleague Hans Jonas, despite having been shaken by Hannah Arendt's statements, has not collapsed, as the film seems to suggest. The two thinkers had such a deep friendship that at Hannah Arendt's funeral, on December 8, 1975, Hans Jonas recalled with extreme tenderness the young Hannah he had met at the Martin Heidegger's seminary in Marburg.

"How I remember this singular newcomer! Shy and withdrawn, with strikingly beautiful features and lonely eyes, she stood out immediately as exceptional, as unique in an as yet indefinable way. Brightness of intellect was no rare article there. But here was an intensity, an inner direction, an instinct for quality, a groping for essence, a probing for depth, which cast a magic about her. One sensed an absolute determination to be herself, with the toughness to carry it through in the face of great vulnerability". (Young-Bruehl 1982, p. 468)

In these words, we don't discover the tone of a hurt fed by the discord in relation to the Eichmann case, but only the absolute admiration of a long-time friend by an original, authentic and profound thinker.

Notwithstanding the absence of these aspects and the complexity associated with the concept of "banality of evil", the film illustrates very well, as has already been mentioned, the controversy surrounding this concept.

The complexity of the concept of "banality of evil"

The concept of "banality of evil" is perhaps the most complex of Hannah Arendt's work. This complexity is related to the few clarifications that Hannah Arendt provided about her change of mind on the subject of totalitarian evil, from *The Origins of Totalitarianism* to the articles on Eichmann and to the work entitled *Eichmann in Jerusalem: a Report on the Banality of Evil*, inspired by them. In the first work, Hannah Arendt characterized totalitarian evil as radical. In the second work, the author abandoned the concept of "radical evil" and referred to the "banality of evil". I intend to show that these concepts should not be thought of separately.

Although the references to radical evil are not systematic in *The Origins of Totalitarianism*, Hannah Arendt framed it as both absolute and limitless. While absolute, radical evil is associated with the motivational or anthropological dimension of totalitarian evil: this evil is absolute because the motivation that leads to it escapes our understanding.

"(...) if it is true that in the final stages of totalitarianism an absolute evil appears (absolute because it can no longer be deduced from humanly comprehensible motives), it is also true that without it we might never have known the truly radical nature of Evil". (Arendt 1976, pp. viii-ix)

These motives are humanly incomprehensible because they surpass those who are known and cause evil actions: selfishness, greed, envy... Behind this evil, as described in *The Origins of Totalitarianism*, there seems to have been beings capable of an absolute evil that, in a motivational sense, can be called "radical".

But radical evil is, in this work, also associated with its limitless dimension. At this level, Hannah Arendt no longer seems to refer to the motivational dimension of totalitarian evil, but to its essence. In this sense, totalitarian evil is radical because it destroys down to the roots the existence of man in the world. Unlike a homicide, in which a person's life is destroyed, totalitarian evil destroys not only life, but existence itself, resorting to forms of isolation and annihilation that leave no trace of any kind. Hannah Arendt referred to this distinction by emphasizing the superfluous character of the victims in the eyes of the executioners.

"Therefore, we actually have nothing to fall back on in order to understand a phenomenon that nevertheless confronts us with its overpowering reality and breaks down all standards we know. There is only one thing that seems to be discernible: we may say that radical evil has emerged in connection with a system in which all men have become equally superfluous". (Arendt 1976, p. 459)

We can also understand this radicality by the fact that this evil has destroyed down to the roots the conditions that are given to men to live in the world. In *The*

Human Condition we find the enumeration of these conditions: "(...) life itself, natality and mortality, worldliness, plurality (...)". (Arendt 1989, p. 11)

Now, it is undeniable that the totalitarian movement destroyed life beyond, as has already been said, existence itself.

As for natality, Arendt presented it as the capacity that men possess to initiate something new in the world already given, that is, to change the course that events would follow, in a way that we could not predict. The totalitarian threat consisted precisely on the attempt to destroy this possibility of initiating a novelty. Everything proceeded in a programmed way, making the initiative of a consequent revolt absolutely impossible.

As far as mortality is concerned, it is a condition that enables us to wish to survive the limits of our own life, and to achieve, through what we do and say, immortality.

"The task and potential greatness of mortals lie in their ability to produce things – works and deeds and words – which would deserve to be and, at least to a degree, are at home in everlastingness, so that through them mortals could find their place in a cosmos where everything is immortal except themselves. By their capacity for the immortal deed, by their ability to leave nonperishable traces behind, men, their individual mortality notwithstanding, attain an immortality of their own and prove themselves to be of a "divine" nature". (Arendt 1989, p. 19)

In this way, the mortality of men, the notion that we are mortal, is the condition for this desire for immortality. In the years of totalitarian domination, no action and no word were allowed to the persecuted, and, to this extent, even their mortality was not preserved. On the contrary, the imminence of death made this mortality, understood as the condition of a more authentic life, absolutely superfluous.

As far as worldliness, this condition concerns the presence of a world that survives the time given to men to live in it. This condition is fundamental to work, the activity of the *vita activa* destined to the construction of a durable world, thus contributing to a worldly permanence that leads us to the feeling of belonging to a common place, which, as such, constitutes itself as the public realm.

"(...) the term *public* signifies the world itself, in so far as it is common to all of us and distinguished from our privately owned place in it. This world, however, is not identical with the earth or with nature (...). It is related, rather, to the human artifact, the fabrication of human hands, as well as to affairs, which go on among those who inhabit the man-made world together. (...) The public realm, as the common world, gather us together and yet prevents our falling over each other, so to speak". (Arendt 1989, p. 52)

In the years of totalitarian domination, not only the work, for example in the concentration camps, was meaningless inasmuch as there would be machines much more capable of making it quicker and more profitable, but also the very sense of belonging to a world was shaken for those who were persecuted and inserted in an ideology whose meaning reversed all the ethical and political order known until then.

Finally, as far as plurality is concerned, this condition assumes an indisputable intimacy with worldliness: the fact that we belong to the same world, which is public and, therefore, we recognize as common, makes possible the encounter between men, which is essential to action – the highest activity of *vita activa* – and to politics in general.

"Action, the only activity that goes on directly between men without the intermediary of things or matter, corresponds to the human condition of plurality, to the fact that men, not Man, live on earth and inhabit the world. While all aspects of the human condition are somehow related to politics, this plurality is specifically the condition – not only the *condition sine qua non*, but the *condition per quam* – of all political life". (Arendt 1989, p. 7)

This encounter between men, fundamental to political life, was actually prevented during the years of totalitarian domination. In a universe where basic needs are pressing and orders are random, it is difficult to conceive any political activity.

It becomes clear that the concept of "radical evil" implied the notion that all these conditions were questioned in the years of totalitarian domination. It is also undeniable that Hannah Arendt changed her mind about totalitarian evil, to the extent that she ceased to name it as radical and declared in a letter to Gershom Scholem, on 20 July 1963:

"You are quite right: I changed my mind and do no longer speak of "radical evil". It is a long time since we last met, or we would perhaps have spoken about the subject before. (...) It is indeed my opinion now that evil is never «radical», that it is only extreme, and that it possesses neither depth nor any demonic dimension". (Arendt 1978, pp. 250-251)

The question that now prevails is the following one: has Hannah Arendt changed her mind about the full breadth of the concept or about any particular aspect of it? The answer to this question implies that we first recognize that the abandonment of the concept of "radical evil" erroneously suggests its complete negation and, furthermore, that this abandonment, by not corresponding to its complete denial, fostered a misunderstanding which, inexplicably, Hannah Arendt did not clarify.⁴

We cannot say that Hannah Arendt has changed her mind about the essential dimension of radical evil. There is no indication in *Eichmann in Jerusalem* of this change. We have serious reasons to believe that totalitarian evil continued to be thought as limitless in the sense that, in its essence, it destroys the existence of man

⁴ In response to a criticism in this respect, the author only said: "You regret that I was not more explicit in linking the Eichmann book to my book on totalitarianism, I don't think that this was my job. The Eichmann book is really what it says, it is a report". "Adolf Eichmann File 1938-1968", Correspondence – Miscellaneous – English Language – D.-F. 1963-1965, Image 66, in Hannah Arendt Papers, Manuscript Division, Library of Congress, Washington, D.C.

in the world, that is, the conditions that are offered to man to inhabit there. Likewise, we also have serious reasons to believe that totalitarian evil continued to be thought of as constituting crimes, which have attempted to turn men into superfluous beings. These reasons can be found in the fact that Hannah Arendt did not even consider the possibility of forgiveness for that defendant. Considering Eichmann's assertions that he had simply followed orders, Hannah Arendt wrote the following:

"For politics is not like the nursery; in politics obedience and support are the same. And just as you supported and carried out a policy of not wanting to share the earth with the Jewish people and the people of a number of other nations – as though you and your superiors had any right to determine who should and who should not inhabit the world – we find that no one, that is, no member of the human race, can be expected to want to share the earth with you. This is the reason, and the only reason, you must hang". (Arendt 1994, p. 279)

The fact that totalitarian crimes were unforgivable had already been enunciated in *The Origins of Totalitarianism*. (Arendt 1976, p. 459) This aspect is of particular importance insofar as it relates not only to the essential dimension of this evil, but also to its motivational dimension. If in an essential sense, in front of Eichmann, Hannah Arendt concluded that the evil perpetrated by these executioners remains unpardonable, this is certainly because the author persisted in thinking that this evil goes beyond limits, profoundly affecting the existence of men in the world. But, in addition, totalitarian evil is unforgivable because it is not possible to forgive those who reveal themselves incapable of acting differently. In the above-mentioned letter to Scholem, Hannah Arendt clarified this point when she stated: "the act of mercy does not forgive murder but pardons the murderer insofar as he, as a person, may be more than anything he ever did". And adds: "This was not true of Eichmann". (Arendt 1978, p. 250)

In the context of *The Origins of Totalitarianism*, the unforgivable dimension of this evil must be related to the fact that we cannot expect this type of criminal to be able to change his conduct. After all, how could we even admit it if the crimes are

motivated by reasons beyond our comprehension? If the hypothesis of pardoning these executioners has not been put forward since the first work, this means that not everything has changed concerning Hannah Arendt's conception of the anthropological origin of totalitarian evil. Above all, Eichmann also committed unforgivable crimes, proved to be incapable of acting in a different way and I believe we can say that he was moved by equally incomprehensible motives. In this respect we must admit that, at least in decisive political situations, it is so incomprehensible that a man behaves like a demon or as a clown...

In this context, we must try to understand what has really changed in Hannah Arendt's mind, namely the reason why the author has abandoned the concept of "radical evil". It is proposed in this text that the change did not take place in terms of the essential dimension of the totalitarian evil (as limitless), nor did it take place with regard to the incomprehensible dimension of the motives that were in its origin (as absolute). What seems to have truly changed in Hannah Arendt's mind from *The Origins of Totalitarianism* to *Eichmann in Jerusalem* was the consideration that it is not only the demons that are moved by humanly incomprehensible motives but also, in specific situations, vulgar men.

But what exactly does this change mean? What distinguishes a demon from a vulgar man, when the result of their deeds is identical: a limitless and absolute evil? In this distinction lies, in my view, the reason why Hannah Arendt abandoned the concept of "radical evil", adopting that of "banality of evil".

I think that when proposing the idea that totalitarian evil is radical, in *The Origins of Totalitarianism*, Hannah Arendt wanted to affirm that, in addition to being infinite and absolute, that is, caused by humanly incomprehensible motives, it was practiced by demonic beings capable of *radicality*. This means that these beings were able to think and remember, since, according to Hannah Arendt, it is through these activities that we create roots in the world. In her words: "Thinking and remembering, we said, is the human way of striking roots, of taking one's place in

the world into which we all arrive as strangers". (Arendt 2003, p. 100) It is important to note that this ability to think is not a prerogative of a few, in so far as it concerns a capacity that all men can achieve. In Hannah Arendt's own words:

"Thinking in its non-cognitive, non-specialized sense as a natural need of human life, the actualization of the difference given in consciousness, is not a prerogative of the few but an ever-present faculty in everybody; by the same token, inability to think is not a failing of the many who lack brain power but an ever-present possibility for everybody (...). A life without thinking is quite possible; it then fails to develop its own essence – it is not merely meaningless; it is not fully alive. Unthinking men are like sleepwalkers". (Arendt 1981, I, p. 191)

Now, my interpretation is that these demons, implicit in *The Origins of Totalitarianism*, would be able to be fully aware of the circumstances surrounding their deeds, as well as of the very evil they were committing. They would do evil, moreover, intentionally, and when they return to their deeds by remembrance, no guilt or regret would arise from this exercise. Thus, these demons would be radical because they are able to create roots, that is, to think and remember. Now, in front of Eichmann, Hannah Arendt met a vulgar man of surprising superficiality and who, in the sense of thinking mentioned above, behaved like a sleepwalker. Hannah Arendt's argument about Eichmann was based on his statements full of clichés and on the claim that he was only following orders, without understanding that this was not enough to justify what he had done.

"Nothing could have demonstrated this more convincingly than the grotesque silliness of his last words. He began by stating emphatically that he was a *Gottgläubiger*, to express in common Nazi fashion that he was no Christian and did not believe in life after death. He then proceeded: "After a short while, gentlemen, we shall all meet again. Such is the fate of all men. Long live Germany, long live Argentina, long live Austria. I shall not forget them". In the face of death, he had found the cliché used in funeral oratory. Under the gallows, his memory played him the last trick; he was "elated" and he forgot that this was his own funeral. It is as though in those last minutes he was summing up the lesson that this long course in human wickedness has taught us – the lesson of the fearsome, word-and-thought-defying banality of evil". (Arendt 1994, p. 252)

It seems that this man, over the years of totalitarian domination, did not understand the gravity of what he was doing nor, in retrospect, he thought about what he had done and it was for this reason that, like a demon, he also felt no guilt or regret. Thus, between a demon and a clown, the effect is the same – the absence of guilt and regret – but the reasons for this absence are distinct: a demon does not have feelings of this order because thinking and remembrance do not produce their most obvious effects; a clown does not have this kind of feelings because he is not even capable of that depth of those who think about what they are doing and remember what they had done.

This change of mind about the nature of the executioners themselves led Hannah Arendt to change the terminology of the totalitarian evil. If the motives of this evil failed to find their origins in a radical or demonic depth and were discovered in a superficiality or banality worthy of a clown, it would not have made sense to the author to preserve the concept of "radical evil".

It is important to emphasize, however, that this change is not absolutely clear, even because Hannah Arendt did not merely replace the concept of "radical evil" with that of "banal evil". On the contrary, the author never asserted that totalitarian evil is banal, which would show, in this case, a change of mind in terms of the essential dimension of the totalitarian evil. The truth is that this did not happen, even though Hannah Arendt was accused of trivializing totalitarian evil.⁵ Inexplicably, the author did not waste much time to justify that she did not say so. However, there is evidence that Hannah Arendt did not intend to trivialize the totalitarian evil or the sufferings of the victims. In the first case, in a dialogue with

⁵ This accusation took various forms, including that of George P. Elliott, in the article "Arendt on Eichmann": "(...) Arendt's subtitle is pretentious. "The banality of evil" implies that evil is banal, and all her essay demonstrates is that evil can be banal". ("Adolf Eichmann File 1938-1968", Correspondence – Miscellaneous – English Language – D.-F. 1963-1965, Image 35, in Hannah Arendt Papers, Manuscript Division, Library of Congress, Washington, D.C.) and that of Musmanno who, in a letter to William Shawn, dated July 22, 1963, asked: "Is the murder of six million human beings a triviality?" ("Adolf Eichmann File 1938-1968", Correspondence – Shawn, William and Michael A. Musmanno 1963, Image 4 in Hannah Arendt Papers, Manuscript Division, Library of Congress, Washington, D.C.)

Thilo Koch in 1964, she stated that "Nothing could be further from my mind than to trivialize the greatest catastrophe of our century". (Arendt 2007, p. 487) In the second case, in a letter to Samuel Grafton, dated September 20, 1963, the author declared: "Why readers who read "banality of evil" should jump to the conclusion that "their sufferings are banal" is beyond me". (Arendt 2007, p. 478)

Thus, our interpretation is that the author did not change her mind about the essential dimension of the totalitarian evil, but only with respect to the nature of the executioners capable of humanly incomprehensible motivations. The persistence of the idea that totalitarian evil is limitless is clearly expressed in the following statements by Hannah Arendt:

"These limits (stated by thought and remembrance) can change considerably and uncomfortably from person to person, from country to country, from century to century; but limitless, extreme evil is possible only where these self-grown roots, which automatically limit the possibilities, are entire absent. They are absent where men skid only over the surface of events, where they permit themselves to be carried away without ever penetrating into whatever depth they may be capable of". (Arendt 2003, p. 101)

This means that Hannah Arendt has discovered that the worst of evils is the one committed by banal men, unable to think and remember. Insisting on the idea that, instead of abandoning the concept of "radical evil", the author could have simply demarcated it from the *radicality* of the executioners, associating this concept with their banality, we might say that Hannah Arendt discovered that radical evil is the one that is motivated by banality. In this quality, this evil constitutes itself as a "contagious fungus" and here lies its danger.⁶ This is an evil committed by many banal men who, under a certain situation, allowed themselves to be entangled by

⁶ Insisting on the opposition between the concepts of "radical evil" and "banality of evil," Hannah Arendt stated: "Evil is not only not radical, has no roots, it is a surface phenomenon; for this reason it is so infectious. It can spread over the whole world like a fungus (...)". ("Adolf Eichmann File 1938-1968", Private Reply to Jewish Critics 1963, Image 11, in Hannah Arendt Papers, Manuscript Division, Library of Congress, Washington, D.C.)

totalitarian ideology and have abandoned, without return, what, as men, could turn them into people – thinking and memory.

Conclusion

This article began with an analysis of the film "Hannah Arendt" by Margarethe von Trotta. The plot is devoted to the episode in the author's life in which she was confronted with Eichmann and to the reactions to her articles in the *New Yorker*. Notwithstanding some aspects, which, as I have tried to show, could be present in the film, it would be impossible, through its plot, to clarify, beyond the controversy, all the complexity of the concept itself. In this way, I understand that the greatness of this film is to show a woman who, in coherence with what she believed, did not fear the consequences of making her thoughts public. In addition, this film further incites the understanding of one of the most terrible movements of the twentieth century - totalitarianism.

It is necessary to understand that, in a temporal sense, we are not so far from these movements which, forever, will characterize the political global paradigm of the twentieth century and which, since they occurred in the world, will be, also forever, a threat. Understanding the essence of totalitarian evil as well as the motivation that led to it is fundamental to being alert to this threat. Beyond all the complexity surrounding Hannah Arendt's concept of "banality of evil", this is an evil which, I believe, may continue to be called "radical", even though it is motivated, or because it is so, by a fearful banality. Thus, the shallowness that we see today in education and politics, in post-culture in general, can, instead of appeasing men, be a wake-up call because, after Hannah Arendt, we have an obligation to be aware of what banality can do.

BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

ARENDR, Hannah, *The Origins of Totalitarianism*, New York: Harcourt Brace & Company, 1976.

-----, *The Jew as Pariah: Jewish Identity and Politics in the Modern Age*.
New York: Grove Press, 1978.

-----, *The Life of the Mind*. New York: Harcourt Brace & Company, 1981.

-----, *The Human Condition*, Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

-----, *Eichmann in Jerusalem. A Report on the Banality of Evil*, New York:
Penguin Books, 1994.

-----, *Responsibility and Judgment*, New York: Schocken Books, 2003.

-----, *The Jewish Writings*, New York: Schocken Books, 2007.

KOHLER, Lotte; Saner, Hans (ed.), *Hannah Arendt, Karl Jaspers - Correspondence
1926-1969*, New York: Harcourt Brace & Company, 1993.

YOUNG-BRUEHL, Elisabeth, *Hannah Arendt - For the Love of the World*, New
Haven: Yale University Press, 1982.

Hannah Arendt Papers, Manuscript Division, Library of Congress, Washington,
D.C., "Adolf Eichmann File 1938-1968":

<http://memory.loc.gov/ammem/arendhtml/mharendtFolderP03.html>

BIONOTE

Margarida Gomes Amaral has a PhD in Philosophy, specifically in Contemporary Philosophy, with a thesis on Hannah Arendt (Lisbon University, 2011). She is a guest assistant professor at the Faculty of Human Sciences of the Catholic University of Portugal and a member of the Scientific Society of this University. She is also a full member of the research group "Praxis – practical philosophy" at the Centre of Philosophy, University of Lisbon.

ABSTRACT

This article intends to reflect on Hannah Arendt's concept of banality of evil. It starts with an analysis of the film *Hannah Arendt* by Margarethe von Trotta. This beginning is not a mere pretext. Because it is a relatively current cinematographic

work, it has a public disclosure far superior to the written work of Arendt. In this sense, it becomes important to confront the film, elucidating its aspects more or less concordant with the author's work.

The banality of evil is perhaps the most complex concept proposed by Arendt and has given rise to a controversy that the author could not have foreseen. Margarethe von Trotta's film is extremely loyal to this controversy, although, because it is a film and not a treatise on philosophy, it does not explore all the complexity associated with the concept. This complexity is related to the few clarifications that Arendt provided about her change of mind on the subject of totalitarian evil, which was accompanied by a conceptual modification - from "radical evil" to "banality of evil". I intend to show, without denying the differences between the concepts, that we can combine them in order to think the banality capable of leading to radical evil.

KEYWORDS: Hannah Arendt, Ethics, Politics, Evil.

RESUMO

Este artigo pretende reflectir acerca do conceito arendtiano de "banalidade do mal". Ele começa por uma análise do filme "Hannah Arendt" de Margarethe von Trotta. Este início não é um mero pretexto. Pelo facto de se tratar de uma obra cinematográfica relativamente recente, o filme tem uma divulgação pública muito superior aos livros de Arendt. Neste sentido, torna-se importante confrontar o filme, elucidando os seus aspectos mais ou menos concordantes com a obra da autora.

A banalidade do mal é talvez o mais complexo conceito proposto por Hannah Arendt, tendo, além disso, dado origem a uma polémica que a autora não teria podido prever. O filme de Margarethe von Trotta revela-se extremamente fiel a esta polémica, embora, por se tratar de um filme e não de um tratado de filosofia, não explore toda a complexidade associada ao conceito. Esta complexidade está relacionada com os poucos esclarecimentos que Hannah Arendt prestou acerca da

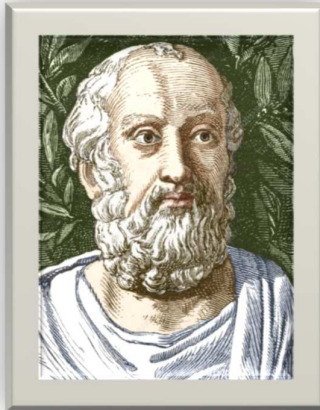
sua mudança de pensamento relativamente ao tema do mal totalitário, a qual foi acompanhada de uma alteração conceptual - do "mal radical" à "banalidade do mal". Pretendo mostrar, sem negar as diferenças entre os conceitos, que os podemos combinar de forma a pensar a banalidade capaz de conduzir ao mal radical.

PALAVRAS-CHAVE: Hannah Arendt, Ética, Política, Mal.

ABSOLUTE BEING THE DIVINE ACCORDING TO HESIOD AND PLATO



Hesiod, detail of a mosaic by Monnus, 3rd century; in the Rhenish State Museum, Trier, Ger.
Courtesy of the Rheinisches Landesmuseum, Trier, Ger.



Plato, Ancient Greek philosopher, Science Photo Library H416/0435, Rights Managed

***AMÉRICO PEREIRA
UNIVERSIDADE CATÓLICA***

A real experience of God would necessarily demand that the being who has that experience – a human being, precisely as far as we can transcendently perspective the whole of human experience – could be able to access God exactly as God, that is, God in all of his infinite reality.

Before saying, and having thus said, that such a demand is impossible to be met, we must say that this same impossibility is, as an experience, transcendental: all our experiences, concrete or possible, suffer from this problem of necessary incompleteness. But for the inner experience where that which we experience or experiment may coincide with the whole that can be experienced, and thus immediately, all other forms of experience deliver us just a part, generally a very small part, of what can be experienced, of what the object under experience or experimentation may yield us. In each considered or considerable abstract instant we can only experience one aspect of that object. No one has a plentiful experience of anything that transcends him or her.

Or God is the ultimate transcendent. Therefore, God is the ultimate out of reach in terms of experience as a whole. So, no one has properly "an experience of God"; the mystics themselves have infinitely minute experiences of God, when compared to the actual infinity of their object.

What we mean is that there is no shame as well as no originality in not having an experience of God as defined previously. Impossibilities imply no shame. As to originality, we can find thousands of original forms not of "experience of God", but of intuitions that point to a necessary absolute ontological principle, truly metaphysical, truly transcendent and transcendental.

Within the traditions, where such intuitions have occurred, and merely as a brief exemplification (one that most pleases us) we choose the mythic intuition of Hesiod and the metaphysical, though mythically approached, of Plato. The total scope of such a research is immense. This text is just a very down-to-earth essay.

The ancient Greeks were horrified at the perspective of nothingness. Their intuition did not deal with the absence of being as a matter for light hearted consideration: what they most feared was the absolute negation of actuality, mainly its impossibility. The immense force revealed by the existence of being, the same being experienced in the absolute act of existing, had to have an explanation residing in something capable of supporting such act. And due to the ontological dynamics and ontological kinetics of the experienced being, such supporting reality must necessarily be something of the dynamic and kinetic type.

In this tradition, there was no "in the beginning", for there was no intuition of an absolute difference between stages of being, just an evolution in that which concerns the multi-stage process of the development of the differences that constitute what became the cosmos, the transcendental world of possible human experience. The most radical form of being, its metaphysical root, escaped both submission to time and to the unthinkable metamorphosis from nothingness to "somethingness", the new born being.

This unborn deepest substratum and foundation for the whole of being is called "Khaos". Chaos is the immense (not to call it infinite, which, in fact it is) metaphysical reservoir of all the possibility of being, though in itself it cannot be called being. All the possibility of ontological differentiation resides within it, but absolutely mixed and confused. From the depth of eternity, all that is possible, eternally, constitutes the core of Chaos. This eternal possibility represents the metaphysical root of all things that can ever be. The coming of these possible things to being is the absolute springing that fascinated ancient Greeks and that received the designation of "nature", that which "phyein", that which is fountained from the depths of the chaotic melting pot to the place of "phainomenon" that is the world where, each morning, the pink fingered Aurora permits the revelation of that absolute impossible within Chaos, the form of evolving beings. This is the world of being as nature.

Although, different, as the inform Chaos and the formal nature, there is no continuity solution between them: the "Hesiodic" myth is quite clear about this. The

sprouts of Chaos, though different from the stem from which they sprout, are made of the same fundamental stuff and carry the absolute mark of their matrix forever.

One of the characteristics of that mark is the necessity of a relentless movement, without which being as nature would fall into nothingness – it is the same intuition that supports the metaphysical thesis of Heraclitus. Chaos is an immense a-formal and disordered never dying movement. This movement left to its absolute simplicity would never produce anything different. Therefore, the myth manifests a necessary first fundamental subtle different movement, the desire to be, called Eros. It is this inner transcendent movement that is the origin of the metamorphic differentiation that will ultimately produce the world. This movement is never explained and its reason is never known. It is an absolute fact.

Firstly, Eros becomes Gaia, Mother Earth, womb and bosom of all forms to come. Earth is not a form among others, not even "the first form". She is that in which the formal possibility of all forms resides. She is the paragon of all possible paragons. More than an absolute limit or boundary between the absolute non-formality of Chaos and the formality of the world, Earth is the crucible for the metamorphosis of the pure dynamic energy that replenishes the act of what otherwise would be the absolute nothingness, which constantly and without any defection becomes the cosmic presence of a transformed energy, of a novel dynamism that is no longer a boiling turmoil, but a dialectic relation between acts that comprehend an endless potentiality for differentiation, and this same potentiality as their ultimate finality, thus imposing the notions of actuality, potentiality and finality as own possibility and general transcendental possibility of all beings considerable.

Mother Earth is all this, meaning that "she" coincides with the absolute formal possibility of all things. Whatever the possibility, its formal ontological roots inhabit Mother Earth as a proper possibility.

Treasuring all the actual "Energeia" that makes all possible, Gaia is the transcendental divine expression of the absolute might that maintains all being separate from the ever pending menace of annihilation.

Bearing in mind such ontological greatness, it would be blasphemy to call her a goddess. Goddesses are comparatively very inferior beings, all rooted in Mother Earth. The maker of the first sickle, the mother and chastiser of the Sky is the evidence of the absolute of power. Power impossible to correctly comprehend, but power perceived as the immediate maintainer of not just cosmic order, but of cosmic "Energeia", cosmic active act.

This fundamental trilogy is the ancient Greek conception of the divine as that which not only represents, but precisely is "the being". Ultimately, when a Greek human individual liturgically worshiped a god, he or she were serving and adoring the divine primary seed present within that god. Thus, not only they liturgically related themselves to the absolute apparent ontological positivity of Mother Earth, but they also, through the immanent relation between Gaia and Chaos, served by Eros, related to the almighty disordered reality of Chaos.

And they knew it.

The writings of Homer, Hesiod and the main tragic poets manifest this evidence and the deep concern associated to it. The omnipresence of the chaotic erotic and its effect, the almost impossible to remedy "hybris", human and divine, in works such as *Iliad*, *Odyssey*, *Theogony*, *Works and days*, and the theatrical plays of Aeschylus and Sophocles, is a proof of the importance the intellectual thought embodied in mythic form attributed to the "alogia" constantly irrupting within that what should be the realm of form, of "logos", sole space, "khora" of the possibility of human existence.

In a very brief length of time, Greek poetic and mythic thought was able to perceive the greatness of the dynamic and kinetic first principle of being, its good and bad qualities, its metamorphosis, ending with the unsurmountable texts of Sophocles, where, through the merit of Oedipus and Antigone, the chaotic infection inserted by Zeus in the cosmos is transcended, though not annulled. The previous transformation of the diamantine Erinnyes from almost blind executioners of cosmic justice to benevolent correctors of that same order, by Aeschylus, the purge of the "hybris" of Zeus and of the successive generations which followed his rape of Europa undergone by Oedipus, his final reception within the Sanctuary of the Guardians of

cosmic order and the sacrifice of Antigone, all converged to a new conception of the divine as an absolute ontological force and might, pregnant both with possible goodness and possible evilness, but where the human being was not determined either way. This had been the philosophical work of Sophocles, given to us under the poetic form of his theatrical myths.

Adding to all this, the censure of Xenophanes to the human projective mania of producing deities from human positive and negative virtues, and the radically different conception of the divine as "spirit", "without any limits and autonomous", brought by Anaxagoras, when the Greek world reaches the era of old Athenian Socrates, mean that a new conception of divinity is on the verge of appearing.

Socrates lived his last years and died defending a cosmos where there was no real place for old deities, but where the understanding of the fundament of all things would have to inherit the tradition we dwelt upon these last pages. Whatever the ultimate reason of all cosmic things is, that must be of a different sort of that of worldly immanence. The divine, whatever it may be in itself, is a transcendent reality, irreducible to all immanence. The unique centre for human concern is no mundane act, no profane place or action, but something absolutely sacred, positively sacred, as the order guarded by the Goddesses of Colonus. That is the only thing worthy dying for, but also the only thing worthy living for. That is philosophy as an act of treading the path from bestial ignorance to celestial wisdom. That is a liturgy that raises the human being from the condition of slavery under a tyranny of heteronomous passivity to the condition of master of oneself, making each human being a free entity, free as Oedipus and Antigone at the end of their lives.

Both of them were philosophers, in a Socratic way, each ending their lives within the framework of the divine level of cosmic rules. They both died within these rules and for these rules. From now on, no human life is worth living unless lived at this level. All the rest is beneath human dignity. Humanity finds itself belonging to the heights of divinity. Human life is an experience of the spirit or is nothing at all. Call it "religion" or not.

Plato had a deep knowledge both of the mythical/poetic and of the previous philosophical traditions that constituted the cultural mainframe of his time. He had seen the consequences of the illogical action, ethical and political, that reached its apex with the destruction of Socrates.

The question of the ontological nature of the cosmic principle was thus paramount since all the rest depended on the reality and quality of that principle.

What is the ultimate matrix of all being, past, present and possible?

As Socrates logically perceived, his condemnation theoretically doomed forever the type of principles that guided the action of those who took part in the tragic issue of his process. Plato's reaction to poetry, rejecting it (though remaining fascinated with great part of it), is quite understandable: not using as principle an indefectible, absolute axis, it is impossible for it to have a path of undeletable goodness.

The steps that constitute this path, steps that no god or any other alien force will stride in the stead of every human being, have no guaranty of treading in a way that produces goodness, that is, ontological positivity.

It is this ontological positivity, absolutely considered, that is the axis of Plato's intuition and philosophical thesis. Either cosmos is innermost informed by a principle of absolute ontological positivity or there can be nothing that deserves the designation of "cosmos". The minor version of this intuition, given to us in the *Timaeus*, shows a workshop version of the relation between the cosmos and its principle. Strangely, it continues the tradition Plato so detested. But the version of this relation presented in three successive great metaphors in *Politeia*, Books VI and VII, manifest, though poetically – but here the initial strangeness belongs just to the exterior form of the essay trying to communicate the insight –, a fundamentally different intuition.

The point of departure is the simple evidence that there is something. This is an absolute. Secondly, that which is not chaotic. Thirdly, the existing order is not perfect. But imperfect order is no chaos. This absolute of the existence of a reality

informed by order logically implies the incompatibility with nothingness and with chaos. Therefore, there necessarily is an absolute kind of reality that transcends all possibility of ontological movement, which innermost reality consists in absolutely being. Its movement would mean the cessation of its being and, thus, the cessation of all being.

This absolute, eternally indefectible ultra-being, the eternal obstacle to nothingness, receives the name of "agathon". It is not another projection of a human characteristic upon an invented entity, thus nourishing old illusions, but the intuition of the necessary ontological counterpart of the existence of anything, however infinitesimal it may be. The smallest of beings need an infinite ontological and eternal presence – metaphysical – to explain not only its existence, but also its mere possibility. The reality of the infinitesimal implies necessarily the reality of the infinite positively understood. This is what is manifested by the grand image of the analogy between the sun and its infinite radiation of light and "Goodness " and its infinite radiation of being. This is Plato's God and the product of his deepest and most precious insight and experience.

This is the philosophical and theological notion of God with which our tradition has been nourished and with which it has to work in order to perceive not only the ontological axis of worldly being but also the metaphysical greatness of Revelation.

BIONOTE

Américo José Pinheira Pereira, Doctor in Philosophy, Portuguese Catholic University, 1996. Several items of scientific publications in the areas of Ontology, Ethics, Portuguese Thought, Epistemology, Philosophy of Religion, Ancient Philosophy and Political Philosophy, including nine books. Various Academic Administrative positions. Director of the Philosophy Department 2013-15. Senior research member and Board member of the Philosophy Centre of the Portuguese Catholic University. His main publications are: *Ética e Teologia. Declinações de uma Relação* (2016); *Eros e Sophia. Estudos Platônicos II* (2015); *A Crise do Bem. Reflexão sobre o Job e o Sofrimento* (2014); LAVELLE, Louis, *Cadernos de Guerra. Na frente*, Francisco Piedade Vaz (transl.), Américo Pereira (coord.); "Guerra, uma redefinição", *Synesis*, vol. 6, nº 2, Jul/Dez 2014, pp. 1-20.

ABSTRACT

The matrix of all Hellenic culture is the intuition of the absolute difference between the existence of something and its contradiction, for which there are no proper words. Hesiodic myth, as well as the narratives of Homer and the great dramatic authors, portray the first conception of this relation, depicted in many detailed forms. Plato, following Socrates' teachings, proposes Goodness as that absolute difference, as the absolute ontological positivity that produces/creates being.

KEY-WORDS:

Hesiod, Plato, Absolute being, Ontological positivity

Para uma leitura 'miguelista' de Os Fidalgos da Casa Mourisca (1872), de Júlio Dinis (1839-1871)

Miguel Alarcão

***Para uma leitura 'miguelista' de Os
Fidalgos da Casa Mourisca (1872), de Júlio
Dinis (1839-1871)***



***Miguel Alarcão
Universidade Nova de Lisboa***

1

Às Profs. Doutoradas Helena Carvalhão Buescu (FL-UL)
e Ana Isabel Buescu (NOVA FCSH)

Não sendo, evidentemente, termos e conceitos históricos sinonímicos, o presente ensaio emparelha, de algum modo, "absolutismo" e "miguelismo" por contraposição comum a um "liberalismo" político consagrado apenas entre nós em meados do século XIX, não sem grandes hesitações, dificuldades e desvios de percurso. Dito isto, o nosso objectivo será abordar traços, sinais e vestígios do tempo de D. Miguel (1828-1834)² na representação romanesca de *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (FCM), de Júlio Dinis, nascido no Porto em pleno Setembrismo. Regressamos assim, sob diferente prisma de análise, a um romance que noutro lugar considerámos "(...) o mais ideologicamente comprometido e socialmente acutilante de Júlio Dinis (...)" (Alarcão, p. 213).³

Embora não seja possível (ao contrário, por exemplo, de *Uma Família Inglesa*) datar com absoluta exactidão o tempo diegético de FCM, não erraremos muito se o situarmos algures no 2º terço ou 3º quartel de Oitocentos. Baseamo-nos para tanto nas informações narrativas sobre a carreira diplomática e o perfil político-ideológico do Senhor D. Luís Negrão de Vilar de Corvos, claramente conotado com o

¹ Comunicação apresentada no Congresso Internacional "O Tempo de D. Miguel (1828-1834): Política, Ciência, Linguagem e Memória", organizado pelo Instituto de História Contemporânea - Ciência: Estudos de história, filosofia e cultura científica (CEHFCi da Universidade de Évora) e pelo Centro de História da Universidade de Lisboa (22-23.02.2018).

² No entanto, e curiosamente, D. Miguel não é nomeado uma única vez em FCM.

³ Como escreve Maria Lúcia Lepecki, "(...) ressalta (...) com a maior clareza --- clareza superior à de todos os outros romances do Autor --- a visão e o desejo político, social e ideológico de Júlio Dinis." (p. 80) e "Isto me leva a considerar este romance como o mais conseguido de Júlio Dinis, que aqui parece ter chegado a uma exposição completa e fundamente dialectizada da sua ideologia e das suas crenças políticas." (*Ibidem*, pp. 106-107)

Antigo Regime após a Revolução de 1820;⁴ atentem-se, por exemplo, na sua passagem, enquanto jovem, pela Viena de Metternich,⁵ cidade com ressonâncias de cariz conservador e local de desterro de D. Miguel após a Abrilada (1824) e Évora-Monte (1834); na oposição movida a um cunhado liberal, falecido pouco antes do termo da guerra civil;⁶ no desgostoso abandono da corte em favor da província;⁷ no tipo de leituras a que se entrega⁸ ou na altivez aristocrática e no preconceituoso e semiconsciente despeito com que encara a prosperidade de Tomé da Póvoa, seu antigo serviçal e rendeiro.⁹ Uma das mais conhecidas passagens de *FCM* expõe justamente o contraste entre a pujante Herdade e o degradado solar:

⁴ "Ao manifestarem-se em Portugal os primeiros sintomas da profunda revolução, que devia alterar a face do país, D. Luís mostrou-se logo hostil ao movimento nascente, e abandonando então o seu lugar diplomático, voltou ao reino para representar um papel importante nas cenas políticas dessa época." (p. 8) e "Os descendentes dos ultramonárquicos Negrões de Vilar de Corvos não eram para se assalariarem em defesa dos princípios e das instituições que abalaram os velhos tronos, firmados no direito divino." (p. 14)

⁵ Mais precisamente, como Secretário da Embaixada de Portugal (p. 8).

⁶ "O imprudente moço viu-se perseguido, preso, processado e em quase iminente risco de expiar, como tantos, no suplício o crime de pensar livremente. Conseguindo, quase por milagre, escapar à fúria dos seus perseguidores, emigrou para voltar mais tarde nessa memoranda exposição, que principiou em Portugal a heróica ilíada da nossa emancipação política. Guerreiro tão fogoso como o fora publicista, o pobre rapaz não assistiu porém à vitória da sua causa. Ao raiar da aurora liberal, por que tanto anelava, caiu em uma das últimas e mais disputadas refregas daquela sanguinolenta luta, crivado de balas inimigas (...)" (pp. 8-9).

⁷ "Fez-se a paz, implantou-se no país a árvore da liberdade; D. Luís deixou então a vida da corte e veio encerrar no canto da província os seus despeitos, os seus ódios e os seus desalentos. Trouxe consigo um enxame de misantropos, a quem o sol da liberdade igualmente incomodava (...) O solar do fidalgo transformou-se pois em asilo de muitos correligionários, como ele desgostosos e irreconciliáveis com a nova organização social. Institui-se ali uma pequena corte na aldeia, uma espécie de assembleia ou conventículo político, que não poucas vezes atraiu as vistas dos liberais desconfiados e as ameaças dos mais insofridos." (p. 9)

⁸ "D. Luís lia as folhas absolutistas, que lhe mandavam da capital e do Porto, e dava assim em alimento ao seu ódio contra as instituições liberais um dos frutos mais saborosos delas --- a liberdade de imprensa ---; fruto em que os seus correligionários mordem com demasiada complacência, apesar de ser para eles fruto proibido." (p. 38)

⁹ "O velho fidalgo ainda se não costumara à prosperidade do homem que fora seu criado. A granja era como que uma censura pungente à sua imprevidência; era uma lição muda que ele recebia a todos os momentos, que o humilhava no seu orgulho e pungia-lhe o coração de remorsos." (p. 26) Tal abastança, por oposição à decrepitude da Casa Mourisca, pode metaforicamente ser lida como um símbolo da nova ordem social e política e da valorização do trabalho como fonte de desafogo material e realização pessoal.

"Ela graciosa e alvejante, ele severo e sombrio; de um lado todos os sinais de actualidade, de vida, de trabalho, da indústria que tudo aproveita, que não dorme, que não descansa; a economia, a previdência, o futuro; do outro, o passado, a tradição estéril, o silêncio, a incúria, o desperdício, a ruína; a cada pedra que o tempo derrubava do palácio, correspondia uma que se assentava na Herdade para alicerces de novas construções; aqui esmoronava-se um pavilhão, ali levantava-se um celeiro, uma azenha, um lagar; aos velhos carvalhos, às heras vigorosas, aos aveludados musgos, aos líquenes multicores, severas galas, com que se adornava a casa nobre, opunha a Herdade os pomares produtivos, as ondulantes searas, os prados verdes, as vinhas férteis e (...) os canteiros de rosas e balsaminas, onde volteavam incessantes as abelhas das colmeias vizinhas. Nas amplas cavalariças do palácio, onde outrora relinchavam dúzias de cavalos das mais apuradas raças, ainda batiam com impaciência no lajedo dois velhos exemplares de bom sangue, cujo sacrifício a economia não exigira ainda; nas mais modestas cavalariças do casal, duas éguas robustas, prontas para o serviço, (...) preparavam-se em fartas manjedouras para frequentes e longas excursões; e ao entardecer abriam-se os currais a numerosas cabeças de gado, cujos mugidos chegavam até o alto da Casa Mourisca, onde o velho fidalgo [D. Luís] muitas vezes os escutava, pensativo e melancólico." (p. 16)¹⁰

Segundo o narrador, a Casa Mourisca estaria, porém, longe de ser um caso isolado:

¹⁰ "A Casa Mourisca representa um espaço que se opõe, até aos limites da sua capacidade de resistência, aos princípios liberais. Num mundo que se transforma rapidamente, a sua rigidez torna-a propícia a uma regressão, a um aniquilamento, se novas fontes de energia e de reacção não forem avivadas no seu interior e a fizerem renascer (...) para um novo mundo, uma nova ordem (...), sem desrespeito pelos verdadeiros valores aristocráticos (...) profundamente enraizados na alma do senhor e da sua casa." (Ribeiro, p. 210)

"A história daquela casa era a história sabida dos ricos fidalgos da província, que, orgulhosos e imprevidentes, deixaram, a pouco e pouco, embaraçar as propriedades com hipotecas e contratos ruinosos, desfalecer a cultura nos campos, empobrecer os celeiros, despovoar os currais, exaurir a seiva da terra, transformar longas várzeas em charnecas, e desmoronarem-se as paredes das residências e das granjas e os muros de circunscrição das quintas." (p. 7)

Da brevíssima caracterização de D. Luís, não deverá, todavia, inferir-se estarmos perante uma personagem "plana" (*flat*), no sentido forsteriano do termo.¹¹ Com efeito --- para usar dois termos eminentemente oitocentistas ---, o fidalgo é susceptível de 'evolução' e 'regeneração' ao longo do romance;¹² apontem-se como exemplos a admissão de um antigo soldado liberal como hortelão da propriedade, em memória da orientação ideológica da falecida esposa e do respectivo irmão, de quem o velho soldado havia sido camarada de armas (pp. 9-10); o reconhecimento e a aceitação graduais da generosidade de Tomé da Póvoa (p. 310) e da necessidade da presença de Berta junto de si (p. 317ss), em memória de Beatriz, a filha falecida aos dezasseis anos; e, por último, o pedido da mão de Berta da Póvoa, feito a Tomé pelo próprio D. Luís, para esposa de Jorge, o seu filho mais velho (p. 399).

Ainda mais entranhadamente absolutista do que D. Luís é Frei Januário dos Anjos, o procurador da Casa Mourisca, obcecado pela detecção de sinais, influências e perigos jacobinos, liberais e maçónicos e do qual D. Luís virá gradualmente a afastar-se, culminando tal afastamento num inflamado discurso, a propósito do

¹¹ "In their purest form, they [*flat characters*] are constructed round a single idea or quality; when there is more than one factor in them, we get the beginning of the curve towards the round." (p. 73)

¹² "Todos os romances de Júlio Dinis contam e propõem a construção de um mundo renovado: suficientemente *novo* para aceitar realidades diferentes, suficientemente *conservador* para manter traços (...) do que já existia." (Lepecki, p. 30)

casamento do aristocrata Jorge e da plebeia Berta (pp. 386-387).¹³ Frei Januário representa, pode dizer-se, um certo Portugal, no qual as ordens religiosas, extintas em 1834, surgem alapadas a círculos sociais e de poder mais favorecidos e a mundanais estilos de vida,¹⁴ longe, portanto, de práticas de despojamento material e serviço evangélico. É, aliás, com Frei Januário que Jorge, ao qual ficarão a dever-se as reformas estruturais e o saneamento económico-financeiro da Casa Mourisca, travará algumas discussões como aquela que transcrevemos:

"[Fala de Frei Januário] A culpa é desta gente que nos governa, destes homens que juraram perder tudo quanto era nobreza para poderem fazer das suas, sem ter quem lhe vá à mão. Percebe agora? Desde que os liberais...

[Fala de Jorge] Por quem é, Frei Januário, não me venha outra vez com os liberais. Eu tenho a razão bastante clara para ver as coisas como elas são, e não me deixar levar por essa cantiga do costume. Os liberais!... Os liberais o que fizeram foi aliviar a agricultura dos enormes encargos que dantes pesavam sobre ela e que não a deixavam prosperar, foi criar leis e instituições que facilitassem os esforços dos laboriosos e castigassem severamente a incúria e a ociosidade. Quando ao desoprimir-se o lavrador de tributos pesados e iníquos e dos odiosos vexames do fisco, ao tornarem-se-lhe mais fáceis os contratos e as transmissões da propriedade, ao criarem-se-lhe recursos para ele tirar do seu trabalho e da sua inteligência dez vezes mais do que dantes podia obter, quando na época em que tudo isto se realiza, uma casa como a nossa, em vez de prosperar como tantas, vê apressada a sua decadência, é porque tem em

¹³ Como observa Gabriela a seu esposo Maurício, "O padre fez-nos, sem querer, um grande serviço. Meteu-se a advogar com tanto calor a aristocracia, que por pouco fazia de teu pai um democrata." (p. 389)

¹⁴ "Acérrimo partidário do regime absoluto, apesar de lhe não ser possível enfeixar dois argumentos sérios em defesa dele, o padre Januário passava a vida aproveitando os mais ridículos ensejos para premissas dos seus corolários antiliberais, artifício com que lisonjeava as paixões do seu ilustre amo e patrono, e mantinha nele o fogo sagrado." (p. 14)

si um velho e incurável cancro a roê-la. E é esse cancro que eu quero conhecer, para extirpá-lo, se ainda for possível.

--- Eu estou pasmado! Pelo que ouço, acha o menino que todas essas fornadas de leis, que esta gente tem feito, são muito boas e que a sua casa devia ser muito bem servida com elas?

--- Essas leis de que se queixa, são racionais; uma casa racionalmente administrada não pode pois perder com elas.

--- Sim, senhor! Visto isso, o menino, que depois da morte dos manos, ficou sendo o filho mais velho da família, gostou talvez muito de ver acabar com os morgados? Sim, como as leis modernas são tão boas, havia de gostar --- argumentou o procurador, com ares de finura, como de quem apanhava em falso o seu adversário.

Jorge respondeu serenamente:

--- E porque não? A abolição dos morgados acho eu que foi um grande acto de justiça e de moralidade; além de ser uma medida de longo alcance político.

--- Ai... ai... ai... O que mais terei de ouvir! O menino está perdido!... Pois já me aplaude a maldita lei, que há-de dar cabo das famílias mais ilustres do reino... Ai, como ele está...

--- Deixe-se disso. A abolição dos vínculos só trouxe a morte às casas que deviam morrer. O que ela fez foi proclamar a necessidade do trabalho indistintamente para quem quiser prosperar. O esplendor das famílias deve ficar sòmente [sic] ao cuidado dos membros dela e não da lei. Quando esses não tenham brio nem dignidade para o sustentar, justo é que ele se apague, e que o nome dos antepassados não continue a ser desonrado pelos vícios e ociosidade dos descendentes. Mas deixemo-nos destas discussões, Frei Januário. O meu partido está tomado. Mais tarde saberá das consequências dele.

E Jorge saiu da sala, deixando o egresso apatetado com o que ouvira." (pp. 46-47)¹⁵

Como nota, a propósito, Maria Lúcia Lepecki, "No confronto entre as duas idades da vida terçam armas (...) duas Idades Históricas: a do Portugal Velho e a do Portugal Novo, (...) desejado e ficcionado à imagem e semelhança do modelo económico-social inglês (...)" (pp. 36-37).¹⁶ Tal confronto é visível logo à chegada de Gabriela, a elegante, espirituosa e pragmática baronesinha de Souto Real, em confiança a seu primo Jorge

"(...) eu sou, sem dúvida alguma, liberal; porque enfim deves concordar que para se ficar toda a vida a ser absolutista é preciso viver, assim como teu pai, em uma aldeia como esta e com um padre-procurador a dizer-nos há vinte anos a mesma coisa; (...)" (p. 148).¹⁷

¹⁵ "(...) *F.C.M.* ficcionaliza e reflecte (sobre) realidades, problemas e atavismos da (história da) agricultura portuguesa, nomeadamente as medidas de reestruturação e reforma concebidas por Mouzinho da Silveira (1780-1849), Ministro da Fazenda e da Justiça da regência liberal. Tais medidas, inspiradas pelo liberalismo económico clássico, permitiriam pôr cobro a sisas, foros, talhas e dízimos, estimulando o trabalho e a produtividade e removendo entraves remanescentes (e reminiscentes...) de uma senhorialidade quase 'feudal'; no caso concreto dos morgadios, as acções pioneiras gizadas por Mouzinho no início da década de 1830 seriam concluídas apenas trinta anos mais tarde, em 1860 e 1863 (...), sendo, pois, *grosso modo* contemporâneas da actividade de criação romanesca por parte do nosso autor." (Alarcão, pp. 212-213)

¹⁶ Como nota Jorge, logo na sua primeira visita à Herdade, "(...) naqueles tempos, as classes privilegiadas podiam entregar-se sem receio a uma vida de incúria e de dissipação, porque os privilégios velavam por elas e remediavam-lhes os desvarios; adormeceram nessa confiança e não sentiram que tinham mudado as condições sociais, e agora ao acordarem..." (p. 30). Esta perspectiva é corroborada pelo narrador, ao referir-se aos "(...) privilegiados da terra, que ainda não haviam perdido de todo os hábitos de sobranceira e de desprezo às leis, adquiridos por seus ascendentes nos tempos das regalias feudais." (p. 118); contudo, "Jorge ousou acreditar na reconstrução, ousou aliar-se à herdade, ousou abrir as portas ao mundo novo, não pondo em risco os valores antigos aos quais estava pronto a sacrificar-se. Pela transformação, pelo amor e pelo trabalho, a aura lendária que coroava o castelo pode permanecer e transmitir-se." (Ribeiro, p. 32)

¹⁷ As ideias de Gabriela transparecem já da carta enviada a D. Luís, seu tio (pp. 109-110), bem como na defesa de que "O dever de quem é nobre de origem é conservar-se pelas suas acções digno dela. (...) o mundo está quase todo descoberto e (...) já passaram de moda as conquistas dos mouros e as guerras com os castelhanos (...)" (p. 383).

Páginas adiante, no episódio do atribulado jantar na Casa Mourisca, a excelência genealógica dos convidados é objecto de ironia narrativa:

"Os convidados para o jantar eram todos da mais genuína fidalguia da província. Por muitas daquelas veias andava glóbulo de sangue, que já pertencera a Fuas Roupinho ou a Egas Moniz e que por um mistério fisiológico, que só se dá naquela esmerilhada casta, conseguira transmitir-se inteiro de veias para veias, através de vinte gerações, com o fim providencial de manter inabaláveis os brios da raça.

Era um gosto seguir pelos séculos fora a linha, pela qual alguns dos presentes procediam (...) directamente de qualquer notável herói das origens da monarquia. Havia tal que tinha tirado a limpo o número de ordem que lhe competia naquela ilustre enfiada de morgados, e que deixava evidente (...) ser o vigésimo (...) rebentão de sua preclaríssima cepa.

(...) Embora estivessem um tanto enfezadas e pecas quase todas aquelas vergôntes, sempre derivavam de uma profunda cepa; e quem não havia de preferi-las a ramos embora cheios de viço, cujas raízes estivessem à flor da terra?

Os dotes físicos tinham, é verdade, sofrido um pouco com os extremos e cuidados empregados para conservar a crase aristocrática daquele sangue livre de toda a mistura que o derrancasse; os dotes intelectuais, em geral ressentiam-se do cordão sanitário, de que os chefes daquelas famílias as haviam cingido para precavê-las da infecção de ideias novas, propagadas pelos livros e jornais da actualidade. Mas lá estava o fermento da fidalguia, que era o essencial, e que supria bem a saúde e a ilustração." (pp. 171-172)

"Os chefes de família, passeando na sala, ou formando grupos nos vãos das janelas, lidavam na sua tarefa de vinte anos: a de demonstrar

que o que perdera a causa realista fora a traição e o suborno; e, arvorados em profetas, entoavam trénuos sob [sobre] a iminente dissolução social, parafraseando os artigos de fundo da *Nação* e do *Direito*.

A abolição dos morgados e vínculos, definitivamente decretada poucos anos antes, fornecia forte alimento para aquelas jeremiadas; os dissipadores fidalgos, que tinham arriscado o futuro e bem-estar dos filhos, desbaratando-lhes a legítima com a sua imprevidência e prodigalidade, lançavam agora à conta da lei o que era a consequência lógica da sua má administração." (p. 172)¹⁸

Ora, como lembra Maria Lúcia Lepecki,

"Sendo Júlio Dinis (...) um liberal e não um revolucionário, a sua proposta de solução não pode, em nenhuma circunstância, apontar para a substituição integral de valores, para a construção do inteiramente novo. Pelo contrário, procura absorver, dentro da novidade (vectores burgueses de comportamento, valores da nova classe ascendente), determinados elementos (...) tomados ao decadente espaço aristocrático e dados como positivos. Aponta-se, com este recurso, a permanente regeneração do *corpus* social; afastam-se situações de ruptura e quaisquer formas de violência." (pp. 83-84)

Enquanto última encarnação entre nós do Antigo Regime e do absolutismo monárquico, o reinado de D. Miguel --- e, por inerência ou extensão, o miguelismo ---

¹⁸ São ainda feitas referências a "(...) um ex-coronel de milícias, que havia acabado (...) de ameaçar com a espada que tinha em casa (...) todas as constituições do mundo." (p. 176), a uma "(...) vigésima descendente de um dos guerreiros de Ourique" (*Ibidem*) e a outro "(...) ramo infrutífero de árvore igualmente ilustre." (*Ibidem*). No tocante às libações, "(...) brindaram-se os caudilhos do partido realista, brindou-se em honra da santa causa, em honra da imprensa fiel, em honra das velhas instituições, em honra do trono e do altar e de muitas outras coisas." (p. 180)

viriam a inspirar representações e imagens bastante disparees veiculadas pela literatura (incluindo a ensaística, a política, a panfletária, laudatório-panegírica ou vilipendiatória, etc.), não raro tingidas por questões de legitimidade(ismo), mas cuja fundamentação histórica importa (re)avaliar desapassionadamente. Na sua introdução à biografia do monarca, Maria Alexandre Lousada e Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira aludem à natureza problemática e complexa dessa disparidade, talvez mesmo bipolaridade:

"Rei portuguêsíssimo, devoto, último rei amado pelo povo, cognominado o tradicionalista. Rei bronco e cruel, sùmula dos vícios e dos defeitos portugueses, cognominado o usurpador. Pouco reis deram origem a imagens tão contrastadas. Poucos, também, foram tão amados e tão odiados como D. Miguel. (...)

O seu nome é indissociável do movimento de recusa do liberalismo (...) conhecido como miguelismo. A sua imagem está indelevelmente ligada às acções contra-revolucionárias, sobretudo na sua dimensão violenta e popular. Não é possível compreender D. Miguel desligando-o do processo que desencadeou e dos interesses que aglutinou. Também não é possível compreender as características que o liberalismo português adquiriu desconhecendo a marca que as violentas mobilizações populares ocorridas sob a bandeira do miguelismo deixaram naqueles que lutaram do lado liberal." (p. 9)

Além da calorosa evocação de D. Miguel feita por Oliveira Martins (1845-1894) em *Portugal Contemporâneo* (1881),¹⁹ valendo-lhe, de resto, acusações de

¹⁹ "Portugal inteiro esperava dele [D. Miguel] a redenção; uns acreditando na sinceridade das suas confissões e promessas de Viena; outros confiando em que os quatro anos (...) do exílio não teriam sido capazes de perverter a pureza apostólica do (...) braço armado dos defensores do Trono e do Altar em 23 e 24. Era para todos um Messias (...). Disseram-lhe: És o messias, o salvador, o redentor, MIGUEL, és o arcanjo cuja lança esmaga a hidra!" (Martins, Livro I, cap. IV, pp. 97-98; cf. também Livro II, 113-200, em especial pp. 131-132) A

miguelofilia, das quais o historiador viria a defender-se logo na 2ª edição (1883), Armando Malheiro da Silva alude a "(...) um príncipe jovial e activo, atraído irresistivelmente pelo exercício físico que a arte equestre e as touradas proporcionavam (...)" (*Miguelismo*, p. 233) e à "(...) imagem muito repetida de um D. Miguel a cavalo, em touradas e em folguedos na companhia de picadores, campinos e quejandos (...)" (*Ibidem*, p. 241). O mesmo autor, especialista na temática do miguelismo, estuda a construção das imagens positivas do monarca através da exploração das facetas de herói, proscrito e mártir, e o culto e a 'santificação' populares de D. Miguel, mercê da sua colagem ao Arcanjo homónimo.²⁰

Por outro lado, a propósito do rei e do seu reinado, existem e persistem imagens de um tradicionalismo obsoleto, obscurantista e ultramontano; de perseguições e revanchismos; de uma nobreza ociosa, parasitária ou sumptuária, colada aos pergaminhos, faustos e feitos do passado; de arrogâncias, preconceitos e estúrdias trauliteiras, etc.²¹ Apesar das diferenças culturais e civilizacionais entre Portugal e a Grã-Bretanha, seria interessante confrontar estas representações negativas com a dos "Barbarians" de Matthew Arnold (1822-1888), em *Culture and Anarchy* (1869),²² obra praticamente contemporânea de FCM; mas deverá sobretudo

triangulação mítico-ideológica miguelismo/messianismo/sebastianismo mereceria, a nosso ver, revisitações por parte de historiadores, literatos e antropólogos culturais.

²⁰ Segundo Malheiro da Silva, "A primeira geração de historiadores liberais (...) admitiu (...) que a 'ralé do povo' ou 'vil canalha' (...) deu mostras de uma 'estúpida e fanática adoração' ao 'tyranno Miguel.'" (*Miguelismo*, p. 221)

²¹ Numa obra da nossa própria juventude, *Liberais e Miguelistas*, o autor anónimo refere-se a essa "(...) peça trágica e pavorosa que se chamou *governo de D. Miguel* e que ficou gravada em letras de sangue na história portuguesa." (p. 132); "(...) em toda a parte apareceram agitadores que aliciavam a plebe, levando-a aos maiores excessos contra os liberais e, assim, os dois campos extremavam-se em ódio feroz e em desesperadas lutas. Por seu lado, as autoridades completavam a obra absolutista com perseguições incessantes, cada vez mais acintosas e vexatórias contra constitucionais." (p. 133); e "Entrava-se em pleno período de terror, e Portugal estava nas mãos duma horda de perversos e criminosos. Uma palavra, um gesto, que não fosse em louvor do regime absoluto, constituía um crime que era punido na maior parte das vezes com morte violenta." (p. 136)

²² "The Barbarians brought with them that staunch individualism (...) and that passion for doing as one likes, for the assertion of personal liberty (...). The stronghold and natural seat of this passion was in the nobles of whom our aristocratic class are the inheritors; (...). The Barbarians, again, had the passion for field-sports; and they have handed it on to our aristocratic class, who of this passion too, as of the passion for asserting one's personal liberty, are the great natural stronghold. The care of the Barbarians for the body, and for all

realçar-se como alguns destes traços, elevados, pela potência da selvajaria, a uma quase animalidade, moldam as descrições dos irmãos do Cruzeiro,²³ da sua propriedade, bem mais degradada do que a Casa Mourisca,²⁴ e do seu próprio estilo de vida:

manly exercises; the vigour, good looks, and fine complexion which they acquired and perpetuated in their families by these means, - all this may be observed still in our aristocratic class. The chivalry of the Barbarians, with its characteristics of high spirit, choice manners, and distinguished bearing, - what is this but the attractive commencement of the politeness of our aristocratic class? In some Barbarian noble, no doubt, one would have admired, if one could have been then alive to see it, the rudiments of our politest peer. Only, all this culture (...) of the Barbarians was an exterior culture mainly. It consisted principally in outward gifts and graces, in looks, manners, accomplishments, prowess. (...) Making allowances for the difference of the times, surely we can observe precisely the same thing now in our aristocratic class. (...) I often, therefore, when I want to distinguish clearly the aristocratic class from the (...) middle class, name the former, in my own mind, *the Barbarians*. And when I go through the country, and see this and that beautiful seat of theirs crowning the landscape, 'There,' I say to myself, 'is a great fortified post of the Barbarians.'" (Arnold, ed. Stefan Collini, pp. 105-106)

²³ Estes três fidalgos são objecto de apreciações unanimemente negativas por parte de, entre outros, Clemente, Tomé da Póvoa, Jorge e D. Luís, que se lhes referem, respectivamente, como "essa súcia de libertinos (...)" (p. 120), "(...) uns bêbados, uns devassos e uns caluniadores" (p. 208), "(...) três javalis, qual deles mais selvagem" (p. 275) e "(...) bêbados (...)" (p. 387). De resto, Maria Lúcia Lepecki, ao apontar a inexistência de personagens 'más' no universo romanesco dinisiano (pp. 20-23 e 64-65), dá justamente como excepção os fidalgos do Cruzeiro (*Ibidem*, p. 22 e p. 64).

²⁴ "A Casa do Cruzeiro, solar dos asselvajados primos de Maurício, ficava no extremo da povoação, exibindo nos campos que a cercavam uma agricultura preguiçosa e mesquinha, e dominando um vasto tracto de mal cuidadas bouças, onde os senhores da propriedade perseguiram implacáveis as lebres e perdizes, que ali se acoutavam. Causava lástima o estado de decadência a que a má administração e a vida dissipada dos senhores do Cruzeiro tinham levado aquela casa, de cuja passada grandeza já nem se descobriam vestígios. Na actualidade não era mais do que velho casarão enegrecido, mal vedado aos ventos e às chuvas, onde cada dia realizava um novo estrago, que nunca mais era reparado. Por fora e por dentro a mesma absoluta carência de confortos; porque não sentia necessidade deles a robusta organização de qualquer dos proprietários; afeitos à vida dos montes, às longas caçadas e às lutas com os rigores do tempo. O solo árido, os celeiros vazios, a abegoaria deteriorada, os currais desertos, a cultura perdida... era desolador o aspecto do solar do Cruzeiro! (...) Os pinhais, cortados sem método nem prudência, caíam sacrificados às penúrias monetárias do morgado, que ia a pouco e pouco transmutando em vinho toda a propriedade. As águas vendidas para acudir a iguais urgências abandonavam as terras à sede que as fazia infecundas. Umas aparências de movimento agrícola, que ainda se divisavam na quinta, eram-lhe mais fatais que benéficas, e podiam comparar-se ao fervedouro das larvas nas carnes em decomposição. Naquele vasto corpo, que se decompunha, também se agitavam seres que viviam dos seus detritos. Trabalhava-se ali para destruir e não para semear ou edificar. O desbarato com que os proprietários sacrificavam os seus bens, atraía

"Estes sim, eram os mais rebelões daqueles arredores. Com eles (...) tinham lugar sérios conflitos, em que os cabos de Clemente [o regedor] nem sempre eram tratados com o respeito que (...) a farda pedia."

Os fidalgos do Cruzeiro viviam ainda à moda antiga, como senhores feudais da terra, desconhecendo direitos de propriedade, e calcando aos pés dos seus cavalos todos os códigos, com que tentassem conter-lhes os ímpetos nobiliários.

Eram três estes nobres senhores.

Um morgado e... morgado às direitas; outro doutor... por ter andado dez anos em Coimbra para deixar incompleto um curso de cinco; o terceiro abade, escorraçado pelo povo de uma freguesia que fora mandado paroquiar; ligavam-se todos três, em temível triunvirato, para invadirem as propriedades, esgotarem as tabernas, insultarem as mulheres e espancarem os homens daqueles sítios.

O povo ou por hábito legado de submissão os deixava à vontade, contentando-se com praguejá-los pela calada, desforço dos oprimidos em todas as épocas da história da humanidade, ou exasperado e descrendo da eficácia da lei, recorria à defesa própria, e procurava manter em respeito esses turbulentos vadios, que mais de uma vez saíram mal feridos da refrega." (p. 119)²⁵

Algumas observações finais: após a morte de D. Manuel II (1932), e cumprindo a respectiva vontade testamentária, o Estado Novo viria a criar, logo em

os ávidos vizinhos, como corvos sinistros em volta do cadáver exposto na estrada." (p. 154; cf. *ibidem*, pp. 154-157 *passim*)

²⁵ "A companhia foi seguindo pelos acidentados caminhos da aldeia, (...) pondo em confusão as lavadeiras (...) que ensaboavam nas presas, abraçando à força na estrada as raparigas que, vergadas sob molhos de erva ou de milho cortado, mal lhes podiam fugir; visitando todas as tabernas, fazendo correrias a galinhas, porcos ou vacas se se lhes deparavam na passagem, calcando campos e escalando muros com o desassombro de senhores." (p. 126)

1933, a Fundação da Casa de Bragança. A nosso ver, há alguma ironia no termo "fundação", dado o falecimento, sem descendência, do último monarca brigantino, se bem que o actual representante (D. Duarte Pio, 1945-) descenda simultaneamente de D. Miguel (por via paterna) e de D. Pedro (materna) e tenha sempre professado e demonstrado respeito cívico-democrático ao regime republicano vigente e à constituição que o enforma e regula.

Como sagazmente observa Luís Reis Torgal:

"Nenhuma estátua ficou a perpetuar a memória de D. Miguel, talvez mesmo (...) nenhum nome de rua ou de praça... A nova topografia urbana, construída na época liberal e continuada no tempo da Primeira República, teria obviamente que ignorar o 'Rei Absoluto', mas curiosamente o próprio Estado Novo, que premiou a historiografia integralista (...), que publicou obras de divulgação histórica antiliberais, insertas nas colecções do Secretariado de Propaganda Nacional, parece ter subalternizado também o nome de D. Miguel. A possível força da imagem do 'Herói' do 'antigo regime' entre aqueles que pretendiam regressar ao sistema monárquico era suficiente para afastar o Estado Novo, que acabou por se assumir como 'republicano', de uma sobrevalorização da sua memória. E assim o mito foi-se desfazendo como um castelo de cartas... Talvez para sempre." (in Silva, *Miguelismo*, pp. x-xi)

Por último, é curioso constatar que cento e cinquenta anos separam duas "abriladas" de sinal contrário (1824 e 1974) e que no título de um opúsculo resultante de conferência proferida em 1952, D. Miguel é apresentado como "o Rei mais Português de Portugal".²⁶ Passados quase dois séculos sobre o seu tempo, está

²⁶ "D. Miguel I, o Rei mais Português de Portugal, porque o foi, tem fome e sede de justiça. Ele cientificamente difamado, cientificamente caluniado! (...) Nobre, magnânimo, patriota,

por fazer uma radiografia sociológica actualizada dos sectores e interesses monárquicos na sociedade portuguesa, menos visíveis, mas quiçá mais extensos, do que a mera representação/reprodução da bandeira azul e branca em *pins* e autocolantes ou alguns proeminentes cavaleiros tauromáquicos, fadistas, académicos e professores universitários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Primárias:

DINIS, Júlio. *Os Fidalgos da Casa Mourisca*. Barcelos: Livraria Figueirinhas/Companhia Editora do Minho, 1970.

Secundárias:

ALARCÃO, Miguel. "Júlio Dinis anglófilo? Interrogações, perplexidades, desafios". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses/Journal of Anglo-Portuguese Studies*. Dir. Gabriela Gândara Terenas. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, nº 25 (2016), pp. 201-228.

ANÓNIMO. *Liberais e Miguelistas. 1817-1834*. Dir. A. Duarte de Almeida. Lisboa: João Romano Torres & C^a, col. "Portugal Histórico", IX, 1971.

ARNOLD, Matthew. *Culture and Anarchy and other Writings*. Ed. Stefan Collini. Cambridge: Cambridge University Press, "Cambridge Texts in the History of Political Thought", 2002 (1993; ed. orig. 1869).

D. Miguel I ergueu alto o seu (...) pensar frente às mais poderosas potências do Mundo. Nunca o medo, ódio, mentira ou estrangeirismo tiveram acolhida naquele coração. Essa a sua ruína! Contra El-Rei se conluiaram potentes e implacáveis inimigos. A maçonaria, doutorada na Faculdade da Calúnia, voltou contra D. Miguel suas venenosas armas. Assim foi vencido, e com Ele (...) Portugal!" (Gonçalves, p. 5)

BUESCU, Helena Carvalhão. "Ler Júlio Dinis" in *A Lua, a Literatura e o Mundo*. Lisboa: Edições Cosmos, "Cosmos Literatura", nº 6, 1995, pp. 59-67.

FORSTER, E. M. *Aspects of the Novel*. Ed. Oliver Stallybrass. Harmondsworth: Penguin Books Ltd., "Pelican Books", 1984 (London: Edward Arnold, ¹1927).

GONÇALVES, Carlos Miguel. *Sua Majestade Fidelíssima El-Rei D. Miguel, o rei mais português de Portugal*. Conferência realizada no Centro de Cultura Popular em 30 de Junho de 1952. Braga: s. n., 1967.

LEPECKI, Maria Lúcia. *Romantismo e Realismo na Obra de Júlio Dinis*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, "Biblioteca Breve", nº 39, 1979.

LISBOA, Maria Manuel. "Júlio Dinis and History Revisited: What Good is a Dead Mother?". *Portuguese Studies*, vol. 19 (2003), pp. 38-50.

---. *Júlio Dinis: História e Pátria Revisitadas*. S. Paulo: Centro Brasileiro de Estudos da América Latina, "Memo", 1998, pp. 3-45.

LOPES, Marina de Almeida Ribeiro A. P. *O Simbolismo da Casa em Júlio Dinis*. Lisboa: Difel, L^{da}, 1990 (Dissertação de Mestrado em Estudos Literários Comparados apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1987).

LOUSADA, Maria Alexandre e Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira. *D. Miguel*. Lisboa: Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, "Reis de Portugal", 2009.

OLIVEIRA Martins, J. P. *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Guimarães Editores, "Obras Completas de Oliveira Martins", ^o1986 (¹1881).

SILVA, Armando Barreiros Malheiro da. *Ideologia e mito no miguelismo: subsídios para o estudo da contra-revolução no Portugal oitocentista*. Braga: Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica apresentadas à Universidade do Minho, 1989.

---. *Miguelismo – Ideologia e Mito*. Coimbra: Edições Minerva, "Minerva história", 10, 1993.

---. "O Miguelismo na história contemporânea de Portugal: retrospectiva e subsídios bibliográficos". *Itinerarium*. Revista Quadrimestral de Cultura publicada

pelos franciscanos de Portugal. Ano XXXIX, Nos. 146-147 (Maio-Dezembro de 1993), pp. 537-647.

---. *O Miguelismo na história contemporânea de Portugal: retrospectiva e subsídios bibliográficos*. Braga: 1994.

STERN, Irwin. *Júlio Dinis e o Romance Português (1860-1870)*. Porto: Lello & Irmão, 1972.

BIONOTE

Miguel Alarcão has a BA in Portuguese and English Studies (1981), a MA in Anglo-Portuguese Studies (1986) and a PhD in English Culture (1996), awarded by the New University of Lisbon, where he holds the post of Associate Professor. He was also Colloquial Assistant in Portuguese at the University of Birmingham (Late 1980s), Director of the Central Library (2001-2009) and Co-Coordinator of the Faculty's earliest research group on Medieval Studies (1999-2004). He published *Príncipe dos Ladrões: Robin Hood na Cultura Inglesa (c. 1377-1837)*. 2001 (PhD dissertation; out of print); *This royal throne of kings, this sceptred isle': breve roteiro histórico-cultural da Idade Média inglesa (Séculos V-XV)*. 2014, plus 5 co-editions and around 60 articles in *Festschriften*, proceedings and academic journals.

RESUMO

Não sendo, obviamente, termos, conceitos e realidades históricos sinónimos, o presente ensaio associa, de algum modo, "absolutismo" e "miguelismo" por oposição ou contraposição comum a um "liberalismo" político apenas estabilizado em meados do século XIX, não sem hesitações, dificuldades e erros de percurso. O nosso objectivo será abordar alguns traços, sinais e vestígios do tempo de D. Miguel na representação romanesca de *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1872) de Júlio Dinis (1839-1871), nascido no Porto em pleno Setembrismo.

PALAVRAS-CHAVE

Júlio Dinis; *Os Fidalgos da Casa Mourisca*; Miguelismo.

ABSTRACT

Although obviously not synonymic, whether as words, concepts or historical facts, this essay associates "absolutism" and "*miguelismo*" in contradistinction with a political "liberalism" only established in mid-19th century Portugal, after some hesitation, difficulties and errors along the way. Our aim is to look into signs and features of the times of D. Miguel as fictionally portrayed in *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1872), by Júlio Dinis (1839-1871), born in Oporto during the *Setembrismo*.

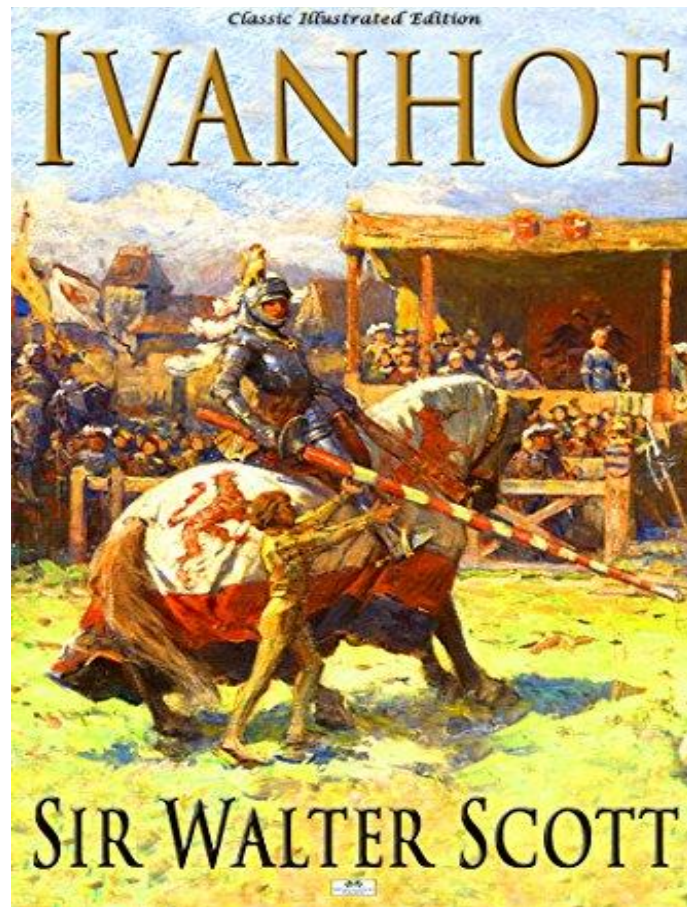
KEYWORDS:

Júlio Dinis; *Os Fidalgos da Casa Mourisca*; Miguelismo.

Para uma leitura 'miguelista' de Os Fidalgos da Casa Mourisca (1872),
de Júlio Dinis (1839-1871)

Miguel Alarcão

***Comemoração de Duzentos Anos da
Publicação de Ivanhoe***



Maria Laura Bettencourt Pires

Universidade Católica

Sociedade Científica



Por louvável iniciativa do Centre for English Translation and Anglo-Portuguese Studies da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova e da Biblioteca Nacional de Portugal foi organizado um colóquio intitulado "A Vida, a Imagem e a Obra de Walter Scott: Nos 200 Anos de *Ivanhoe*", que teve lugar no Auditório da Biblioteca Nacional, em Lisboa, em 10 Outubro de 2019, e no qual colaboraram vários estudiosos da obra de *Sir Walter Scott*¹.

Tanto o nível das comunicações apresentadas como a vasta assistência, que então ali se reuniu com o objectivo de celebrar o bicentenário da publicação de *Ivanhoe* e que participou no debate final, comprovaram que a fama de *Sir Walter*

¹ Uma versão deste ensaio foi apresentada pela autora numa comunicação oral no referido colóquio.

Scott (1771-1832) se mantém desde há dois séculos e que o seu nome continua a ser conhecido de um vasto público em Portugal assim como em todo o mundo.

O romance histórico *Ivanhoe*, que tem como subtítulo *A Romance*, foi publicado em 1819 e correspondeu a um afastamento de Scott da escrita de enredos que ocorriam na Escócia num passado relativamente recente, começando assim a interessar-se por uma história ocorrida em Inglaterra na Idade Média e veio, aliás, a ser uma das suas obras mais conhecidas e influentes.

Ivanhoe decorre em Inglaterra no século XII no reinado de Richard I e contém descrições inolvidáveis de um torneio, do julgamento de uma bruxa e das divisões entre Cristãos e Judeus. A obra ficou famosa por ter concorrido para o aumento de interesse pela História e pela Idade Média, tal como afirmava John Henry Newman ao dizer que Scott: "had first turned men's minds in the direction of the Middle Ages"². Por seu lado, Thomas Carlyle³, assim como John Ruskin, também se pronunciaram sobre a extraordinária influência de Scott no revivalismo, que se baseou principalmente na publicação do romance que também teve grande influência nas percepções generalizadas sobre Ricardo Coração de Leão, King John e Robin Hood.

Com efeito, antes de todos termos ouvido falar de Marvel e de Han Solo e Chewbacca em *Star Wars*, já os leitores de Scott em 1819 - portanto há duzentos anos - tal como os actuais espectadores das versões fílmicas e televisivas e os apreciadores das bandas desenhadas, baseadas nas suas obras - se deliciavam com

² O Cardeal John Henry Newman, o santo inglês que foi canonizado em 2010 pelo Papa Bento XVI e canonizado pelo Papa Francisco em 2019, é o autor de *Apologia pro Vita Sua* (1865) e era um fã dos livros de Scott desde a infância.

³ *Vide* Lowell T. Frye, "Romancing the Past: Walter Scott and Thomas Carlyle" in *Carlyle Studies Annual*, No. 16, Special Issue: Carlyle at 200 Lectures II, St. Joseph's University Press, 1996, pp. 37-49.

as aventuras de Ivanhoe ou de Rob Roy, um defensor da liberdade e um ladrão de gado, durante as rebeliões jacobitas de 1715.

Na verdade, estes, e outros protagonistas das obras de Scott, já foram considerados como os primeiros anti-heróis modernos e como modelos precursores, no século XIX, dos rebeldes recalcitrantes e selvagens das novelas gráficas dos nossos dias, que – tal como *Ivanhoe* em 1819 - atraem os leitores, como acima referido, e são vistos como *folk heroes* e as suas histórias e empatia tornam-nos tão persuasivos e convincentes como qualquer super-herói moderno.



Antes de aludir à longevidade da obra de Walter Scott, iremos brevemente referir-nos à sua biografia. Nasceu em 1771, numa região designada como *Borders* por ficar na fronteira da Escócia com Inglaterra e era descendente de um antigo clã escocês.



The Borders

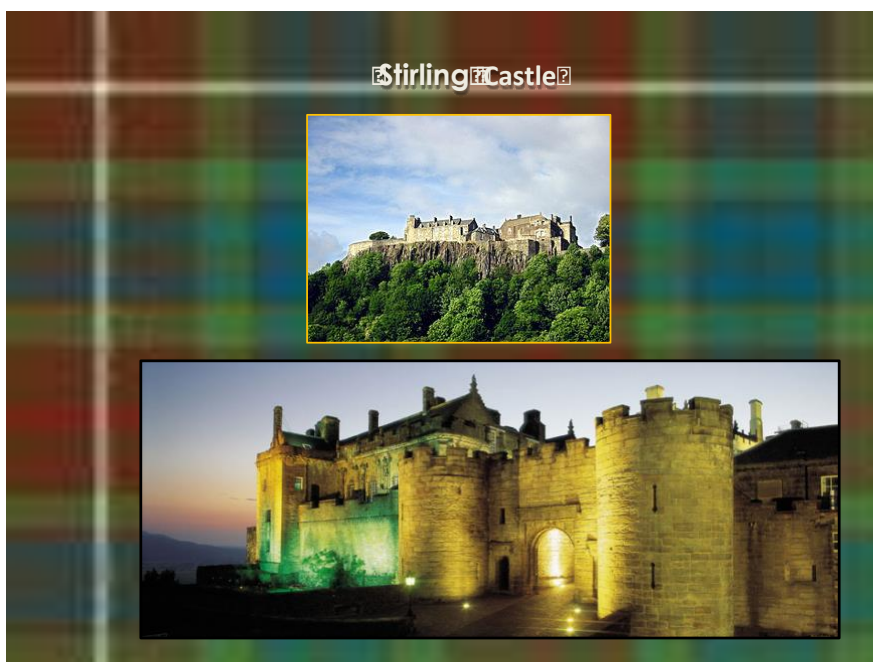
O pai era *Writer of the Signet* (função que, no sistema legal escocês, corresponde a solicitador) e foi o primeiro membro da família a ir viver para Edimburgo. Como escritor, Scott começou por se dedicar à poesia, pois queria escrever a epopeia histórica dos seus valentes antepassados. Devido a ter adoecido, quando jovem, passava temporadas em casa dos avós, que o influenciaram com relatos da história medieval escocesa e dos feitos realizados pelos seus progenitores. A partir de então, começou o seu interesse pela História e por querer dar às suas obras o realismo e a autenticidade que as caracterizam.

Estudou na Universidade de Edimburgo, tendo-se dedicado sobretudo à Literatura Clássica e dando especial atenção às obras de Ariosto, Tasso e Ossian. Os seus vastos interesses culturais levaram-no também a regressar às fontes celtas, bárbaras, escandinavas e misteriosas de Inglaterra, por oposição à cultura clássica da Antiguidade. No âmbito das Línguas, estudou Francês, Italiano, Espanhol e, mais tarde, Alemão, o que lhe permitiu familiarizar-se com toda a literatura europeia.

Devido ao seu grande interesse pelo passado, além de se dedicar a ler muitas narrativas históricas, apreciava também todos os tipos de antiguidades, tendo-se tornado famoso não apenas como escritor mas ainda como arqueólogo e estudioso da cultura popular. Viajou por toda a Escócia e pela sua amada região dos *Borders* e viveu algum tempo na zona designada *Trossachs*.



Residiu também em *Stirlingshire*, de que incluímos uma imagem do magnífico castelo



Esteve, igualmente, no *Loch Katrine*, a paisagem inesquecível, que tão bem descreve nos seus poemas.



Loch Katrine

Para a sua contribuição para o Romantismo concorreu inegavelmente também o facto de, em 1811, ter comprado uma pequena quinta nas margens do rio Tweed, que se viria a transformar na famosa e imponente mansão conhecida como Abbotsford House, que ainda hoje podemos visitar, e onde escreveu muitas das suas obras. Foi nesse solar que, ao longo dos anos, foi fazendo uma magnífica colecção de antiguidades e acumulando cerca de 20.000 volumes na biblioteca.



As alterações que fez em Abbotsford House levaram a que tenha vindo a ser considerada, até hoje, como uma representação concreta do Romantismo, o movimento que Walter Scott ajudou a criar tanto na sua obra literária como nos jardins e no panorama envolvente, que delineou como um verdadeiro arquitecto paisagista. Para a celebração da paisagem, que tão magistralmente retrata nos seus inesquecíveis poemas, como *The Lady of the Lake*, contribuiu também a sua actuação como Presidente da Royal Society e da Celtic Society de Edimburgo.

Relativamente à sua produção literária, Walter Scott é, sem dúvida, um dos mais lidos e admirados romancistas do seu tempo e é de referir que, entre os escritores ingleses do Romantismo, ele é um dos que têm continuado a ser lidos e a ter múltiplas reimpressões até hoje.

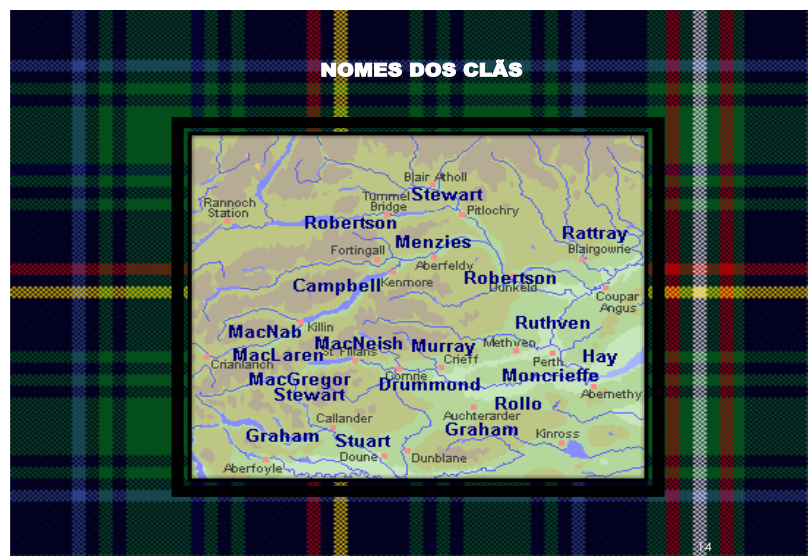
Em 1802, após ter tido um grande sucesso com a publicação de *Minstrelsy of the Scottish Border*, decidiu que iria ser escritor. Assim, além de fazer traduções, escreveu vários poemas⁴, romances e ensaios, que foram publicados na revista *Quarterly Review* e no *Edinburgh Annual Register*, que fundou, dedicou-se também a crítica literária, história e biografia⁵, como a de John Dryden, que ficou famosa.



⁴ Destaco, entre outros, *Marmion*, *The Lady of the Lake*, *Rokeby*, *The Lord of the Isles*, *The Vision of Don Roderick*, *The Bridal of Triermain*, *Harold the Dauntless* e *The Field of Waterloo*.

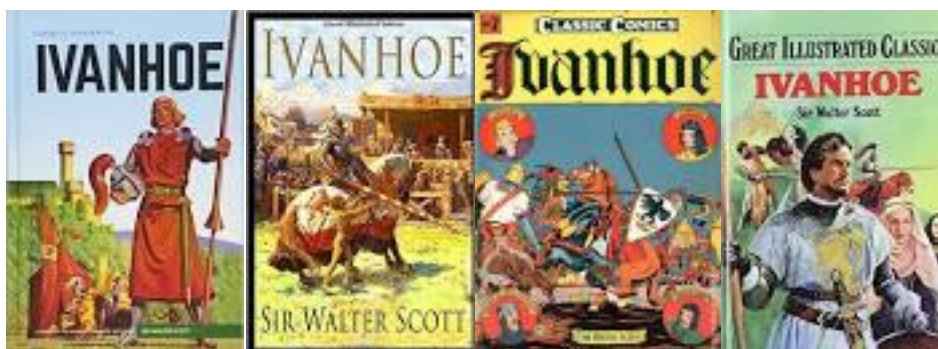
⁵ *The Life of John Dryden*, que publicou em 1834, continua a ser impressa nos nossos dias, como se verifica na edição da University of Nebraska Press de 1963.

As circunstâncias da sua vida foram propícias ao regresso às origens e, decerto por isso, tanto com a obra literária como com as suas outras actividades culturais, Scott contribuiu também para o "mito" das *Highlands* e para o uso do *kilt* e dos diferentes *tartans*. Concorreu para tornar conhecido o seu significado para a imagem da Escócia não apenas para os diferentes clãs, nos quais - tal como naquele de que era descendente - havia pastores e guerreiros, como para o resto do mundo através dos seus leitores.



O mesmo acontece, ainda actualmente, devido às múltiplas edições ilustradas das suas obras, como, entre outras, as de *Ivanhoe*⁶, de que incluo apenas alguns exemplos de 2015.

⁶ Veja-se, p. e., a *Classic Illustrated Edition* de que incluo uma imagem da capa no início deste artigo.



Os leitores actuais de Walter Scott dispõem também de várias edições gráficas e informáticas, como a *Kindle Edition*, que custa apenas 1 *dollar* e inclui até grátis um *Audio Book*⁷, para aqueles que quiserem ouvir o texto além de o ler...

Agora que as suas obras estão acessíveis também nos *E-texts* ou *E-books*, como acontece com o projecto Gutenberg e com o *Walter Scott Digital Archive* da Universidade de Edimburgo, e há uma edição Web de *eBooks@Adelaide* na Austrália, de Dezembro de 2014, verifica-se que há um recrudescimento de interesse e fica obviamente comprovado que ele continua a ser apreciado por uma nova geração de leitores.

Para a longevidade do interesse pela obra de Scott, que, inegavelmente, estas múltiplas edições recentes demonstram, contribui decerto o facto de, apesar de poder ser considerada realista, haver nela sempre uma história de amor e aventura - em que se combinam factos reais e ficção, relatos históricos e lenda - escrita em prosa ou poesia. Caracteriza-se também por ter "cor local" e marcas da cultura, da gesta e das paisagens escocesas e até do dialecto, que contribuem para o nacionalismo e autenticidade dos seus textos. Deve-se ao facto de Scott ser um excelente contador de histórias que as suas descrições (feitas quando não havia TV nem Internet) nos levem a locais maravilhosos e que as personagens fiquem na nossa memória.

⁷ Vide o e-Book *Ivanhoe* publicado por Sheba Blake Publishing em 2017.

Actualmente, Scott pode ser descrito como uma verdadeira figura internacional pois o seu valor é reconhecido em toda a Europa assim como nos Estados Unidos e no Brasil. Porém, esta imagem de Walter Scott como autor de sucesso, que temos hoje em dia, foi evoluindo ao longo do tempo. No início, começou por ser considerado responsável pela introdução da literatura alemã no Reino Unido, devido às traduções que fez de Goethe e de Bürger.

Seguidamente – devido ao seu interesse pela cultura ancestral - foi visto como o maior coleccionador de baladas e antiguidades, criador do romance histórico e incentivador do turismo e até do nacionalismo. Segundo as histórias da literatura, inspirou escritores como R. L. Stevenson, Bulwer-Lytton, G. Eliot e as irmãs Brontë.



São múltiplos os estudos sobre recepção que, nos diversos países, comprovam a forma como a obra de Scott foi recebida e influenciou a produção artística tal como sucedeu em Portugal com Alexandre Herculano e Almeida

Garrett⁸. Em Espanha, os romancistas históricos também imitaram Scott e em Itália⁹, inspirou romances, contos, pinturas, óperas, como a famosa *La Donna del Lago* de Rossini (1819), *ballets* e peças de teatro, contribuindo para definir novas tendências no gosto e servindo de modelos de comportamento que se tornaram fundamentais para a cultura romântica e para a construção da emergente identidade nacional.

É também do conhecimento comum que influenciou escritores famosos como Dostoevsky e Tolstoy. Em França, sentiu-se a sua influência através das traduções de Auguste Defauconpret, que serviram de base a algumas versões portuguesas, e inspirou Balzac, Flaubert, Dumas e muitos outros e até na Europa de Leste os nacionalistas seguiram a sua interpretação da História¹⁰.

Nos nossos dias, os leitores de Walter Scott, que decerto estão familiarizados com os temas do Pós-colonialismo sem dúvida os reconhecem na voz narrativa de Scott, o que justifica que continue a haver interesse em ler, estudar e reeditar a sua obra por nela se tratarem questões como a instabilidade política e a violência, que resultam da mistura dos povos e da fluidez das fronteiras, assuntos bem actuais. Verifica-se, portanto, que obras literárias de valor, como as de Scott, continuam a ter interesse e a deverem ser lidas mesmo quando os seus autores há muito desapareceram¹¹.

A produção literária de Scott não deve pois ser vista apenas como um vestígio do passado, pois faz-nos reflectir sobre a fragilidade da nossa vida actual e

⁸ Vide Maria Laura Bettencourt Pires, *Walter Scott e o Romantismo Português*, Lisboa: Universidade Nova, 1979; "Walter Scott e *La Donna del Lago* de Rossini", conferência apresentada no "Ciclo de Leitura Walter Scott", em 9 de Janeiro de 2013, no Palácio Fronteira e "Walter Scott-Duzentos Anos de Longevidade", conferência apresentada na Biblioteca Nacional, em 10 de Outubro de 2019.

⁹ Vide Michela Mancini, *Immaginando 'Ivanhoe'* (2007).

¹⁰ Vide Murray Pittock, *The Reception of Sir Walter Scott in Europe* (2006).

¹¹ Em *Time and Narrative* (Chicago: University of Chicago Press, 1988), Paul Ricoeur afirma a este propósito: "Nothing says that the present reduces to presence."

ênfatiza a energia unificadora da imaginação, levando-nos assim a compreender a dinâmica cultural, tal como, actualmente, alguns críticos têm referido. Podemos, portanto, concluir que é difícil avaliar a amplitude da influência de Scott pois a sua obra foi reeditada e traduzida praticamente em todo o mundo, tanto na Europa como nos Estados Unidos e no Brasil, e pode, por isso, considerar-se que constitui o primeiro exemplo de literatura universal.

A prova da longevidade da obra scottiana mencionada no título deste artigo está patente também no facto de, nos nossos dias, termos produções cinematográficas inspiradas na obra de Scott, como o filme *Ivanhoe* de 1952, com o actor Robert Taylor a representar o leal cavaleiro Wilfred of Ivanhoe, que tem como missão libertar o rei de Inglaterra, Richard, *the Lionhearted*, que tinha sido raptado. Podemos também falar da versão fílmica de Walt Disney, de 1953 com o actor, Richard Todd, transformando assim o lendário Ivanhoe numa extravagante figura romântica da cultura popular e, mais recentemente, em 1982, da versão de Hollywood, com Anthony Andrews e James Mason.



Nos nossos dias, muitos dos romances e poemas narrativos de Scott foram adaptados para o teatro e para o cinema, mas já em 1818 a peça melodramática de Isaac Pockock intitulada *Rob Roy MacGregor, or Auld Lang Syne!* atingiu o estatuto

de espectáculo público e foi representada perante o rei George IV quando da sua famosa visita a Edinburgh em 1822¹².

Podemos, pois, concluir que as lendas que Scott criou com as suas obras - de que chegou a vender 10.000 exemplares em duas semanas e a ter três edições num ano - como foi o caso da história de Robert "Rob Roy" MacGregor - além de serem conhecidas na Europa e na América durante sua vida, mantêm o seu interesse ainda hoje.

Verificamos, portanto, que não temos de lamentar o desaparecimento do interesse por este escritor mas sim de constatar que ele continua a existir embora de forma diferente e, deste modo, temos uma visão mais complexa de Scott nos nossos dias que nos faz compreender que ele estava a reagir à mudança na sociedade e a demonstrar a sua oposição à cultura dominante, temas afinal tão pós-modernos.

Uma leitura atenta da obra leva-nos a uma compreensão da dinâmica cultural para a qual teóricos recentes chamaram a atenção. Refiro-me ao facto de uma cultura ser sobretudo composta pela migração de textos e artefactos do passado, não sendo a rememoração civilizacional algo que se possui, se transmite ou se mantém numa relação contínua com uma origem autêntica, mas sim um caminho, um movimento, que produz constantemente configurações diferentes do material produzido no passado. Deste modo, o passado continua vivo, mesmo quando parece esquecido, pois está activo de outro modo e já não permanece no seu lugar, mas emigra para novas zonas.

Um dos aspectos mais relevantes que, hoje em dia, justifica que continuemos a ler e discutir Scott é o facto de ele ser responsável por grandes mudanças na forma de pensar, por alterações nas atitudes para com o passado e o presente e, sobretudo, por um novo sentido de comunidade pois as suas obras -

¹² Scott foi, contudo, criticado pelos seus conterrâneos por aquilo que designaram como "tartan pageantry", por o Rei ter vestido um *kilt* das Terras Altas.

como disse – tiveram, p. e., um papel relevante no apaziguamento das relações conflituosas entre a Escócia e a Inglaterra.

Ao concluir esta reflexão, são inúmeros os aspectos que merecem ser referidos, tais como:

- ✓ Scott ter sido uma figura de culto no romantismo europeu, que bem merece os monumentos que lhe foram dedicados;



- ✓ A sua contribuição para a tomada de consciência de que as influências da poesia vão para além do âmbito literário¹³;



¹³ Entre outras das muitas influências atribuídas a Scott, pode contar-se a raça de cães Dandie Dinmont Terrier, que é umas das mais raras em Inglaterra, e cujo nome deriva do facto de Scott ter um cão dessa raça que assim referiu no romance *Guy Mannering* (1815), facto que a tornou famosa e lhe deu o nome por que é conhecida até hoje.

- ✓ A sua importância para a redefinição do romance como o principal género literário para representar a vida histórica nacional;
- ✓ O seu modo diferente de combinar a história com a ficção;
- ✓ O facto de os poemas, romances, dramas, óperas, ballets, gravuras, pinturas e filmes que a sua obra inspirou, demonstrarem que ele contribuiu para definir novas tendências no gosto e nos modelos de comportamento;
- ✓ O papel de Abbotsford no desenvolvimento do interesse pelas antiguidades escocesas, pois as colecções, que ainda hoje lá vemos, contribuíram para estabelecer e consolidar a tradição;
- ✓ A consciência de que a paisagem tem influência na literatura assim como as obras literárias tem impacto na cultura¹⁴.

Muito mais haveria a dizer mas, por todos estes motivos, pode concluir-se que Scott merece a fama que granjeou em todo o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUNCAN, Ian, *Scott's Shadow: The Novel in Romantic Edinburgh*, Princeton University, 2007.

FRYE, Lowell T., "Romancing the Past: Walter Scott and Thomas Carlyle" in *Carlyle Studies Annual*, No. 16, Special Issue: Carlyle at 200 Lectures II, St. Joseph's University Press, 1996, pp. 37-49.

HOBBSAWM, Eric & Terence Ranger, ed., *The Invention of Tradition*. Cambridge University Press, 1983.

JONES, Catherine, *Literary Memory: Scott's Waverley Novels and the Psychology of Narrative*, Bucknell University Press, 2003.

KELLY, Stuart, *Scott-land: The Man Who Invented a Nation*, Birlinn Ltd, 2010.

LINCOLN, Andrew, *Walter Scott and Modernity*, Edinburgh University Press, 2007.

¹⁴ No âmbito da arquitectura, alguns estudiosos afirmam que foi graças a Scott ter popularizado o período medieval que, quando o novo Palácio de Westminster foi construído em 1835, o gótico foi adoptado como "estilo nacional".

LUMSDEN, Alison, *Walter Scott and the Limits of Language*, Edinburgh University Press, 2010.

MANCINI, Michela, *Immaginando 'Ivanhoe' Illustrated Novels, Dances and Theatrical Works from the Italian Nineteenth Century*, Mondadori Bruno, 2007.

MCCRACKEN-FLESHER, Caroline, *Possible Scotlands: Walter Scott and the Story of Tomorrow*, University of Wyoming, 2005; Oxford Scholarship Online, 2007

PITTOCK, Murray, *The Reception of Sir Walter Scott in Europe*, Continuum, 2006.

RICOEUR, Paul, *Time and Narrative*, University of Chicago Press, 1988.

NOTA BIOGRÁFICA

Maria Laura Bettencourt Pires é Professora Catedrática de Estudos Ingleses e Americanos, Investigadora Sénior do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Directora da revista *Gaudium Sciendi* da Sociedade Científica da Universidade Católica, Presidente da Direcção de "Fulbrighters Portugal" e membro do Conselho Consultivo do Projecto Europeu "Educating for Global Peace". Entre as suas actividades académicas, destacam-se: a docência e a coordenação (Mestrado, Doutoramento e Pós-Graduação; Secção das Ciências Sociais da Sociedade Científica e Projectos de Investigação). Ensinou também nas Universidades Nova e Aberta. Nos EUA, foi "Gulbenkian Fellow", "John Carter Brown/National Endowment for the Humanities Research Fellow"; "Fulbright Scholar" e "Visiting Researcher" e ensinou nas Universidades de Georgetown e Fairfield. Organizou colóquios internacionais, proferiu conferências e publicou como editora: *Volume Comemorativo do Programa Fulbright* (2019); *As Humanidades e as Ciências – Dois Modos de Ver o Mundo* (2013); *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship* (2011); *Nova Iorque-De Topos a Utopos* (2009) e *Landscapes of Memory* (2004) e como autora: *Intelectuais Públicas Portuguesas - As Musas Inquietantes* (2010), *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação* (2007), *Teorias da Cultura* (³2011, ²2006, ¹2004), *Ensaaios-Notas e Reflexões* (2000), *Sociedade e Cultura Norte Americanas* (1996), *William Beckford e Portugal* (1987), *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1982), *Portugal Visto pelos Ingleses* (1980), *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979), além de vários editoriais, prefácios e artigos em livros, *Festschriften*, revistas, jornais e enciclopédias.

RESUMO

A fim de celebrar o bicentenário da publicação de *Ivanhoe* (1819) iremos comprovar que a obra ficou famosa por ter concorrido para o aumento de interesse pela História e pela Idade Média. Quando ouvimos falar dos rebeldes recalcitrantes e selvagens das novelas gráficas dos nossos dias, vemos que *Ivanhoe*, no século XIX, já actuava como os anti-heróis modernos e foi o seu modelo e precursor. Verifica-se que a fama de *Sir Walter Scott* (1771-1832) se mantém desde há dois séculos e que o seu nome continua a ser conhecido em todo o mundo. *Scott* (1771-1832) nasceu nos *Borders*, estudou na Universidade de Edimburgo, viveu nos *Trossachs*, assim como em *Stirlingshire* e no *Loch Katrine*. Em 1811, comprou *Abbotsford House*, onde organizou uma colecção de antiguidades e uma biblioteca com 20.000 volumes. Além de ser um escritor de sucesso, tanto com a obra literária como com as suas actividades culturais, *Scott* contribuiu para o "mito" das *Highlands* e para o uso do *kilt* e dos diferentes *tartans*.

Agora que as suas obras estão acessíveis também nos *E-texts*, como acontece com o projecto *Gutenberg* e com o *Walter Scott Digital Archive* da Universidade de Edimburgo, verifica-se que há um recrudescimento de interesse e fica comprovado que ele continua a ser apreciado por uma nova geração de leitores. Múltiplos estudos sobre recepção comprovam também a forma como a obra de *Scott* foi recebida e influenciou a produção artística. Os actuais leitores de *Walter Scott*, que estão familiarizados com os temas do Pós-colonialismo reconhecem-nos na voz narrativa de *Scott*, o que justifica que continue a haver interesse em ler, estudar e reeditar a sua obra por nela se tratarem questões como a instabilidade política e a violência, que resultam da mistura dos povos e da fluidez das fronteiras, assuntos bem actuais. Verifica-se, portanto, que obras literárias de valor, como as de *Scott*, continuam a ter interesse e a deverem ser lidas mesmo quando os seus autores há muito desapareceram. A prova da longevidade está patente também no facto de haver produções cinematográficas inspiradas na obra de *Scott*, como o filme *Ivanhoe* (1952), com o actor *Robert Taylor* e a versão de *Walt Disney*, de 1953, com *Richard Todd*, transformando assim o lendário *Ivanhoe* numa extravagante figura romântica da cultura popular e, em 1982, da versão de *Hollywood*, com *Anthony Andrews* e *James Mason*.

Podemos, pois, concluir que *Scott* foi uma figura de culto no romanticismo europeu, que bem merece os monumentos que lhe foram dedicados e que contribuiu para a tomada de consciência de que as influências da poesia vão para além do âmbito literário e também devido ao seu modo diferente de combinar a história com a ficção.

PALAVRAS-CHAVE: *Ivanhoe*; Longevidade; Filmes

ABSTRACT

To celebrate the bicentenary of the publication of *Ivanhoe* (1819) we will demonstrate that the romance is famous because it contributed to the upsurge of interest for History and for the Middle Ages. When we hear about the recalcitrant and savage rebels of our days' graphic novels, we see that *Ivanhoe*, in the 19th century, was already acting as nowadays anti-heroes and he was their model and forerunner. Thus we see that Sir Walter Scott's fame has lasted for two centuries and that his name is still known all over the world. Scott (1771-1832) was born in the Borders, he studied at the University of Edinburgh, lived in the Trossachs, as in Stirlingshire and the Loch Katrine. In 1811, he bought Abbotsford House, where he organized a collection of antiques and a library containing 20.000 volumes. Besides being a successful writer, Scott contributed to the "myth" of the *Highlands* and for the use of the *kilt* and of the different *tartans*, as much with his literary work as with his cultural activities.

Now that his work is also accessible in the *E-texts*, as the Gutenberg Project and *Walter Scott Digital Archive* at the University of Edinburgh, we see that there is a recrudescence of interest and thus it is confirmed that he is still appreciated by a new generation of readers. Multiple studies about reception ascertain the way Scott's work was received and has influenced artistic production. Nowadays readers of Walter Scott are familiarized with the themes of Post-colonialism and, therefore, they recognize them in his narratives, and this justifies that there is still interest in reading, studying and editing his work as it deals with questions like political instability and violence, that result from mixing peoples and having fluid frontiers, that are well up-to-date topics. Thus, we see that significant literary works, like Scott's, still have interest and should be read even when their authors long ago have disappeared.

The proof of the longevity of Scott's work is also evident in the fact that there are cinema productions, which are inspired in it, as the film *Ivanhoe* (1952), with the actor Robert Taylor, and Walt Disney's version, of 1953, with Richard Todd, thus turning the legendary *Ivanhoe* into a flamboyant romantic figure of popular culture and, in 1982, the Hollywood version, with Anthony Andrews and James Mason.

We can thus conclude that Scott was a cult figure in European Romanticism, who well deserves the monuments that have been dedicated to him and has contributed to the awareness that the influences of poetry reach beyond the literary scope and also due to his different way of combining history with fiction.

KEY-WORDS: *Ivanhoe*; Longevity; Films

Retrato pintado por Sir Henry Raeburn, 1822

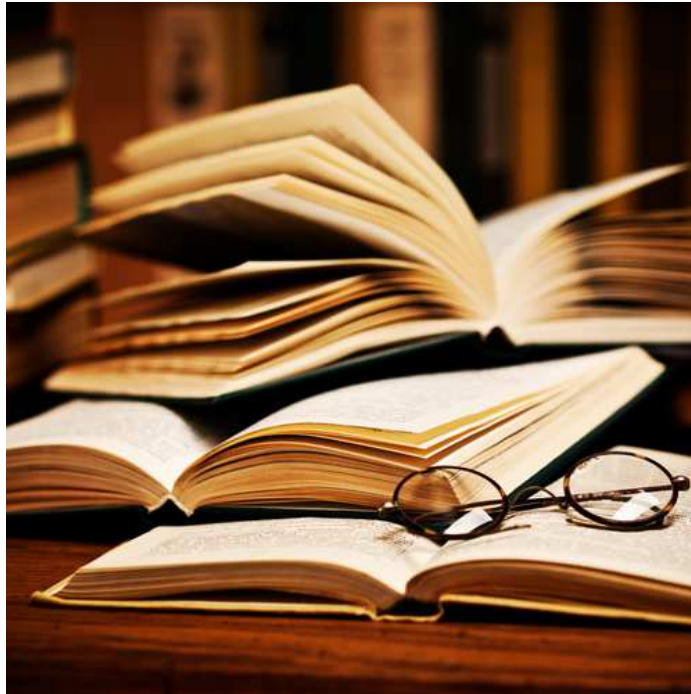


15

RECENSÕES CRÍTICAS



SUGESTÕES DE OBRAS PARA LEITURA



A fim de motivar os leitores a colaborarem na *Gaudium Sciendi*, incluímos neste número algumas sugestões de obras para leitura e eventual recensão crítica. Tal, porém, não significa que não continuemos a ter muito gosto em aceitar recensões críticas de publicações escolhidas pelos nossos colaboradores.

SUGESTÕES DE OBRAS PARA LEITURA

A Relação Médico Doente: Um Contributo da Ordem dos Médicos



Nesta excelente colectânea de ensaios escritos por médicos foca-se o tema da relação médico-doente e defende-se a ideia de que esta não deve ser um "desencontro mediado por tecnologias, para se obter a máxima eficiência estatística" mas sim uma relação de confiança.

Ao lermos este contributo da Ordem dos Médicos vemos que um grande número dos nossos clínicos pretende exercer uma Medicina personalizada que seja centrada na pessoa e em que haja empatia e compaixão.

INFORMAÇÕES SOBRE A OBRA:

Título: *A Relação Médico Doente – Um Contributo da Ordem dos Médicos*

SUGESTÕES DE OBRAS PARA LEITURA

Autor: Vários médicos da Ordem dos Médicos.

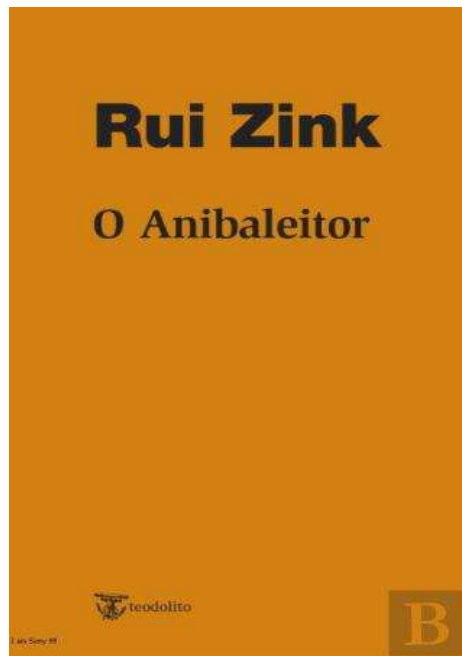
Editora: By The Book

Prefácio: Miguel Guimarães, Bastonário da Ordem dos Médicos

Data de publicação: 2019

Língua: Português

O Anibaleitor



Segundo a crítica Micaela Ghitescu, esta obra é "Uma pequena jóia que, uma vez lida, jamais se pode esquecer." Rui Zink, no seu estilo habitual, traz-nos, mais uma vez, uma publicação cuja leitura, apesar de parecer leve e divertida, é empolgante e revela toda a sua paixão por livros que, aliás, contagia o leitor.

Relata as aventuras de rapaz que procura um animal mítico, o "Aníbal Leitor", que é "muito grande" e todas as aventuras em que se envolve para o

SUGESTÕES DE OBRAS PARA LEITURA

encontrar. Na "Nota do Autor", fala-nos de livros e entusiasma os leitores a seguirem os mesmos caminhos que ele, com tanto gosto, seguiu.

INFORMAÇÕES SOBRE A OBRA:

Título: *O Anibaleitor*

Autor: Rui Zink

Editor: Teodolito

Data de publicação: 2014 (1ª edição 2006- Editora Teorema)

Língua: Português

Informações

INFORMAÇÕES SOBRE *GAUDIUM SCIENDI*

DIRECTORA: Maria Laura Bettencourt Pires

CONTACTOS:

Revista *Gaudium Sciendi*, Sociedade Científica, Palma de Cima 1649-023 Lisboa, Portugal

Telefone: +351 217 214 136; e-mail: gaudiumsciendi@fch.lisboa.ucp.pt

INTERNATIONAL STANDARD SERIAL NUMBER: ISSN 2182-7605

Gaudium Sciendi é uma revista electrónica da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa publicada desde 2012 com periodicidade semestral e acesso gratuito. Foi concebida para ser vista em formato digital num computador, num *tablet* ou outro dispositivo móvel. A publicação da *Gaudium Sciendi* através da Internet permite chegar a leitores em todo o mundo. Cria também novas oportunidades que incluem poder ser lida a qualquer hora e local e tanto em bibliotecas nacionais como estrangeiras.

Cada número poderá, obviamente, também - se o leitor assim preferir - ser impresso e encadernado e lido como um livro.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

A Revista *Gaudium Sciendi* oferece acesso livre e imediato ao seu conteúdo. Segue, assim, o princípio de que disponibilizar gratuitamente a informação científica ao público-leitor lhe proporciona a "alegria do saber" que está, aliás, implícita no seu título e contribui para uma maior democratização do conhecimento. Apesar disso, segue a directiva de privacidade em relação aos endereços e contactos dos autores.

OBJECTIVOS DA *GAUDIUM SCIENDI*

A actividade editorial da revista rege-se por princípios que visam assegurar a liberdade de iniciativa e de cooperação e, por isso, a *Gaudium Sciendi* aceita e incentiva a colaboração de todos os Associados da Sociedade Científica assim como a de académicos da Universidade Católica e de outras instituições, nacionais e estrangeiras, vocacionadas para a investigação, para o ensino e para a cultura, desde que pretendam servir os mesmos objectivos e valores que a norteiam, procurando assim motivar o intercâmbio interinstitucional.

A *Gaudium Sciendi* pretende ser um instrumento de divulgação dos objectivos e dos valores da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (SCUCP). Segue uma política editorial que tem também como um dos seus objectivos actuar como um constante vector de promoção do encontro entre investigadores, autores, estudantes e leitores, nos diversos momentos da sua vida científica e de formação académica. Outro dos seus propósitos é promover oportunidades para uma reflexão crítica e um diálogo sobre os temas apresentados e proporcionar ocasiões de debate intelectual e de cooperação académica, numa perspectiva interdisciplinar, que contribuam para desenvolver a formação e o interesse pela investigação científica dos seus leitores, sobretudo dos mais jovens. Para atingir essa meta, gostaria de contar com contribuições regulares dos associados das diferentes "Secções" da SCUCP, que incluem áreas tão variadas como: Ciências das Artes, Filosofia, Direito, História, Economia, Ciências do Ambiente, Literatura e Linguística, Educação, Teologia, Ciências Exactas e Naturais, Ciências Aplicadas e Engenharia, Ciências e Tecnologia da Saúde, Ciências Sociais e Políticas e Ciências da Comunicação e Informação. A revista aceita igualmente - e acolhe com muito gosto - colaborações de académicos de outras instituições, desde que sigam as políticas directivas da *Gaudium Sciendi* e as normas de submissão de artigos.

Outra das missões da *Gaudium Sciendi* é contribuir para manter os seus leitores - quer sejam associados da SCUCP, professores, actuais ou antigos estudantes ou investigadores da Universidade Católica - ligados à sua *alma mater*. Essa ligação pode fazer-se não apenas através da leitura regular mas também enviando artigos para a revista

ou, de forma mais intervencionista, textos mais breves para as Secções "Debate", "Cartas à Directora" e "Entrevistas".

A revista pretende ainda, dentro das suas possibilidades, contribuir para demonstrar publicamente – através das colaborações que recebe - que todos os que estão associados tanto à Sociedade Científica como à Universidade Católica têm orgulho de pertencer a estas instituições. Ao manter os leitores informados sobre resultados de investigações científicas em curso ou sobre o sucesso profissional de antigos alunos ou investigadores, assim como com a publicação de textos relacionados com eventos organizados pela Sociedade Científica e pela Universidade Católica, a *Gaudium Sciendi* pretende também contribuir para demonstrar como ambas as instituições têm influência na academia tanto em Portugal como no estrangeiro.

NÚMEROS TEMÁTICOS

Embora a revista esteja direccionada para a divulgação de trabalhos académicos, sendo portanto, regra geral, os temas livres, têm havido também alguns números temáticos que focam um tópico central, como "A Transversalidade Linguístico-Cultural da Bíblia" (Janeiro 2013), "Direito" (Julho 2013) e "O Conceito de Alma – Do Antigo Egipto ao Mundo de *Matrix*" (Junho 2014).

SECÇÕES

No âmbito da *Gaudium Sciendi* há várias secções, tais como Editorial, Artigos, Debates, Poesia, Recensões críticas e Entrevista.

INFORMAÇÕES AOS LEITORES

Convidamos os nossos leitores a enviarem-nos comentários sobre a revista em geral ou sobre algum dos artigos publicados. Poderão também inscreverem-se no serviço de notificação de publicação da revista, bastando para tal que nos enviem um *e-mail* nesse sentido. Essa inscrição permitirá ao leitor receber via *e-mail* um aviso da publicação de um novo número da *Gaudium Sciendi* assim como o sumário de cada nova edição. De acordo com a Política de Privacidade, a revista assegura aos leitores que os seus nomes e endereços informáticos não serão utilizados para outros fins.

INFORMAÇÕES PARA OS COLABORADORES

A revista aceita propostas de artigos para publicação sobre um amplo leque de tópicos em diversas áreas científicas. Quanto à Norma Ortográfica, a Direcção respeita a decisão pessoal dos autores relativamente à regra ortográfica da língua portuguesa que seguem nos seus textos. Relativamente às ilustrações, todas as imagens incluídas nos artigos da *Gaudium Sciendi* são da responsabilidade da Direcção a menos que os autores as tenham escolhido, sendo, nesse caso, indicado em nota.

INFORMAÇÃO PARA BIBLIOTECÁRIOS

Convidamos as bibliotecas a incluir a *Gaudium Sciendi*, assim como outras revistas de acesso livre, nos seus catálogos de revistas electrónicas. Este sistema de publicação é desenvolvido também para ser operado por bibliotecas universitárias, como a Biblioteca Universitária João Paulo II da Universidade Católica, dando assim apoio ao trabalho de publicação das revistas do seu corpo académico.

NORMAS DE SUBMISSÃO DE ARTIGOS

- Os artigos devem ser submetidos à *Gaudium Sciendi*, Revista *on-line* da Sociedade Científica, em formato electrónico, para o seguinte endereço: gaudiumsciendi@fch.lisboa.ucp.pt
- Os textos devem incluir, em nota de rodapé, um C.V. do autor com aproximadamente 1.720 caracteres incluído os espaços.
- Os artigos podem ser submetidos em Português, Inglês, Francês e Espanhol.
- As publicações devem conter, obrigatoriamente, um resumo em português e em língua estrangeira com cerca de 2.620 caracteres com espaço, seguido de palavras-chave, no máximo de cinco.
- Os ensaios não deverão exceder 52.360 caracteres com espaço (c. 20 pp. A4), incluindo os resumos, palavras-chave e bibliografia.
- As resenhas críticas não deverão ter mais de 7.854 caracteres com espaço (c. 3 pp. A4). Os colaboradores devem conservar em seu poder um duplicado de todo o material enviado para a *Gaudium Sciendi*.

FORMATAÇÃO

- **FORMATAÇÃO:** Word ou RTF, letra Calibri 12, alinhamento justificado, espaçamento entre linhas 1,5. Citações com mais de 3 linhas–espaçamento entre linhas 1.
- **TÍTULO:** Além do título do artigo, deve incluir o nome e a universidade do autor.
- **EPÍGRAFE** ou citação inicial (se houver): alinhada à direita, seguida de uma linha em branco.
- **PARÁGRAFO NORMAL:** justificado, indentação: esquerda: 0 cm, direita: 0 cm, primeira linha: 0,7cm.
- **CITAÇÕES COM MAIS DE TRÊS LINHAS:** separadas do texto por uma linha em branco, indentação: esquerda e direita 1 cm.
- **ASPAS E PARÊNTESES:** Devem ser sempre usadas aspas rectas "" e não curvas como «» e "" e parênteses curvos (...) em vez de rectos [...], excepto na indicação da data da 1ª edição nas bibliografias.
- **NOTAS:** Devem ser usadas notas de rodapé e não notas no fim do artigo.
- **VÍRGULAS E PONTOS FINAIS NAS CITAÇÕES:** Devem ser incluídos depois das aspas. Dois pontos e ponto e vírgula também devem ser colocados depois das aspas.
- **NÚMERO SOBRE ELEVADO (SUPERSCRIPT) INDICATIVO DAS NOTAS:** deve ser colocado depois do ponto final ou vírgula, dois pontos ou ponto e vírgula.
- **USO DE MAIÚSCULAS NOS TÍTULOS:** Devem ser seguidas as normas internacionais, incluindo o uso de maiúscula na primeira palavra do subtítulo depois dos dois pontos. Exemplo: *As Humanidades e as Ciências: Dois Modos de Ver o Mundo*.
- **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:** Tanto no texto, como nas notas de rodapé assim como nas referências bibliográficas no final dos artigos, devem ser seguidas as normas internacionais de *The Chicago Manual Style*.
- **IMAGENS:** Se os autores incluírem nos seus textos ilustrações, tabelas ou longas citações que tenham sido previamente publicadas noutra local são responsáveis pela obtenção dos respectivos direitos de autor, devendo comprová-lo à Direcção.

CONSELHO EDITORIAL



Os Conselhos Editoriais são uma antiga tradição em todas as revistas. Actualmente, embora não detenham o poder decisório de outros tempos, têm ainda um papel importante nas análises críticas que fazem de todos os materiais, sendo de sua responsabilidade zelar pelo conteúdo científico e pela imagem das publicações.

O Conselho Editorial da *Gaudium Sciendi* é o sector responsável pela edição e publicação da Revista, que tem por objectivo ser um veículo de difusão científica semestral e interdisciplinar de artigos de autores da Sociedade Científica da Universidade Católica e de outras instituições académicas que queiram ter seus trabalhos publicados e difundidos no país e no estrangeiro. Tem também como objectivo contribuir para a divulgação do pensamento crítico e da pesquisa. Uma das competências do Conselho é estabelecer a política editorial da publicação relativamente às suas diferentes Secções de Artigos, Recensões Críticas, Poesia e Cartas à Directora, colaborando, assim, directamente, com a Directora, que, por sua vez, articula com a Presidência da Sociedade.

O Conselho Editorial da *Gaudium Sciendi* é composto por três membros da Sociedade Científica, que são professoras da Universidade Católica e especialistas em diferentes áreas científicas. Na sua constituição, procurou-se a diversidade tanto nas áreas de ensino como nos níveis de senioridade.

COMPOSIÇÃO

O Conselho Editorial é constituído por professores doutorados que representam várias áreas do conhecimento e, actualmente, é composto pelos seguintes membros:

- Prof. Doutora Maria Laura Bettencourt Pires, Directora da *Gaudium Sciendi* e Investigadora Sénior do CECC.
- Prof. Doutora Ana Costa Lopes, Docente e Investigadora Sénior do CEPCEP e do CECC.
- Prof. Doutora Marília Lopes dos Santos, Docente e Investigadora Sénior do CECC.

COMPETÊNCIAS

O Conselho Editorial tem por finalidade principal viabilizar a publicação da revista electrónica *Gaudium Sciendi*, onde serão difundidos textos originais resultantes de actividades de investigação e ensino e cujo valor técnico, científico, artístico e literário tenha sido assegurado pelo Conselho de Avaliação (*Blind Peer Review*) da revista. Além de promover e divulgar a produção científica multidisciplinar da comunidade universitária em que se integra, a revista edita também artigos de autores nacionais e estrangeiros de outras instituições, desde que se articulem com a sua política editorial. O Conselho deve

igualmente ter o propósito de difundir novas ideias e, através da atenção prestada ao conteúdo e à técnica, apostar no desenvolvimento de um projecto editorial e de um *design* gráfico diferenciados, seguindo a tendência do actual mercado editorial universitário.

FUNCIONAMENTO

O Conselho Editorial reunirá, ordinariamente, de três em três meses, e extraordinariamente, quando convocado pelo Presidente da Sociedade Científica, pela Directora da revista ou pela maioria de seus membros.

CONSELHO CONSULTIVO



O Conselho Consultivo da *Gaudium Sciendi* é uma comissão externa permanente de aconselhamento científico que actua como órgão de consulta, apoio e participação na definição das linhas gerais de actuação da Directora da revista.

CONSTITUIÇÃO

O Conselho Consultivo é composto por académicos, investigadores e personalidades de reconhecido mérito e gabarito científico, tanto portugueses como estrangeiros, convidados pela Directora por serem especialistas nas matérias publicadas pela revista.

DECISÕES

As decisões do Conselho Consultivo são tomadas por maioria simples e não são vinculativas.

CANDIDATURAS

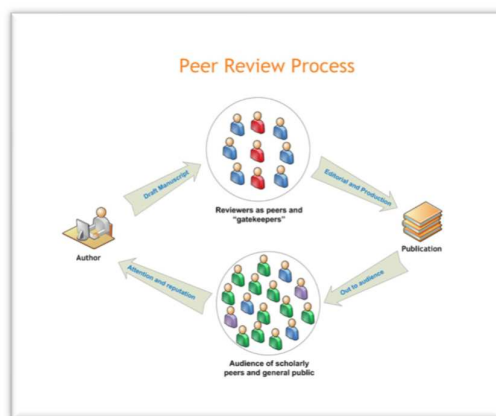
Os candidatos a membros do Conselho Consultivo são propostos pela Directora da *Gaudium Sciendi* ao Presidente da Direcção da Sociedade Científica, a quem cabe aceitar ou recusar a candidatura.

É uma honra e um aval científico para a *Gaudium Sciendi* que o seu Conselho Consultivo inclua nomes de académicos de tão grande prestígio internacional como os de:

- Luísa Leal de Faria (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Molefi Asante (Temple University), EUA
- Pedro Louzada da Fonseca (Universidade Federal de Goiás), Brasil
- Ian Campbell (University of Edinburgh), U K
- Dália Guerreiro (Universidade de Évora), Portugal
- Leonídio Ferreira (Direcção Diário de Notícias) Portugal
- Georges Rousseau (Oxford University), UK
- Ana Paula Machado (Universidade Aberta), Portugal
- Catarina Burnay (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Gerald Bär (Universidade Aberta), Portugal

CONSELHO DE AVALIAÇÃO

O êxito editorial da publicação depende da qualidade dos artigos publicados, que é, obviamente, assegurada pelos autores mas também pelo Conselho de Avaliação. Pertencendo, contudo, à Directora a última palavra no que se refere à edição pois é da sua responsabilidade assegurar a qualidade, a correcção e a variedade do conteúdo científico, que deverá, tanto quanto possível, ser interactivo.



Os textos enviados para a *Gaudium Sciendi*, desde que sejam adequados à linha editorial previamente estabelecida e não tenham sido publicados antes, serão avaliados pela Directora e revistos segundo o sistema de *Blind Peer Review* e submetidos, em regime de anonimato, ao parecer de especialistas da respectiva área científica, sendo o autor notificado da decisão do Conselho de Avaliação. O artigo não deverá conter qualquer indicação de autoria ou vínculo institucional, para que o material seja analisado de maneira absolutamente impessoal.

Nesse processo, os nomes dos avaliadores permanecem em sigilo, sendo também junto deles mantido o anonimato dos articulistas. Os dados relacionados à titulação, afiliação institucional e profissional devem ser inseridos apenas num dos exemplares enviados. Caso sejam necessárias informações adicionais que vinculem o texto ao autor, as mesmas serão mencionadas na versão final para publicação.

Dos pareceres emitidos, podem constar sugestões de alterações, acréscimos ou adaptações necessárias ao aprimoramento do texto examinado, a serem efectuadas com a concordância do autor. Após a aprovação dos textos, os autores são informados e feitos os necessários ajustes dos trabalhos de acordo com as normas de submissão de artigos da *Gaudium Sciendi*. Ao contrário do que sucede em algumas revistas universitárias, trata-se de um método de revisão que deve funcionar como um estímulo e não como um ataque e cujo objectivo principal é assegurar a qualidade e o mérito científico da publicação para benefício tantos dos leitores como dos autores.

A red, arrow-shaped button with a 3D effect and a reflection. The text "About us" is written in white, bold, sans-serif font inside the button.

About us

ABOUT US

CONTACTS

EDITOR: Maria Laura Bettencourt Pires

ADDRESS: *Gaudium Sciendi*, Sociedade Científica, Universidade Católica, Palma de

Cima, 1649-023, Lisboa Portugal e-mail: gaudiumsciendi@fch.lisboa.ucp.pt

INTERNATIONAL STANDARD SERIAL NUMBER: ISSN 2182-7605

Gaudium Sciendi is a bi-annual, open and free access online magazine published since 2012 by the Scientific Society of the Portuguese Catholic University. It has been conceived to be read online on a computer, a tablet or any other mobile device. The publication of *Gaudium Sciendi* on the Net reaches readers all over the world and creates new opportunities that include being accessible at any time and place, in Portuguese as well as in foreign libraries. It can also, if the reader prefers, be printed and read as a book.

OPEN ACCESS POLICY

The magazine offers freely to its readers the type of scientific information that gives them "the joy of knowing", as implicit in its title *Gaudium Sciendi* thus contributing to a better democratization of knowledge. Although following a policy of open access, the contacts of the authors will be kept private.

OBJECTIVES OF GAUDIUM SCIENDI

The editorial activity of the magazine follows principles aimed at assuring the freedom of initiative and cooperation and, therefore, *Gaudium Sciendi* accepts and encourages the collaboration of all the members of Sociedade Científica as well as of academics of the Catholic University and other Portuguese and foreign institutions who are interested in research, tuition and culture, if they want to attain the same objectives and values, thus trying to motivate inter-institutional interchange.

Gaudium Sciendi follows an editorial policy that also aims at establishing contacts and providing occasions for meetings and debates of researchers, authors, students and readers, in the different moments of their scientific career and academic education. Another of its purposes is to promote opportunities for a critical reflection and for a dialogue about the themes presented in the magazine and to provide occasions for an intellectual debate and for academic cooperation, in an interdisciplinary perspective, that contribute to develop the formation and the interest for scientific research among its readers, primarily the younger ones. To attain this goal, it would be good to have regular contributions of the associates of all the different "Sections" of SCUCP. The magazine also gladly accepts collaborations of academics of other institutions, if they follow the directives of *Gaudium Sciendi* and the rules for the submission of articles. *Gaudium Sciendi* also wants to contribute to keep its readers – whether they are SCUCP associates or professors, actual or former students or researchers at Universidade Católica – connected to their *alma mater*. That connection can be made not only by regularly reading the magazine but also by sending articles or, in a more intervening way, by writing short texts to the Sections "Debate", "Letters to the Editor" and "Interviews".

The magazine also wants, within the scope of its possibilities, to contribute to publicly demonstrate, through all the collaborations that it gets, that all those who are connected either to the Sociedade Científica or to Universidade Católica are proud to belong to those institutions. By keeping our readers informed about the results of undergoing scientific research or about the professional success of former students or researchers as well as with the publication of texts, which are related with events organized by Sociedade Científica and by Universidade Católica, *Gaudium Sciendi* also aims at contributing to demonstrate how both institutions are important in Portugal and abroad.

THEMATIC NUMBERS

Although one of the aims of *Gaudium Sciendi* is to publish of academic articles, whose themes are free, there are also some thematic numbers that focus a central topic, such as " The Linguistic-Cultural Transversability of the Bible" (January 2013), "The Law" (July 2013) and "The Concept of Soul – From Ancient Egypt to the World of Matrix" (June 2014).

INFORMATION FOR THE AUTHORS

We welcome contributions about a wide range of subjects from different research and scientific areas. The Editor is responsible for all the images included in the articles unless the authors have chosen the illustrations themselves and, in that case, it will be mentioned in a note.

BLIND PEER REVIEW

The articles will be anonymously submitted to blind peer-review by recognized scholarly experts on the theme.

SECTIONS

There are several sections in the magazine, such as the Editorial, Articles, Debates, Critical Reviews, Poetry, Interviews and Letters to the Editor.

RULES FOR PUBLICATION

1. The articles for publication, which should not have been printed previously, should be submitted to *Gaudium Sciendi*, the *on-line magazine* of Sociedade Científica, by e-mail to the following address: gaudiumsciendi@fch.lisboa.ucp.pt
2. The texts should include a footnote with a C. V. of the author of around 1720 characters including spaces.
3. The articles can be written either in Portuguese, English, French or Spanish.
4. The essays must include an abstract in Portuguese and in a foreign language with c. 2620 characters with spaces, followed by no more than five key-words.
5. The texts should not have more than 52.360 characters with spaces (20 pp. A4), including the abstracts, key-words and bibliography.
6. Book reviews should not have more than 7854 characters with spaces (3 pp. A4).
7. Format: Word or RTF, Size A4, font Calibri 12, Bold, justified, space between lines 1,5.
8. The authors should keep a duplicate of all the materials sent to *Gaudium Sciendi*.
9. Footnotes, bibliographical citations as well as bibliographical references at the end of the articles, should follow the international rules of *The Chicago Manual Style*.

EDITORIAL BOARD



Editorial Boards are a longstanding tradition in every newspaper. Nowadays, although they no longer have the deciding power they used to have, they still have an important role in the critical analysis they make of every material presented for publication, and it is their responsibility to watch over the scientific content and the public image of the publications.

The Editorial Board of *Gaudium Sciendi* is responsible for the edition and the publication of the magazine, which is published twice a year and whose objective is to be a means of transmission of scientific interdisciplinary articles written by members of Sociedade Científica of Universidade Católica and of other academic institutions who want to have their work published and acknowledged at home and abroad. It also has the objective of contributing to the knowledge and the disclosure of critical reflections and research. One of the capacities of the Board is the establishment of the editorial policy of the magazine regarding its different Sections such as Articles, Book Reviews, Poetry, and Interviews and, thus directly collaborating with the Director, who, on the other hand, is the link with the President of the Society.

The recently created Editorial Board of *Gaudium Sciendi* is composed by three members of Sociedade Científica, who are Professors at Universidade Católica Portuguesa and reknown scholars in different research areas. Both the diversity in the tuition fields and the levels of seniority were taken into account for the constitution of the Board.

ORGANIZATION

The Editorial Board is constituted by PhD Professors who represent several fields of knowledge and, nowadays, its members are:

- **Professor Maria Laura Bettencourt Pires, Chief Editor of *Gaudium Sciendi* and Senior Researcher of the Research Center for Communication and Culture.**
- **Professor Ana Costa Lopes, Executive Editor and Senior Researcher of the Research Center for Portuguese Culture and of the Research Center for Communication and Culture.**
- **Professor Marília dos Santos Lopes, Executive Editor and Senior Researcher of the Research Center for Communication and Culture.**

DUTIES AND OBLIGATIONS

The main objective of the Editorial Board is to assure the publication of the on-line

magazine *Gaudium Sciendi*, thus making known original texts that result both from teaching and research activities and are mainly produced by members of Sociedade Científica of Universidade Católica Portuguesa – once their technical, scientific, artistic and literary value have been assured by the *Blind Peer Review*. Besides promoting and publicizing the multidisciplinary scientific production of the academic community in which it is integrated, the magazine also publishes articles written by Portuguese and foreign authors from other institutions, if they follow the editorial policy. The Board must also aim at diffusing new ideas and - due to its care for the content and technological aspects – contributing to the development of an editorial project and search for a graphical *design* that is distinct from others, thus following the tendencies of our days academic editorial market.

MEETINGS

The Editorial Board will meet, as a rule, every three months and extraordinarily, whenever convoked by the President of Sociedade Científica, by the Director of the magazine or by the majority of its members.

ADVISORY BOARD

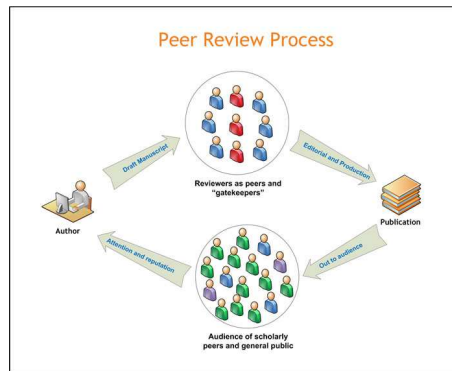
The Advisory Board of *Gaudium Sciendi* is an external permanent committee that gives scientific advice and support to the Director and participates in the definition of general editorial directives. It is constituted by Portuguese and international academics, researchers and other personalities, who, being well known for their merit and scientific level, are considered experts on the topics published by *Gaudium Sciendi*. The members are invited by the Director, who proposes their names to the President of the Society. The decisions of the Advisory Board are not mandatory.

The Advisory Board of *Gaudium Sciendi* is currently constituted by:

- Luísa Leal de Faria (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Molefi Asante (Temple University), EUA
- Pedro Louzada da Fonseca (Universidade Federal de Goiás), Brasil
- Ian Campbell (University of Edinburgh), U K
- Dália Guerreiro (Universidade de Évora), Portugal
- Leonídio Ferreira (Direcção Diário de Notícias) Portugal
- Georges Rousseau (Oxford University), UK
- Ana Paula Machado (Universidade Aberta), Portugal
- Catarina Burnay (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Gerald Bär (Universidade Aberta), Portugal

BLIND PEER REVIEW

The editorial success of the magazine depends on the scientific quality of the articles, which is, obviously assured by the authors but it also depends on the Blind Peer Review Process of evaluation. The Editor, being responsible for the quality, the correction and the variety of the scientific material published in the magazine, has, however, the last word.



The texts sent to *Gaudium Sciendi*, which should not have been published previously, will be evaluated by the Editor and then reviewed according to the *Blind Peer Review Process*. The names of the members of the Blind Peer Review Board as well as those of the authors, whose texts they evaluate, are kept secret. The writers will be informed of the evaluation of their texts and also of any required correction.